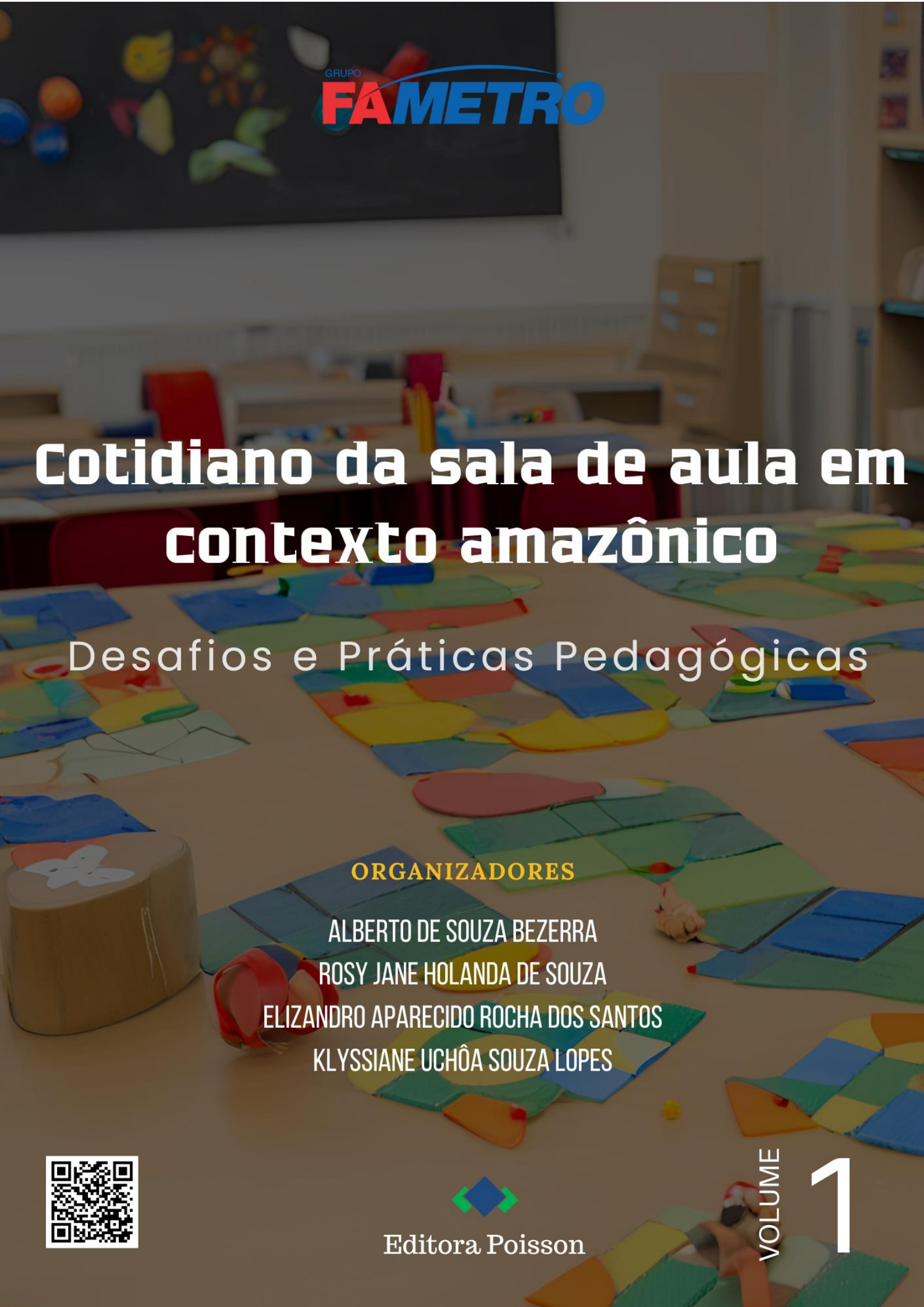

Cotidiano da sala de aula em contexto amazônico

Desafios e Práticas Pedagógicas

ORGANIZADORES

ALBERTO DE SOUZA BEZERRA

ROSY JANE HOLANDA DE SOUZA

ELIZANDRO APARECIDO ROCHA DOS SANTOS

KLYSSIANE UCHÔA SOUZA LOPES

Editora Poisson

VOLUME 1

Alberto de Souza Bezerra
Rosy Jane Holanda de Souza
Elizandro Aparecido Rocha dos Santos
Klyssiane Uchôa Souza Lopes
Organizadores

Cotidiano da sala de aula em contexto amazônico
Desafios e Práticas Pedagógicas
Volume 1

1ª Edição

Belo Horizonte
Editora Poisson
2024

Editor Chefe: Dr. Darly Fernando Andrade

Conselho Editorial

Dr. Antônio Artur de Souza – Universidade Federal de Minas Gerais
Ms. Davilson Eduardo Andrade
Dra. Elizângela de Jesus Oliveira – Universidade Federal do Amazonas
MSc. Fabiane dos Santos
Dr. José Eduardo Ferreira Lopes – Universidade Federal de Uberlândia
Dr. Otaviano Francisco Neves – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais
Dr. Luiz Cláudio de Lima – Universidade FUMEC
Dr. Nelson Ferreira Filho – Faculdades Kennedy
Ms. Valdiney Alves de Oliveira – Universidade Federal de Uberlândia

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

C844

Cotidiano da sala de aula em contexto amazônico
Desafios e Práticas Pedagógicas – Volume 1/
Organização: Alberto de Souza Bezerra, Rosy Jane
Holanda de Souza, Elizandro Aparecido Rocha dos
Santos, Klyssiane Uchôa Souza Lopes – Belo
Horizonte MG: Editora Poisson, 2024

Formato: PDF
ISBN: 978-65-5866-410-9
DOI: 10.36229/978-65-5866-410-9

Modo de acesso: World Wide Web
Inclui bibliografia

1. Educação 2. Ensino I. BEZERRA, Alberto de Souza
II. SOUZA, Rosy Jane Holanda de III. SANTOS, Elizandro
Aparecido Rocha dos IV. LOPES, Klyssiane Uchôa Souza
V. Título

CDD-370

Sônia Márcia Soares de Moura – CRB 6/1896

O conteúdo deste livro está licenciado sob a Licença de Atribuição Creative Commons 4.0.
Com ela é permitido compartilhar o livro, devendo ser dado o devido crédito, não podendo ser utilizado para fins comerciais e nem ser alterada.

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos seus respectivos autores.

Esse e outros títulos podem ser baixados gratuitamente em www.poisson.com.br
Entre em contato pelo contato@poisson.com.br

Organizadores

Alberto de Souza Bezerra

Graduação em PSICOLOGIA pela Universidade Federal do Amazonas (2003), Psicopedagogia pela GAMA FILHO (2010) e Mestrado em EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS NA AMAZÔNIA pela Universidade do Estado do Amazonas (2014). Professor nível(II) superior e Pós-Graduação. Pesquisador do POE/CAPES/UEA. Tem experiência na área de Psicologia, com ênfase em Psicopedagogia, atuando principalmente nos seguintes áreas: atendimento psicopedagógico, psicoterapia, palestras sócio-educativas, elaboração de Projetos, Coordenador do Curso de Psicologia UNINASSAUManaus, Coordenador do Núcleo de Atendimento Psicopedagógico/NAPP, Coordenação de Programas e Projetos Sociais.Coordenador Acadêmico de Mestrado Profissional ITEGAM/Manaus.Atualmente Gestor da Unidade Fametrozonasul/ Cachoeirinha no Instituto Metropolitano de Ensino - IME, Unidade ZS. Professor de Teoria e Sistema, Psicologia: Processos, Aprendizagem e Inteligência. Psicologia e Comportamento, Metodologia do Estudo, Metodologia Científica, Metodologia da Pesquisa, Orientação de TCC, Orientação de Artigos Científicos, Fundamentos Psicológicos,Introdução à Psicologia, Psicologia aplicada a Nutrição, Psicologia Social, Psicologia da Comunicação, Comportamento Organizacional, Psicologia Jurídica e áreas afins. Professor em Pós-graduação com as disciplinas de Psicologia Clínica com ênfase em Psicologia Infantil e Psicologia da Aprendizagem. Coordenador Acadêmico Mestrado do ITEGAM/UFPA. Professor de Pós-Graduação de Metodologia da Pesquisa Científica e orientação Artigo Científico no ESP/ESB/UNINORTE. Publicações: BEZERRA, A. S.; DUARTE, M.P. Prevenção ao fenômeno Bullying: um estudo com grupos focais sobre o papel social do professor. Curitiba: CRV, 2010, v.1. p.88. BEZERRA, A. S.; JESUSORG., S. N.; TIETBOHL, G. EDUCAÇÃO, CULTURA E CIDADANIA. Manaus: BK editora, 2009, v.1. p.356.

Rosy Jane Holanda de Souza

Graduação em Administração pela Universidade Federal do Amazonas e Mestrado em Administração pela Universidade Federal de Pernambuco. Trabalhou como Analista de RH na Telemar Norte Leste e como professora e coordenadora de administração e dos Tecnólogos em Gestão da Faculdade Martha Falcão e UNINORTE. Atualmente docente e na coordenação local dos cursos no Instituto Metropolitano de Ensino - IME na Zona Sul Cachoeirinha

Organizadores

Elizandro Aparecido Rocha dos Santos

Graduado em Normal Superior pela Universidade do Estado do Amazonas - UEA e Tecnólogo em Estética, Beleza e Imagem Pessoal pelo Centro Universitário do Norte - UniNorte/Laureate, Especialista em Estética, Beleza e Imagem Pessoal e Metodologia do Ensino Superior. Palestrante em eventos voltados ao ensino profissionalizante no mercado estético, cosmético e pedagógico (metodologias ativas). Gestor e Consultor em técnicas produtivas em empreendimentos de Imagem Pessoal, Estética e Cosmética. Membro atuante de associação de classe. Atuação como professor do curso de Tecnologia em Estética e Cosmética do Centro Universitário do Norte - UniNorte/Laureate, professor do curso Tecnologia em Estética e Cosmética do Centro Universitário de Ensino Superior do Amazonas- CIESA. e professor do curso Tecnologia em Estética, Cosmética e Coordenador do curso de licenciatura em pedagogia do Instituto Metropolitano de Ensino - IME.

Klyssiane Uchôa Souza Lopes

Graduada em Pedagogia pelo Centro Universitário Nilton Lins. Especialização em Psicopedagogia pelo Centro Universitário Nilton Lins. Especialista em Transtornos de Aprendizagem. Com experiência em Gestão de Processos Pedagógicos, Acadêmicos e Administrativos na educação básica e superior. Atuo com gestão educacional na educação básica em escola privada. Atuo como professora universitária do Instituto Metropolitano de Ensino – IME nas disciplinas de Estagio Supervisionado, Fundamentos da Educação Especial, Tecnologia da Educação e Políticas Públicas na Educação. Possuo mais de 10 anos de atuação como líder de equipes e gerenciamento de conflitos.

Prefácio

Pensar em educação nos tempos atuais com o advento das Tecnologias da Informação e da Comunicação - TICs é pensar no processo de Ensino e Aprendizagem sob a perspectiva dos mais diversificados contéudos que contribuem para a formação e informação dos acadêmicos do Curso de Pedagogia.

Neste contexto encontram-se um número de discentes de Pedagogia que, sensibilizados e conscientes de seu papel socioeducacional, propuseram-se pesquisar, ler, refletir e propor temas que pudessem contribuir para a discussão da importância do pedagogo nos mais diversificados setores da sociedade.

Problematizar como processo de busca do conhecimento e possíveis direcionamentos para uma educação libertadora e em consonância com as questões emergenciais na qual se encontra a educação no Brasil se tornou o viés que motivou os alunos do Curso de Pedagogia da Fametro em contribuir para que os educadores possam pensar e repensar seu fazer em salas de aulas, e em espaços não formais de educação, o qual o ato de educar se faz necessário.

Parafraseando Paulo Freire que, com todo seu conhecimento, prática pedagógica, dedicação e amor a educação enfatizou para a importância do ensino através da "pedagogia do questionamento" como caminho para dirigir o estudo, respeitando sempre o papel do educador e educando no processo de ensinar e aprender.

Durante os anos de formação acadêmica, os discentes do Curso de Pedagogia estudaram, refletiram, pensaram e repensaram sobre seu futuro papel enquanto pedagogo e tiveram a oportunidade de propor temas, com artigos científicos, que contribuíssem para o processo de ensino e aprendizagem.

Neste contexto propuseram temas relevantes e de extrema importância para a educação, dentre os quais destamos o artigo sobre a música que nos faz pensar e refletir para a importância do cantar como facilitador do ato de ensinar, tornando o ator de aprender prazeroso para as crianças: a pesquisa sobre a educação socioemocional no contexto escolar que propõe o estudo sobre a situação de vulnerabildiade social e econômica na qual vivel as crianças de 6 a 7 anos; a importância da participação da familia no processo

Prefácio

de ensino e aprendizagem, o que tem se tornado um desafio para educadores, o sensibilizar pais e/ou responsáveis legais para a importância da participação em todo processo de aprendizagem da criança, assim como, a importância da afetividade entre pais e filhos, como agente facilitador do ensino e da apensizagem; enfatizaram a importância do estudo e reflexão do lúdico como ferramenta de aprendizagem em crianças portadoras do Transtorno de Oposição Desafiante (TOD) e Transtorno do Déficit de Atenção com

Hiperatividade (TDH) no ambiente escolar; Destacaram as contribuições do emprego das tecnologia e de metodologias ativas como ferramentas que facilitam a aprendizagem de crianças, jovens e adultos e por fim, ao propor a reflexão da importância do papel do pedagogo além do ambiente escolar e destacar a atuação do profissional de pedagogia no acompanhamento de crianças, jovens e adultos em hospitais, confirma que a formação acadêmica suscitou nos acadêmicos do Curso de Pedagogia da Fametro o comprimisso que leva em consideração uma educação para todos e em todos os espaços na qual se possa atuar como profissonal de pedagogia.

Que a leitura dos artigos inspire, sirva de reflexão e incentivo para mais publicações pelos futuros alunos do Curso de Pedagogia da Unidade Cachoeirinha e que possa contribuir no processo de ensino e aprendizagem de pedagogos e professores que amam o ato de educar.

Finalizando aproveito a oportunidade para agradecer aos acadêmicos do Curso de Pedagogia do Centro Universitário Fametro, Unidade Zona Sul, pela publicação dos artigos científicos.

Alberto de Souza Bezerra
Gestor da Unidade Fametro-Cachoeirinha/Zona Sul
Grupo Fametro

SUMÁRIO

Capítulo 1: A música como influência no processo de aprendizagem das crianças na educação infantil..... 10

Adriana Mota Linhares do Nascimento, Áurea Tânia Michiles Rodrigues, Valéria Sampaio Tavares Brasil, Klyssiane Uchôa Souza Lopes

DOI: 10.36229/978-65-5866-410-9.CAP.01

Capítulo 2: A importância da educação socioemocional no contexto escolar para crianças de 6 a 7 anos em situação de vulnerabilidade socioeconômica 19

Ana Kesia Pinheiro Figueira, Joana Victória Cavalcante de Souza, Miriã dos Santos da Silva, Wemylla Glicya da Silva Rodrigues, Klyssiane Uchôa Souza Lopes

DOI: 10.36229/978-65-5866-410-9.CAP.02

Capítulo 3: A importância da afetividade no processo de aprendizagem: como a parceria entre escola e família pode favorecer o desenvolvimento educacional da criança..... 29

Andreina Araújo da Silva, Brenda Brito Barbosa, Victoria Stefanny Marques Moreira, Klyssiane Uchôa Souza Lopes

DOI: 10.36229/978-65-5866-410-9.CAP.03

Capítulo 4: Metodologias ativas e suas contribuições no processo de alfabetização e letramento..... 38

Ariele Costa Albuquerque, Mágda Simas Oliveira, Liziele Carvalho Vieira, Silene dos Santos Almeida, Klyssiane Uchôa Souza Lopes

DOI: 10.36229/978-65-5866-410-9.CAP.04

Capítulo 5: A abordagem pedagógica no ambiente de saúde e suas aplicabilidades . 48

Débora Cristina N. de Oliveira, Janaina Firmo da Silva, Luciana de Fátima da S. Lima, Silvia Helena Silva Gomes, Pollyane Pinheiro Martins

DOI: 10.36229/978-65-5866-410-9.CAP.05

Capítulo 6: A importância do lúdico para o desenvolvimento cognitivo e social nos anos iniciais..... 57

Débora Souza de Lima, Regimar de Souza Rodrigues, Tânia Maria Pereira de Aragão Cordeiro, Pollyane Pinheiro Martins

DOI: 10.36229/978-65-5866-410-9.CAP.06

Capítulo 7: O lúdico como ferramenta no processo de aprendizagem dos alunos com TDAH na educação infantil 67

Fabiane Silva de Castro Neves, Fernanda Rodrigues Ferreira, Wendy Vitória de Oliveira Batista, Klyssiane Uchôa Souza Lopes

DOI: 10.36229/978-65-5866-410-9.CAP.07

SUMÁRIO

Capítulo 8: O emprego das tecnologias educacionais na dinâmica do ensino-aprendizagem 76

Fabíola Mendes de Carvalho Pimenta, Miriene de Souza Maciel, Samara dos Santos Martins Branches, Klyssiane Uchôa Souza Lopes

DOI: 10.36229/978-65-5866-410-9.CAP.08

Capítulo 9: Dificuldades de desenvolvimento e aprendizagem de crianças portadoras do Transtorno Opositor Desafiador (TOD) nos anos iniciais do ensino fundamental 83

Gleice Kelly do Nascimento Casimiro, Manoel Gustavo dos Santos Rocha, Mirlena Rubem Andrade Cortez, Klyssiane Uchôa Souza Lopes

DOI: 10.36229/978-65-5866-410-9.CAP.09

Capítulo 1

A música como influência no processo de aprendizagem das crianças na educação infantil

Adriana Mota Linhares do Nascimento[1]
Áurea Tânia Michiles Rodrigues[2]
Valéria Sampaio Tavares Brasil[3]
Klyssiane Uchôa Souza Lopes[4]

Resumo: Este artigo tem o objetivo de apresentar a música como influência no processo de aprendizagem das crianças na educação infantil, como componente curricular, contribuindo com a formação da criança, no desenvolvimento de suas habilidades motoras e cognitivas. A música não tem apenas sua contribuição nos sons e palavras, mas desperta no ser humano um mundo de grandes descobertas, onde o corpo e a mente ficam satisfeitos com aquilo que se aprende. A música é um estímulo que leva a criança cada vez mais a se expressar através de sentimentos e emoções. A música por si só, é um instrumento motivador que desperta imaginação e abre portas para uma aprendizagem lúdica, na qual a criança tende a se socializar cada vez mais, através de metodologias que são desenvolvidas no dia a dia, por meio de atividades lúdicas e dinâmicas que colaboram com a comunicação, com a socialização e o imaginário da criança, fundamental para a realização das tarefas.

Palavras-chave: Educação Infantil. Música. Aprendizagem.

[1] Graduanda do curso de Pedagogia do Centro Universitário Fametro
[2] Graduanda do curso de Pedagogia do Centro Universitário Fametro.
[3] Graduanda do curso de Pedagogia do Centro Universitário Fametro.
[4] Especialista em Psicopedagogia. Centro Universitário Nilton Lins.

1. INTRODUÇÃO

A música na educação infantil chega a ser uma ferramenta primordial, como um poderoso recurso didático, oferecendo dinâmicas e levando ludicidade como auxílio a todas as disciplinas e tornando o ambiente escolar mais alegre e agradável. Assim com todos esses benefícios que ela oferece às crianças interagem, de forma solícita. Proporcionando desta forma a concentração e a socialização dos pequenos. Sendo assim, decidimos analisar com mais clareza quanto a utilização da música e sua importância em sala de aula, principalmente no que diz respeito à educação infantil. O artigo 26 da LDB (LEI DE DIRETRIZES E BASE), que trata sobre o currículo na Educação Básica determina que "a música deverá ser conteúdo obrigatório, mas não exclusivo, do componente curricular de que trata o § 2 deste artigo" (LDB n. 9.394/96).

Partindo deste pressuposto, podemos destacar que a criança ao se deparar com a música, novos horizontes se abrem como um instrumento facilitador no processo de ensino aprendizagem, buscando compreender melhor a importância da música e seus fatores, surgiu o seguinte questionamento: De que maneira a música pode influenciar no desenvolvimento e no processo de ensino aprendizagem das crianças na educação infantil?

Nas palavras de Delalande, (2019:34), o prazer que o bebê tem ao "exercitar no vazio "suas possibilidades motoras na relação com o ambiente seria correto a satisfação própria à execução instrumental de todas as idades, o controle dos sons pelo gesto, no que tange ao jogo simbólico. Assim como as crianças imitam o real, em jogo de faz de conta, a música também proporciona tal operação, "os músicos não fazem som pelo som, [...]" (DELALANDE, 2019: 36). A criança quando estimulada consegue desenvolver os sentidos, ampliando o seu conhecimento através do movimento do seu corpo, sobre as habilidades sonoras de cada som, construindo uma aprendizagem significativa e construtiva, proporcionando momentos prazerosos.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1. OS PRIMEIROS CONTATOS DA CRIANÇA COM O MUNDO MUSICAL

Os primeiros contatos da criança com o mundo musical, acontecem no útero materno, recebendo uma grande estimulação sonora visto que o feto já é receptivo aos sons que circulam no exterior. Ao decorrer dos meses, a criança dentro do ventre já começa a se esticar, a se comunicar ao ouvir os sons sonoros, podendo ser a voz da própria mãe, pai e ou de um familiar do convívio rotineiro, os sons acompanham durante a vida inteira, desenvolvendo o sentimento de prazer, alegria e a noção corporal.

Depois de alguns períodos de gestação entre os 20° a 24° semanas, o feto já tem o aparelho auditivo desenvolvido, tornando-se capaz de identificar os sons que são provenientes da mãe, o som do coração, do estômago, circulação periférica e até a respiração, bem como dos passos de sua mãe. Sobre isso, Brito (2003) descreve que:

> Na fase intrauterina os bebês já convivem com um ambiente de sons provocados pelo corpo da mãe, como o sangue que flui nas veias, a respiração e a movimentação dos intestinos. A voz materna também constitui material sonoro especial e referência afetiva para eles. " (BRITO, 2003, p. 35).

A música estimula as áreas do cérebro da criança, promovendo o seu desenvolvimento, percepção espacial e a matemática, por isso o primeiro contato é de suma importância ainda na primeira infância. A música estabelece um campo favorável para criar uma imaginação propícia ao conhecimento de cada um, pois apresenta sentimentos e culturais que modificam a aprendizagem. Como diz Brito (2004), "é difícil encontrar alguém que não se relacione com a música de um modo ou de outro: escutando, cantando, dançando, tocando instrumentos ou por diversas razões".

Como não imaginar uma criança ouvindo uma música, e não balançar o corpo ouvindo o som de cada instrumento, podendo perceber como ele é apto a receber e a realizar uma ação imediata, conseguindo compreender o seu mundo a sua volta visto que a música deixa o lugar mais aprazível possível para uma vivência melhor, mas para que isso ocorra é fundamental que a criança seja instigada e estimulada desde pequena.

É nítido notar a forma como a música está presente desde cedo, trazendo consigo a evolução do desenvolvimento de cada criança, despertando a curiosidade da percepção da audição, do movimento do corpo e da criação de memórias, dos gostos musicais e da cultura no cotidiano de cada ser humano. Borges (2003) observa que:

> Música é arte e seu papel na educação Infantil é o de proporcionar um momento de prazer ao ouvir, cantar, tocar e inventar sons e ritmos. Por este caminho, envolve o sujeito como um todo, incluindo, beneficamente, nos diferentes aspectos de sua personalidade: suscitando variadas emoções. Liberando tensões, inspirando ideias e imagens, estimulando percepções, acionando movimentos corporais e favorecendo as relações interindividuais.

Portanto, a música é um instrumento facilitador, que ajuda na criatividade, estimulando a criança no seu desenvolvimento da sensibilidade, na percepção auditiva entre outros benefícios. A música é componente de suma importância para o avanço da criança, visto que ela contribui para o crescimento e a transformação de uma educação, a qual estimula a memória e a inteligência de cada pessoa.

2.2. A MÚSICA COMO INSTRUMENTO FACILITADOR DO PROCESSO DE APRENDIZAGEM NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Em relação a música, podemos afirmar mediante teorias e conceitos que ela sempre existiu na vida das pessoas desde bem pequenas. Desta forma, na concepção de Delalande (2019 - 34), o prazer que o bebê tem em "exercitar no vazio" suas possibilidades motoras na relação com o ambiente seria correlato a satisfação própria à execução instrumental em todas as idades o controle do som pelos gestos. Pois os gestos e os movimentos corporais estão ligados e conectados com o trabalho musical, e o desenvolver em prática, implica tanto em gestos como em movimentos.

Por conseguinte, a música na educação infantil, vai muito mais do simples entreter a criançada, ela trabalha as mais importantes habilidades que são essenciais para o desenvolvimento dos alunos nesse processo do ensino do saber, existe música para todos os gostos e datas comemorativas do ano, assim como, o dia dos pais, o dia das mães, o dia da árvore, a hora do lanche, a hora de escovar os dentes, assim como as que apresentam

as letras os números, canções essas que podem ser acompanhadas com gestos corporais, podendo gesticular pelas crianças de forma mecânica e estereotipada (BRASIL, 1998).

É preciso que a criança seja habituada a se expressar musicalmente desde os primeiros anos de sua vida, para que a música venha a se constituir numa faculdade permanente de seu ser:

> [...] A música é uma das mais antigas e valiosas formas de expressão da humanidade e está sempre presente na vida das pessoas. Antes de Cristo, na Índia, China, Egito e Grécia já existiam uma rica tradição musical. Na antiguidade, filósofos gregos consideravam a música como uma dádiva divina para o homem [...] (FERNANDES, 2009, s.n.).

Partindo desta constatação, podemos perceber que a música por si própria trabalha o estímulo da percepção espacial, de habilidades cognitivas, como a disciplina, a imaginação, assim como a imaginação, além do desenvolvimento da linguagem, tanto falada como corporal. Geralmente elas seguem acompanhadas com os gestos corporais. (BRASIL, 1998, p.47).

Nesse contexto, percebe-se a música como uma potente ferramenta, que proporciona grandes benefícios como a concentração, e levando à criança a se exercitar ao mesmo tempo, através dos sons e das influencias que a música proporciona, de maneira lúdica e dinâmica, (BRASIL, 1998, p.45), "[...] a linguagem que se traduz em formas sonoras, capaz de expressar e comunicar e estimular sensações, sentimentos e pensamentos por meio da organização e relacionamento expressivo entre o som e o silêncio".

2.3. A MÚSICA COMO MEIO DE APRENDIZAGEM: ASPECTOS TEÓRICOS

A musicalidade faz-se necessária no dia a dia das crianças, nas diversas fases da vida ou no cotidiano escolar, contribuindo e favorecendo para a formação do indivíduo. Para FARIA **(**2001, p. 24). "Desde sempre a musicalidade fez parte da vida das pessoas, assim como sempre fez parte do cotidiano, desenvolvendo a socialização e despertando nelas o interesse pelo descobrimento, podendo dar vida ao ambiente escolar facilitando a concentração, além de despertar neles o senso de criação e recriação". Facilitando o desenvolvimento do raciocínio.

Nessa fase, a criança começa o seu primeiro relacionamento multicultural em relação a música com o mundo, haja vista que aqui também ela começa a se socializar, interagindo com o outro, através do estímulo, da interação, da repetição de palavras significativas ao seu desenvolvimento, promovendo aprendizado integral da criança. Quanto mais ela ouvir mais ela aprende, facilitando desta forma, o seu aprendizado, a repetição faz parte do processo. Neste sentido o RCNEI (1998) descreve ainda que, "A musicalidade fez parte da educação desde muito tempo, sendo, na Grécia Antiga, considerada como fundamental na formação das pessoas, ao lado da Matemática e da Filosofia.

Podemos constatar em diversas escolas, que há um percentual no despreparo dos profissionais da área da educação infantil, ao salientarmos a necessidade de apoio, e o acesso a material necessário e recursos pedagógicos para as práticas, a fim de serem

desenvolvidas nas aulas, visto que há falta da aplicação das políticas públicas, e dos recursos a serem utilizados nesses planos, já que uma boa aula necessita de conteúdos lúdicos e dinâmicos. “De certa forma a música favorece trabalhar a personalidade dos pequenos, promovendo na criança desenvolver hábitos saudáveis, atitudes, sensações, comportamentos e emoções” (Gainza 1988, p. 95).

De acordo com Teca Alencar Brito (2004) é muito importante trabalhar a música antes mesmo do aprendizado do código convencional num processo continuado de construção. Na área pedagógica a música se estende como um processo de construção contínuo desenvolvendo múltiplas sensações. É aqui que começa a construção dos escritores, artistas, atores, compositores, e tantas outras opções de profissionalismo que a música influencia proporcionando metodologias ativas.

Mediante essas afirmativas podemos analisar as concepções de Delalande (1995) e fazer uma relação da música com o jogo infantil piagetiano, onde a música relaciona as atividades lúdicas com jogo, usando as três dimensões que se fazem presentes na música: sensório motor, simbólico e com regras. Trazer para a sala de aula, de forma que o chame à atenção para que possam se relacionar com elas mesmas de acordo com cada fase do seu desenvolvimento. Ao utilizar a musicalização no contexto diário, abrem-se novas oportunidades de descobertas e conhecimentos, proporcionando grandes e pequenas alternativas no mundo da criança. Tanto dentro da sala de aula como fora dela.

Nessa mesma linha, Bréscia (2003, p. 15) afirma:

> O trabalho e musicalização devem ser encarados sob dois aspectos: os aspectos intrínsecos à atividade musical, isto é, inerentes à vivência musical; alfabetização musical e estética e domínio cognitivo das estruturas musicais; e os aspectos extrínsecos à atividade musical, isto é, decorrentes de uma vivência musical orientada por profissionais conscientes, de maneira a favorecer a sensibilidade, a criatividade, o senso rítmico, o ouvido musical, o prazer de ouvir música, a imaginação, a memória, a concentração, a atenção, a autodisciplina, o respeito ao próximo, o desenvolvimento psicológico, a socialização e a efetividade, além de originar a uma efetiva consciência corporal e de movimento.

Neste sentido, percebemos que a música é sempre um jogo, dentre tantos é importante que ela seja aceita como forma de atividade lúdica e dinâmica no desenvolvimento da educação infantil. A música como tantas outras ferramentas muito tem produzido para o crescimento intelectual da criança, tornando o ambiente atrativo e dinâmico. Com ela, podemos utilizar os próprios materiais de sala como instrumentos para desenvolver atividades criando ritmos, sons, batendo palmas, batendo na coxa, estalando os dedos, podendo usar também, ” tambores, maracás, guizos, carrilhão, pianos [...], pratos, violão, caneta, escatela, e outros materiais podem ser utilizados nesta exploração”, afirma Carneiro 2006. Desse modo também, podendo usar as músicas conhecidas pelas próprias crianças, tornando a atividade mais prática e criativa além de animada.

Portanto ao usar a cantiga de roda por exemplo, podemos ver que nela se trabalha a cultura popular, a socialização, aprendendo a respeitar o direito dos colegas, as crenças, assim como combate o preconceito, além de outros benefícios que ela proporciona para o

aprendizado das crianças, contribuindo com o desenvolvimento social, cognitivo e afetivo dos alunos. Pois com a música se aprende brincando.

2.4. A MUSICALIDADE COMO DESENVOLVIMENTO GLOBAL DA CRIANÇA

Compreende-se que desde a gestação a música está em sintonia com a criança, através de sua capacidade criadora e expressiva. Sendo assim a musicalidade é uma ferramenta no tocante à aprendizagem a ser desenvolvida na primeira etapa da educação básica. Desta forma, de acordo com pesquisas realizadas por Brito (2003), Rosa (1990) afirma que a infância é um dos principais momentos de percepção do ambiente, pelo fato de a criança ser estimulada pelas ações que ocorrem ao seu redor. Nesse contexto, a DCNEI cita que: a musicalidade se insere na educação infantil como uma linguagem fundamental para a construção da criança. Nessa perspectiva a DCNEI afirma:

> Ouvir música, aprender uma canção, brincar de roda, realizar brinquedos rítmicos, jogos de mão, etc., são atividades que despertam, estimulam e desenvolvem o gosto pela atividade musical, além de atenderem a necessidades de expressão que passam pela esfera afetiva, estética e cognitiva (BRASIL, 1998, p. 48).

Assim sendo a finalidade não deve ser vista para formar os alunos em músicos, todavia deve ser utilizada como um utensílio o qual possibilita adentrar à cultura, ao processo de compreensão da linguagem da música. Conforme Wolffenbüttel (2017):

> A música tem sua contribuição para o desenvolvimento cognitivo e motor, despertando a criatividade, formando novos hábitos, atitudes, disciplina, etc.; portanto, a prática pedagógica faz com que se conquiste novos acréscimos no processo ensino-aprendizagem, ampliando as metodologias, alcançando mais e melhores resultados (WOLFFENBÜTTEL, 2017).

Diante do que já foi mencionado, essa ferramenta traz consigo a possibilidade de autoconhecimento do corpo, o convívio social, a construção da autonomia e identidade, do cognitivo, fortificação dos tônus musculares, do movimento como já foi mencionado, entre outros benefícios.

3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Esse trabalho se deu partindo de uma abordagem qualitativa através de observações realizadas por intermédio de técnicas de dados coletados, discutida por diversos autores, tratando da música como influência no processo de aprendizagem das crianças na educação infantil. Segundo Minayo (1994, p. 21-22) a pesquisa qualitativa responde a questões particulares e indica aspectos múltiplos na sua realização. Também Gil afirma que “A pesquisa bibliográfica se dá a partir das matérias coletadas” (GIL, 2002, p.50).

Partindo desse pressuposto, tivemos como base teórica livros de Brito, Alencar, Delalande, Wolffenbuttel, RCNEI, LDB, através deles foi desenvolvida e discutida a pesquisa que veio enriquecer o estudo sobre o tema abordado. Por meio dos conhecimentos obtidos percebeu-se que a música proporciona vários meios de explorar a criança em seu contexto sala de aula. Uma vez que se busca entender as práticas pedagógicas adotadas pelos profissionais de educação infantil, nos quais o objetivo deste é apresentar fatores favoráveis ao uso da música como recurso pedagógico em sala de aula nas mais diversas disciplinas.

Assim, podemos entender o processo da musicalização e suas influências, no processo ensino aprendizagem, através de atividades lúdicas que estimulam a criança, tendo como objetivo, levar a compreensão dos sons, dos ritmos, melodias e harmonia, o desenvolvimento, o social, a concentração, a memória, os aspectos físicos, cognitivo e motor, importantes fatores para a aprendizagem, uma vez que estimula o cérebro de todas as crianças. "Tendo como finalidade o desenvolvimento integral da criança em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social de até 5 anos" (BRASIL, 1996).

4. RESULTADOS E DISCUSSÕES

Diante dos resultados obtidos, através de pesquisa bibliográfica desenvolvida, pudemos constatar que na concepção de Freire (1997) a mediação pedagógica é um processo que visa desenvolver um estímulo tanto para o docente como ao discente. É desta forma que a música acrescenta um senso de aprendizagem tanto para quem ensina como para quem aprende, porém ainda há muito o que se fazer uma vez que a música precisa transcender o mero objetivo de ser utilizada como apoio para a aquisição do conhecimento.

No avanço construtivo deste trabalho, concluímos que a música é um forte aliado no processo de aprendizagem, sendo fundamental desde o nascimento e na construção de diversos benefícios para a criança no decorrer de sua infância. Entre seus diversos aspectos que a mesma proporciona, podemos destacar que, torna o aprendizado, mais esplêndido, facilitando o desenvolvimento sensório-motor, a memória e trazendo satisfação para a criança; a criança é capacita a obter um notável equilíbrio sobre seu corpo, o que expressa emoções, percebe-se que o entusiasmo fica mais nítido nas atividades quando há música no espaço de aprendizagem.

Podemos constatar que a música tem parte fundamental nas áreas física, mental, social, espiritual e emocional, enriquecendo o bem-estar e a potencialidade de cada criança, pois a música expressa sentimentos emocional e corporal. Desta forma, as crianças poderão identificar os benefícios que esse recurso proporciona, por meio da observação e memorização, as quais foram estimuladas em todo o processo, desta forma, faz-se necessário o uso da música na rotina educacional dos alunos.

Após todo o percurso do nosso trabalho concluímos que a música como influência no processo de aprendizagem das crianças na educação infantil, possibilita diversos benefícios não somente em sala de aula, como em casa também, sendo ela uma ferramenta incrível para estimular o desenvolvimento de diversas habilidades nas crianças.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Entende-se que é perceptível que a musicalidade está atrelada ao homem antes mesmo do seu nascimento. Ela precisa ser utilizada nas escolas, tendo em vista o seu potencial em proporcionar ao alunado um desenvolvimento e aprendizado lúdico, mas também integral. Dessa maneira, é primordial que o educador apresente, incentive e trabalhe com essa ferramenta, visto que quando ela é bem utilizada todos os alunos se encantam, pois, quando chega o momento de cantar todos se alegram, já que essa dinâmica provoca neles o relaxamento, a agitação, a calmaria e o divertimento. A música deve ser utilizada como apoio para aquisição do conhecimento das crianças em todos os aspectos da sua vida, desta forma, convém lembrar que os professores devem assumir o papel de mediadores dos saberes, através de múltiplas atividades musicais, levando em consideração a sua importância no processo de ensino aprendizagem e no desenvolvimento integral do aluno.

Sendo assim, por diversos materiais musicais pedagógicos, devem ser utilizados desde os instrumentos fabricados por industrias até aqueles produzidos manualmente, os quais produzem sons, que devem estar inseridos na vida educacional da criança. É primordial que a criança sinta e acompanhe o ritmo música, utilizando movimentos como por exemplo batidas na palma da mão, o tocar do instrumento, isso proporcionará a melhor performance do seu desenvolvimento motor.

Isto posto, é importante salientar que se tratando da musicalidade da educação infantil é primordial a inclusão de diversos tipos de atividades voltadas para a música, como exemplo podemos mencionar os pontos, as fabulas, as histórias em quadrinhos entre outros recursos. A música deve ser utilizada como apoio para a aquisição do conhecimento.

Tendo em vista tudo o que já foi abordado neste referido artigo, constata-se que a música é uma importante ferramenta a qual pode influenciar no desenvolvimento e no processo de ensino aprendizagem das crianças na educação infantil de forma lúdica, e dinâmica oferecendo mais visibilidade e aceitabilidade pela parte pedagógica da escola, para isso, é preciso investir na formação dos professores.

REFERÊNCIAS

[1] A música em sala de aula: saberes e aprendizagens. Disponível em: <https://www.construirnoticias.com.br/a-musica-em-sala-de-aula-saberes-e-aprendizagens/> Acesso em: 1° de outubro de 2023.

[2] BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Diretrizes curriculares nacionais para a educação infantil. Brasília: MEC, SEB, 2010. 36p.

[3] BORGES, T. M. M. A criança em idade pré-escolar: desenvolvimento educação. 3°ed. Revisada e atualizada. Rio de Janeiro, 2003.

[4] BRASIL. Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. Disponível em: planalto.gov.br. Acesso em: 22 agosto. 2023.

[5] BRASIL. Ministério de Educação e Cultura. LDB - Lei nº 9394/96, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília: MEC, 1996.

[6] BRASIL. Base Nacional Comum Curricular. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec. Gov.br. Acesso em: 31 agosto. 2023.

[7] BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm. Acesso em: 21 de agosto de 2023.

[8] BRITO Teca Alencar de. Música na Educação Infantil. (propostas para a Formação integral da criança). Ed. Petrópolis, 2004.

[9] CHIARELLI, Lígia Karina Meneghetti; BARRETO, Sidirley de Jesus. A importância da musicalização na educação infantil e no ensino fundamental: A música como meio de desenvolver a inteligência e a integração do ser. Disponível em: <http://www.iacat.com/revista/recrearte/recrearte03/musicoterapia.htm>Acesso: 10/10/2023.

[10] GIL, Antônio Carlos. Métodos e técnicas de pesquisa social. 6° ed. São Paulo: Atlas, 2008.

[11] GOHN, Maria da Glória; STAVRACAS, Isa. O Papel da Música na Educação Infantil. EccoS Revista Científica, vol. 12, núm. 2, julio-diciembre, 2010, pp. 85-103. Universidade Nove de Julho, São Paulo, Brasil.

[12] JORDÃO, Gisele. et al. A música na escola. Allucci& Associados Comunicações. São Paulo. 2012 ISBN: 978-85-61020-01-9.

[13] Sposito, A. P. M. S., dos Santos, G. R. B., Fermiano, M. O., & de Souza, C. V. C. (2021). Resenha: DELALANDE, François. A música é um jogo de criança. Trad. Alessandra Cintra. São Paulo: Peirópolis, 2019. 240. REVISTA DA ABEM, 28. Recuperado de https://revistaabem.abem.mus.br/revistaabem/article/view/886

[14] TEIXEIRA, Vera Lúcia Macedo de Oliveira. Música no Currículo Escolar: um olhar sobre a Lei n° 11.769/2008. In: Revista Eletrônica da UNIVAR - Faculdades Unidas do Vale do Araguaia. (2013) n.º 9 Vol. - 3 p. 119 - 123. Disponível em: < http:// revista.univar.edu.br> Acessado em: 23 de outubro de 2013.

[15] WEIGEL, Anna Maria Gonçalves. Brincando de Música: Experiências com Sons, Ritmos, Música e Movimentos na Pré-Escola. Porto Alegre: Kuarup, 1988.

[16] WOLFFENBUTTEL, Cristina. Educação Musical Escolar: Pesquisas e Propostas de Inserção da Música na Educação Básica. Rio Grande do Sul: Fundarte, 2017. ZAEYEN, Eduardo. A audição do bebê. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ. 2003.

Capítulo 2

A importância da educação socioemocional no contexto escolar para crianças de 6 a 7 anos em situação de vulnerabilidade socioeconômica

Ana Kesia Pinheiro Figueira [1]
Joana Victória Cavalcante de Souza [2]
Miriã dos Santos da Silva[3]
Wemylla Glicya da Silva Rodrigues[4]
Klyssiane Uchôa Souza Lopes[5]

Resumo: A aprendizagem é um processo complexo que envolve aspectos cognitivos, socioemocionais e afetivos. No contexto das crianças em situação de vulnerabilidade socioeconômica, esses elementos se tornam ainda mais cruciais, pois esses indivíduos enfrentam desafios adicionais que podem impactar seu desenvolvimento acadêmico e socioemocional. Neste contexto, a problemática central desta pesquisa reside em compreender de que maneira a educação socioemocional pode contribuir positivamente para alunos em situação de vulnerabilidade socioeconômica que estão na fase de letramento. A prática da educação socioemocional em sala de aula vem ganhando espaço em estudos e debates relacionados à educação, isso porque, passou-se a considerar a sala de aula como um espaço no qual a socialização com outras pessoas é irrevogável, sendo assim, imprescindível a aquisição de habilidades socioemocionais no processo de aprendizagem. A metodologia utilizada para a elaboração deste artigo, foi feita por meio de pesquisa bibliográfica, o que inclui, obras literárias e artigos científicos.

Palavras Chaves: Socioemocionais. Vulnerabilidade. Desenvolvimento. Aprendizagem

[1] Graduanda do curso de Pedagogia do Centro Universitário Fametro.
[2] Graduanda do curso de Pedagogia do Centro Universitário Fametro.
[3] Graduanda do curso de Pedagogia do Centro Universitário Fametro.
[4] Graduanda do curso de Pedagogia do Centro Universitário Fametro.
[5] Especialista em Psicopedagogia. Centro Universitário Nilton Lins.

1. INTRODUÇÃO

A educação contemporânea evoluiu de maneira significativa ao compararmos com a educação de décadas passadas. Esta educação atual, visa o desenvolvimento global do aluno, isto é, a educação parou de se preocupar apenas com os conteúdos a serem repassados para os alunos, começando assim a ter um olhar minucioso aos outros aspectos indispensáveis para o processo de aprendizagem.

Esse novo conceito de educação fica evidente nos currículos educacionais que regem a educação brasileira atual. A Base Nacional Comum Curricular define competências a serem atingidas e conceitua essas competências da seguinte maneira:

> Competência é definida como a mobilização de conhecimentos (conceitos e procedimentos), habilidades (práticas, cognitivas e socioemocionais), atitudes e valores para resolver demandas complexas da vida cotidiana, do pleno exercício da cidadania e do mundo do trabalho. (BNCC, 2017, p. 8)

O âmbito escolar, vai muito além dos saberes formais, é um momento de interação social e de desenvolvimento de competências socioemocionais. “A melhor compreensão, hoje, do fenômeno social de educação nos leva a conceituar as instituições educativas como instrumentos da transmissão da cultura, sua consolidação e sua renovação.” (TEIXEIRA, 1954, p. 52).

A aprendizagem é um processo complexo que envolve aspectos cognitivos, socioemocionais e afetivos. No contexto das crianças em situação de vulnerabilidade socioeconômica, esses elementos se tornam ainda mais cruciais, pois esses indivíduos enfrentam desafios adicionais que podem impactar seu desenvolvimento acadêmico e socioemocional.

Neste contexto, a problemática central desta pesquisa reside em compreender de que maneira a educação socioemocional pode contribuir positivamente para alunos em situação de vulnerabilidade socioeconômica. Nesta perspectiva, a educação desempenha um papel crucial na quebra do ciclo da pobreza. Por isso, apresentar as contribuições da educação socioemocional no processo de aprendizagem dessas crianças, é fundamental para promover uma educação inclusiva e de qualidade.

Portanto, o contexto escolar pode ser definido como um local de encontro de pluralidade cultural, onde cada aluno possui sua história, sua carga de experiências e concepções próprias, que foram adquiridas através de vivências sociais, que contribuem para a formação de cada indivíduo, onde cada um possui suas próprias particularidades de sua personalidade.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1. O DESENVOLVIMENTO INFANTIL SOCIOEMOCIONAL

Quando falamos sobre o desenvolvimento infantil socioemocional, precisamos levar em consideração os três principais teóricos que foram os pioneiros de estudos nessa linha de pesquisa, eles são, Jean Piaget, Lev Vygotsky e Henri Wallon. Estes 3 grandes pensadores, possuem estudos que contribuíram para um melhor entendimento sobre o processo de desenvolvimento infantil, englobando, modo de pensar, modo de como a

criança se relaciona com o mundo e como ocorre a aquisição de conhecimentos, dentre outras questões que transpassam o desenvolvimento infantil.

Taille (1992), disserta acerca do período pré-operatório:

> De dois a sete anos - período pré-operatório - embora a inteligência já seja capaz de empregar símbolos e signos, ainda lhe falta a reversibilidade, ou seja, a capacidade de pensar simultaneamente o estado inicial e o estado final de alguma transformação efetuada sobre os objetos.

Para um estudo mais direto, iremos analisar os estágios de desenvolvimento que permeiam a faixa etária de 6 a 7 anos, que é a idade de crianças que estão no primeiro ano dos anos iniciais. Desta forma, destacamos que segundo CASEL (Creating a Safe, Supportive Environment for Learning) a educação socioemocional refere-se ao processo de entendimento e manejo das emoções. CASEL, aponta que investir em competências socioemocionais beneficia o aluno não apenas no desenvolvimento dessas competências, mas também no desempenho escolar de modo geral.

> A educação deve desempenhar o papel central na transformação do homem
>
> – o caminho de formação social consciente das novas gerações, a forma básica para transformar o tipo humano histórico. As novas gerações e suas novas formas de educação representam o caminho principal que a história seguirá para a criação do novo homem. (Vygotski, 1994, p. 181).

A educação socioemocional reside na concepção de que o aperfeiçoamento humano e intelectual é influenciado pela interação entre aspectos biológicos e culturais, sendo as emoções uma peça fundamental nesse processo. Vygotsky sustentava a ideia de que as emoções não são meramente respostas naturais, mas sim construções moldadas pela história e pela sociedade, sujeitas à influência da atividade humana (Vygotski, 1994, p. 181).

Nesse contexto, a educação socioemocional busca fomentar o crescimento de competências e aptidões que auxiliam os indivíduos na gestão de suas emoções, no reconhecimento das emoções alheias, na promoção de relações saudáveis, na resolução de conflitos e na tomada de decisões responsáveis.

O amadurecimento das competências socioemocionais permite que as crianças compreendam e organizem suas próprias emoções, assim como, as capacita a estabelecer relacionamentos saudáveis, resolver conflitos de maneira construtiva e demonstrar empatia. Essas habilidades desempenham um papel fundamental na sala de aula, pois criam um ambiente acolhedor o que torna o progresso sócio emocional um pilar essencial da educação.

> A educação socioemocional (ESE) é o processo de adquirir habilidades necessárias para reconhecer e gerenciar emoções, desenvolver cuidado e preocupação com outros, estabelecer relações positivas, tomar decisões responsáveis e manejar

> situações desafiadoras de forma eficaz (Weissberg, Goren, Domitrovich & Dusenbury, 2013).

As crianças com maior conhecimento das emoções respondem de forma mais positiva aos colegas e professores, tornam-se mais capazes de verbalizar as suas emoções e estão mais prontas a mostrar empatia e preocupação com os outros. Isso sugere que o conhecimento das emoções tem um papel fundamental ao facilitar as interações sociais e as relações interpessoais das crianças. Portanto, é necessário que, desde a infância, seja estimulado a ampliação de um repertório cada vez mais amplo de habilidades sociais, entre estas o autocontrole e a expressividade emocional, que dizem respeito principalmente ao reconhecimento e à nomeação de sentimentos, expressão de emoções e saber lidar com os próprios sentimentos (Del Prette & Del Prette, 2013).

Wallon define como estágio categorial de desenvolvimento, a fase de 6 a 11 anos de idade, é uma fase em que a criança está em constante progresso em relação a evolução mental (AMARAL 2000 apud Wallon 1989)

> Nesse período, a criança continua a se desenvolver, tanto no plano motor como no afetivo, mas as características do comportamento são determinadas principalmente pelo desenvolvimento intelectual, e é nesse domínio que se podem perceber grandes saltos. A criança a se conhecer como pessoa pertencente a diferentes grupos, exercendo papéis e atividades variados Toma conhecimento de suas possibilidades, adquirindo um conhecimento mais completo e concreto de si mesma. (AMARAL, 2000, p. 52 apud Wallon, 1989)

2.2. A PRÁTICA SOCIOEMOCIONAL EM SALA DE AULA

A prática da educação socioemocional em sala de aula vem ganhando espaço em estudos e debates relacionados à educação, isso porque, passou-se a considerar a sala de aula como um espaço no qual a socialização com outras pessoas é irrevogável, sendo assim, imprescindível a aquisição de habilidades socioemocionais no processo de aprendizagem.

Abed (2016, p. 14), discorre sobre a função da escola na formação do aluno, da seguinte maneira:

> A função da escola vai muito além da transmissão do conhecimento, pois é urgente e necessário fortalecer muitas e variadas competências nas nossas crianças e jovens, que lhe possibilitem construir uma vida produtiva e feliz em uma sociedade marcada pela velocidade das mudanças. Motivação, perseverança, capacidade de trabalhar em equipe e resiliência diante de situações difíceis são algumas das habilidades socioemocionais imprescindíveis na contemporaneidade... E no futuro dos nossos alunos.

Para preparar uma criança para a contemporaneidade é necessário a aquisição de habilidades sociais e emocionais para que não percam a essência e saibam lidar com suas

emoções e com questões de socialização, utilizando a inteligência emocional para solucionar problemas e conflitos. Mas para isso é necessário paciência, pois esse processo leva tempo e é construído aos poucos, no contexto escolar tem seu início ainda na educação infantil. (ABED 2016, p. 14)

Mas afinal, o que é educação socioemocional? De maneira fragmentada, a palavra Educação é definida como ato ou processo de educar. Já a palavra socioemocional, classifica-se como uma palavra de composição por justaposição, ou seja, é a junção das palavras socioemocional que significam respectivamente, aquele que compõe uma sociedade e palavra que remete à produção de emoções.

O tema da educação socioemocional caminha por dois campos de estudos, sendo eles psicologia e pedagogia, Abed (2016, p. 12) afirma que:

> A Psicopedagogia constitui-se como uma área do conhecimento que constrói saberes privilegiados para atender às demandas da sociedade contemporânea, uma vez que busca resgatar a complexidade do processo ensino-aprendizagem, possibilitando refletir sobre as inter-relações e interdependências entre os diversos fatores envolvidos no aprendizado.

A educação está diretamente ligada à psicologia e também às questões psicológicas que rodeiam o indivíduo, não podemos dissociar um do outro, pois um sofre influência do outro e vice-versa. Além disso, todos os componentes da comunidade escolar possuem vínculos interpessoais, desde a coordenação da escola até familiares de alunos. Dessa maneira, estabelecer habilidades socioemocionais na proposta pedagógica contribui para um ambiente saudável e sociável. (ABED, 2016)

Apesar da teoria da educação socioemocional demonstrar grande importância para o processo de aprendizagem, na prática isso não é evidente. Abed (2016, p. 11) ressalta que:

> [...] nem sempre as alterações paradigmáticas e os novos alicerces teóricos chegam até o chão da escola. A grande parte das instituições de ensino continua voltada para a preparação cognitiva e conteudista, visando o vestibular e o Enem, que estão no final do túnel.

Essa realidade citada pela autora, infelizmente permeia muitas instituições de ensino que visam apenas o intelecto dos alunos, passando por cima da saúde mental e do bem-estar psicológico de alunos e professores, podendo acarretar em diversas doenças psicológicas que se têm início através da pressão em que se é feita sobre o indivíduo. Confirmando assim, mais uma vez a importância dos estudos no âmbito psicopedagógico.

Freire, Bahia, Estrela, e Amaral (2012) no estudo que tiveram sobre "Dimensão Emocional da Docência e Formação de Professores" tiveram a conclusão que:

> "(...) ficou bem evidente o caráter emocional do trabalho docente, marcado por diversos tipos e graus de emoções positivas negativas. (.) Apesar de algumas imagens negativas, os professores continuam a fazer do aluno o centro das suas preocupações e sentido de cuidado" (p. 167).

Contudo, não é só o professor o único responsável pelos alunos, a escola também tem seu papel importante, afinal, numa escola não há apenas professores. Quando falamos de escola, não estamos falando apenas dos professores e alunos, estamos falando de todo o corpo técnico que há na instituição.

Mesmo que o destaque seja o facilitador (docente) e os protagonistas (alunos), devemos cogitar também naqueles que estão sempre planejando à frente e entrando em acordo com todos com a metodologia que iria ser usada para ser passada às crianças. Esse planejamento é necessário para a organização dos docentes para assim auxiliar da melhor maneira seus alunos.

> "O que diz respeito à escola e às suas relações com realidade social para a qual a ação pedagógica será planejada. Esta variável constitui-se numa etapa indispensável da atividade educativa e política, que fornecerá elementos concretos para o desenvolvimento do processo de ensino e de aprendizagem [...] Assim, a realidade sociocultural construída pelos seres humanos será o ponto de referência inicial, o ponto de partida, para o planejamento do trabalho docente e do trabalho discente" (RAYS, 2000, p.1).

Citado anteriormente, o professor não tem como saber o que acontece de fato com seus alunos o tempo todo fora do ambiente escolar, porém é importante levar em consideração que muitos comportamentos notados na escola são provenientes de seu âmbito familiar, ou seja, há uma necessidade de comunicação entre escola e família, a fim de resolver possíveis conflitos e melhorar o processo de desenvolvimento do aluno.

Contudo, saber mediar os alunos, para que eles consigam lidar com problemáticas de um modo simplificado, dentro e fora da escola é algo que os professores podem ajudar, assim preparando o cognitivo do aluno e também desenvolvendo competências socioemocionais.

2.3. O IMPACTO DAS PRÁTICAS SOCIOEMOCIONAIS NO PROCESSO DE APRENDIZAGEM DOS ALUNOS EM VULNERABILIDADE SOCIOECONÔMICA

Carmo e Guizardi (2018) mostram que o conceito de vulnerabilidade não é algo concreto, que está determinado, tendo a probabilidade de ser alterado, pois tem associação com a "[...] ausência ou precariedade no acesso à renda, mas atrelada também às fragilidades de vínculos afetivo-relacionais e desigualdade de acesso a bens e serviços públicos" (CARMO; GUIZARDI, 2018, p.2). Dessa forma, pode perceber as várias características que resulta nesta colocação de vulnerabilidade, não focando apenas no ponto financeiro, mas outros antecedentes como a questão dos direitos do cidadão, como o estado de vulnerabilidade social pode atingir os diversos grupos ou pessoas individualmente.

Famílias em situação de vulnerabilidade socioeconômica frequentemente apresentam baixa escolaridade como uma de suas características. As crianças, enquanto sujeitos sociais e históricos, estão inseridas em uma sociedade onde compartilham uma cultura específica. O meio social em que se desenvolvem tem um profundo impacto sobre

elas, ao mesmo tempo em que também contribuem para moldar esse meio (BRASIL, 1994ª).

Sob esse viés, a interação social se torna fundamental para a formação e o desenvolvimento da consciência humana desde o nascimento (VYGOTSKI, 1991).

Sem a devida educação, essa população vulnerável enfrenta dificuldades para criar cidadãos plenos, capazes de lutar por seus direitos e se manifestar em busca de uma vida digna. As crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade social são aqueles que sofrem negativamente as consequências das desigualdades sociais, desde a pobreza até a exclusão, incluindo a falta de acesso à educação, trabalho, saúde, lazer, alimentação e cultura (VYGOTSKI, 1991).

Abed (2016) mostra que essas manifestações ocorreram mediante ao estudo de James Heckman, da Universidade de Chicago, que criou um projeto com dois indivíduos originários de famílias com baixa renda. O projeto "Perry Preschool Project", voltado ao desenvolvimento socioemocional de crianças de 3 a 5 anos, mostraram [...] "apresentavam menores taxas de abandono escolar, desemprego, envolvimento em crimes e gravidez na adolescência" (ABED, 2016, p. 15).

Nessa perspectiva as crianças durante a maior parte da sua infância tem uma grande dificuldade para externalizar seus sentimentos e até mesmo se expressar, sendo assim não conseguem ter o total controle das suas emoções e frustrações. Consequentemente demonstram por meio do comportamento que muitos veem como agressivo ou comportamentos incompreendidos.

Sob esse olhar a educação socioemocional abre uma janela de oportunidade para que a criança consiga se expressar, além disso, possibilita o reconhecimento e aprendizado de suas próprias emoções. (WALLON, 1963; ALMEIDA,1999). No que diz respeito à educação socioemocional Pereira (2002), apresenta um conceito de inteligência emocional se fundamentando na aprendizagem de algumas habilidades: motivar-se, e persistir mesmo tendo frustrações, controlar impulsos, canalizando emoções pra situações apropriadas, praticar gratificação prorrogada, motivar pessoas, ajudando a liberarem seus melhores talentos e conseguir seus objetivos e interesse comum. (PEREIRA, 2002, p.12).

3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Para Lüdke e André (1986) a pesquisa científica vem para analisar e encontrar recursos necessários para modificar a realidade vivida nos planos do conhecimento e histórico-social através da pesquisa qualitativa. Nesse cenário, a pesquisa científica é imprescindível para a educação. Segundo SILVEIRA:

> Ela possibilita uma aproximação e um entendimento da realidade a investigar. A pesquisa é um processo permanentemente inacabado. Processa-se por meio de aproximações sucessivas da realidade, fornecendo-nos subsídios para uma intervenção no real. A pesquisa científica é o resultado de um inquérito ou exame minucioso, realizado com o objetivo de resolver um problema, recorrendo a procedimentos científicos (SILVEIRA; CÓRDOVA, 2009, p. 31).

A pesquisa qualitativa nas últimas décadas tem se tornado uma importante ferramenta para a pesquisa social, visando sua capacidade de refletir determinados problemas sociais. Diante disso, o presente artigo tem como objetivo apresentar a educação socioemocional como uma abordagem pedagógica eficaz para crianças em situação de vulnerabilidade social.

A metodologia utilizada para a elaboração deste artigo, foi feita por meio de pesquisa bibliográfica, o que inclui, obras literárias e artigos científicos. Para a escolha dos artigos científicos, foi necessário uma minuciosa análise visando a qualidade e veracidade dos dados presentes. Para isso foi utilizado artigos atualizados e publicados entre os anos de 2018 a 2023, as ferramentas utilizadas para a busca desses artigos, foram os sites, SCIelo, Google Acadêmico, BDTD-Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações, Pepsic e Educ@.

As literaturas selecionadas, são literaturas de suma importância para o contexto educacional que contribuíram para embasamento de muitas pesquisas relacionadas à educação, fazendo com que diversos aspectos fossem aprofundados através de pesquisas científicas, colaborando para o progresso da educação por todo o mundo, alguns autores e teóricos que serviram de embasamento foram: Lev Vygotsky, Henri Wallon, Piaget, Anita Abud, Francini Lube Guizard, Michelly Eustáquia do Carmo, entre outros autores de renome para o tema apresentado.

4. RESULTADOS E DISCUSSÕES

Segundo Goleman (p. 11, 2012), há uma melhoria considerável não apenas no comportamento, mas também no desempenho acadêmico, quando as crianças recebem ajuda para aperfeiçoar sua autoconsciência e confiança, controlar suas emoções e impulsos.

Nesse sentido, sabe-se que uma criança que está conhecendo sobre a vida, possui certa dificuldade de entender o que realmente está sentindo, ou saber lidar com certas situações sozinhas, para isso auxilia-las é imprescindível para que a criança saiba identificar o que lhe deixa com determinado sentimento (raiva, felicidade, tristeza, medo, etc) e saber como remediar tal sensação. Com o tempo, assim, aprendendo a controlar suas emoções e sabendo a lidar com situações desagradáveis

As competências socioemocionais não são algo que todos desenvolvem da mesma maneira ou ao mesmo tempo, cada um terá um modo diferente de entender ou expressar-se, seu desenvolvimento é totalmente singular e não é através de comparação que fará com que a criança seja definitivamente como alguém. De acordo com a BNCC (2017 p.197), aprender a administrar suas emoções ainda na infância tem mais “bagagem” para atingir seus objetivos ao longo da vida. Portanto adquirir competências socioemocionais beneficia a vida e contribui para a integração da criança em todos os âmbitos sociais.

Com os resultados bibliográficos apresentados, o desenvolvimento socioemocional beneficia principalmente crianças em situação de vulnerabilidade socioeconômica, uma vez que, elas sofrem as consequências das desigualdades sociais, desde a pobreza até a exclusão, incluindo a falta de acesso à educação, trabalho, saúde, lazer, alimentação e cultura.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base nos estudos bibliográficos e em artigos relacionados, na presente pesquisa, fica evidente que o desenvolvimento das competências socioemocionais é essencial para o crescimento e o êxito das crianças. Além disso, a literatura acadêmica destaca que as crianças, sobretudo aquelas que estão explorando a vida, enfrentam frequentemente desafios para entender e lidar com as suas emoções.

Portanto, é essencial fornecer apoio nesse processo para aju'dá-las a administrar suas emoções, o que, ao longo do tempo, as habilita a lidar com situações diversas do cotidiano. Contudo, a pesquisa bibliográfica apresentada confirma que o desenvolvimento socioemocional é benéfico para as crianças em condição de vulnerabilidade socioeconômica, que sofrem as consequências das desigualdades sociais, desde a pobreza até a exclusão de uma educação qualificada. Essas crianças podem se beneficiar imensamente destas competências para melhorar sua qualidade de vida e integração em todos os aspectos sociais.

Por fim, frente ao exposto, nota-se que o objeto de estudo ainda necessita de investigações aprofundadas acerca de tal temática, tendo em vista que se trata de uma abordagem consideravelmente nova, principalmente no contexto escolar. Na presente pesquisa, foram apresentados conceitos fundamentados em teóricos e autores que foram responsáveis por levantarem pressupostos a respeito da educação socioemocional, expondo sua importância no processo de aprendizagem, sendo assim crucial para a promoção de um ambiente mais saudável, inclusivo para todas as crianças independentemente da sua posição socioeconômica.

REFERÊNCIAS

[1] ABED, Anita Lilian Zuppo. O desenvolvimento das habilidades socioemocionais como caminho para a aprendizagem e o sucesso escolar de alunos da educação básica. Constr. psicopedag. São Paulo , v. 24, n. 25, p. 8-27, 2016. Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-69542016000100002&lng=pt&nrm=iso. Acessos em 13 out. 2023.

[2] BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília:MEC/SEB, 2017. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf. Acesso em: 08 jun. 2023.

[3] CASEL. Creating a Safe, Supportive Environment for Learning. Disponível em: https://casel.org/creating-a-safe-environment-for-learning/. Acesso em: 21 out. 2023.

[4] Del Prette, Z.; & Del Prette, A. (2013). Psicologia das Habilidades Sociais na Infância: Teoria e Prática. Petrópolis: Vozes. Disponível em: https://www.rihs.ufscar.br/psicologia-das-habilidades-sociais-na-infancia-teoria-e-pratica/?ssp=1&darkschemeovr=1&setlang=pt-BR&safesearch=moderate. Acesso em: 12 out. 2023.

[5] LOPES, Iara Rayane Ribeiro. Desenvolvimento social e afetivo na primeira infância: concepções de professoras. Revista Caparaó, v. 2, n.2, e24, 2020 acesso em: 24 nov. 2023.

[6] MAHONEY, Abgail Alvarenga; Almeida, Laurinda Ramalho de (org) Henri Wallon. Psicologia e Educação. São Paulo: Edições Loyola, 2010

[7] RODRIGUES, Miriam. Guia para resolução de problemas. Educação emocional positiva, 2020. Disponível em: https://blog.educacaoemocionalpositiva.com.br/guia-de-resolucao-de-problemAs. Acesso em: 27 ago. 2023.

[8] TEIXEIRA, Anísio. Padrões brasileiros de educação [escolar] e cultura. Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos. Rio de Janeiro, v.22, n.55, jul./set. 1954, p.52.

[9] VYGOTSKY, L. S. (1999). *Pensamento e linguagem*. São Paulo: Martins Fontes.

[10] WALLON, Henri. A evolução psicológica da criança. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

[11] WALLON, Henri. Psicologia e educação da infância. Lisboa: Editora Estampa, 1975.

Capítulo 3

A importância da afetividade no processo de aprendizagem: como a parceria entre escola e família pode favorecer o desenvolvimento educacional da criança

Andreina Araújo da Silva[1]
Brenda Brito Barbosa[2]
Victoria Stefanny Marques Moreira[3]
Klyssiane Uchôa Souza Lopes[4]

Resumo: A aprendizagem é um processo complexo e que envolve não apenas a transmissão de conhecimentos, mas também questões emocionais e afetivas. A afetividade é um elemento essencial no processo de aprendizagem, pois é através dela que os indivíduos constroem vínculos e relações significativas, promovendo um ambiente propício ao desenvolvimento educacional. O objetivo deste artigo é discutir a importância da afetividade no processo de aprendizagem e como a parceria entre a escola e a família pode ser um fator determinante para o desenvolvimento educacional da criança. A metodologia bibliográfica foi utilizada, com a revisão sistemática da literatura sobre o assunto. Os resultados obtidos mostram que a afetividade é fundamental para o desenvolvimento cognitivo, social e emocional da criança. Através da relação afetiva entre a criança e o ambiente escolar, ela se sente acolhida e segura, proporcionando um clima de confiança e facilitando a aprendizagem. Além disso, a colaboração entre a escola e a família é um fator determinante para o sucesso educacional da criança, pois permite uma visão integral e complementar do indivíduo, considerando as suas necessidades emocionais e cognitivas. Conclui-se que a afetividade é um fator indispensável no processo de aprendizagem e a parceria entre a escola e a família é um recurso valioso para o desenvolvimento educacional da criança. Portanto, é essencial que as escolas trabalhem em conjunto com as famílias para promover uma educação mais significativa e efetiva, levando em consideração a importância da afetividade nesse processo.

Palavras-chave: Família; Escola; Aprendizagem.

[1] Graduanda do curso de Pedagogia do Centro Universitário Fametro.
[2] Graduanda do curso de Pedagogia do Centro Universitário Fametro.
[3] Graduanda do curso de Pedagogia do Centro Universitário Fametro.
[4] Especialista em Psicopedagogia. Centro Universitário Nilton Lins.

1. INTRODUÇÃO

A educação é um processo complexo e contínuo, que envolve diversos fatores e atores. Entre esses fatores, a afetividade tem sido cada vez mais estudada e valorizada como elemento fundamental para o sucesso da aprendizagem. Nesse sentido, o presente artigo tem como objetivo discutir a importância da afetividade no processo de aprendizagem e como a parceria entre a escola e a família pode ser um fator essencial para o crescimento educacional da criança.

Ao longo dos anos, a educação tem evoluído e se transformado, adotando diferentes correntes pedagógicas e metodologias de ensino. Entretanto, a afetividade sempre foi uma constante em todas elas. Afinal, o desenvolvimento do ser humano é fortemente influenciado por suas relações interpessoais e emocionais, desde os primeiros anos de vida. Nesse sentido, a afetividade desempenha um papel crucial no processo de ensino-aprendizagem, pois está diretamente relacionada ao desempenho e ao desenvolvimento cognitivo, emocional e social do aluno.

Neste contexto, surge a relevância do questionamento: como a parceria entre escola e família pode favorecer o desenvolvimento educacional da criança por meio da afetividade? Sabemos que a família é o primeiro e mais importante ambiente de socialização da criança, onde ela aprende valores, normas sociais e afetivas que norteiam suas relações no ambiente escolar. Porém, muitas vezes, a escola acaba sendo vista como a única responsável pela formação e educação da criança, o que pode prejudicar o processo educacional.

Para esse estudo, utilizamos a metodologia bibliográfica, a partir da revisão de literatura sobre o tema, com base em autores como Vygotsky, Piaget e Wallon, que enfatizam a importância da afetividade na educação. Além disso, foram analisados estudos empíricos que comprovam a influência positiva da parceria entre escola e família no processo de aprendizagem da criança.

Os resultados obtidos evidenciam que a afetividade é um fator determinante no processo de aprendizagem, uma vez que promove um ambiente acolhedor e seguro para o aluno, além de potencializar suas habilidades e competências cognitivas. Também foi possível constatar que a participação ativa da família na educação escolar é indispensável para o desenvolvimento educacional da criança, pois fortalece o vínculo afetivo e o senso de responsabilidade e colaboração entre pais e filhos.

Assim, concluímos que a parceria entre escola e família é crucial para o sucesso da aprendizagem, pois possibilita a construção de uma relação de confiança e respeito, além de contribuir para o desenvolvimento integral da criança.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1. A IMPORTÂNCIA DA AFETIVIDADE NO PROCESSO DE APRENDIZAGEM

Primeiramente, torna-se importante conhecermos o conceito de ensino aprendizagem. O processo de ensino aprendizagem vem sendo definido de formas diferentes com o passar dos anos, que vem desde o professor como transmissor de conhecimento, até as concepções atuais que tem o processo de ensino aprendizagem como um todo integrado que destaca o papel do educando.

Neste processo, o intelectivo tem uma relação com o afetivo, quando o educando é colocado em uma posição a mais do que receptor de conhecimentos, um ser humano a ser

avaliado a partir do que lhe foi ensinado e que se espera ter êxito, estamos dando espaço à afetividade.

> [...] a coesão de reações, atitudes e sentimentos, que as emoções são capazes de realizar em um grupo, explica o papel que elas devem ter desempenhado nos primeiros tempos das sociedades humanas: ainda hoje são as emoções que criam um público, que animam uma multidão, por uma espécie de consentimento geral que escapa ao controle de cada um. Elas suscitam arrebatamentos coletivos capazes de escandalizar, por vezes, a razão individual. (WALLON,1986, p. 146).

A afetividade não é simplesmente os sentimentos de amor, carinho, apenas o positivo, mas, segundo Wallon (1986), o termo se refere à capacidade do ser humano de ser afetado positiva ou negativamente tanto por sensações internas como externas. Ele, que trabalhou mais profundamente a questão da afetividade ressaltando que a vida psíquica evolui a partir de 3 dimensões: motora, afetiva e psíquica, que coexistem, atuam e se desenvolvem de forma integrada.

Wallon (2008, p. 73) afirma que a afetividade constitui um papel fundamental na formação da inteligência, de forma a determinar os interesses e necessidades individuais do indivíduo. Atribui-se às emoções um papel primordial na formação da vida psíquica, um elo entre o social e o orgânico. No século passado, Wallon (1986) foi o primeiro a colocar em prática a ideia de que a criança não é apenas um cérebro, nem apenas um corpo, ela é um conjunto de ações do meio que convive, suas ações são consequências de como são tratadas, orientadas e ensinadas.

A teoria dele revolucionou uma época em que as ideias eram limitadas sobre questões emocionais e psicológicas, ainda mais quando se tratava de crianças. Wallon (1986) levou em consideração a criança como um todo, não somente seu corpo, ele levou em consideração suas emoções e as validou. Suas principais ideias de fundamento eram 4, que se interligam: o movimento, a inteligência, a afetividade e a formação do eu. Sempre pensando em todas as circunstâncias que levam a criança aos seus resultados escolares, ele defendia que reprovar uma criança significava excluí-la, negá-la, você está praticando a negação de seu ensino.

A teoria de Wallon expressa que o desenvolvimento da criança surge da interação genética com os fatores ambientais, ou seja, no encontro das substâncias orgânicas (possibilidades internas) e as condições do cotidiano (adaptação do meio) em que está inserido na sociedade de determinada época (MAHONEY, 2004). Segundo Wallon, o ser humano nasce com predisposições biológicas para desenvolver suas funções psicológicas e cognitivas, porém, as experiências vivenciadas no ambiente familiar, escolar e social têm um papel fundamental na formação destas capacidades.

Ele argumenta que a criança se coloca em posição de observação e imitação dos comportamentos e atitudes dos adultos e, a partir disso, constrói sua própria identidade. Dessa forma, para Wallon, o desenvolvimento humano é fruto da interação entre as dimensões biológicas, afetivas e sociais, e a busca constante pela adaptação a novas situações e a superação de desafios. Seu modelo teórico oferece uma visão ampla do desenvolvimento humano, enfatizando a importância da interação e das experiências vivenciadas no ambiente para a construção da pessoa.

2.2. A PARCERIA ENTRE FAMÍLIA E ESCOLA NA VIDA ESCOLAR DA CRIANÇA

A afetividade na escola é um assunto que não é recente no cotidiano escolar. A emoção em si, são motivos de debates e pesquisas desde a Grécia antiga. Eckman (2004) afirma que existem seis tipos de emoções básicas universais: medo, nojo, raiva, surpresa, felicidade e tristeza. Atualmente temos infinitas demonstrações de emoções dos alunos, algumas bem extremas, e nós como educadores temos que estar preparados para cada uma delas.

O Behaviorismo defende que a psicologia humana pode ser estudada por meio de observações das ações dos indivíduos, ou seja, seus comportamentos. Segundo essa defesa, esse método acredita que essas maneiras, modos, hábitos e costumes são resultados de experiências e condicionamentos. Esses argumentos nos levam de volta às emoções do estudante. A experiência vivida em sala e na escola vai direcionar a conduta daquele aluno no presente e no futuro na sociedade e no ambiente estudantil.

Piaget (1988) propõe que existem dois tipos de relação social: a coação e a cooperação. Sobre a coação, De La Taille (1992) cita o que Piaget preconiza que "A relação de coação, como seu nome indica, é uma relação assimétrica, na qual um dos polos impõe às outras suas formas de pensar, seus critérios, suas verdades. Em outras palavras, é uma relação em que não se tem troca ou reciprocidade.

Segundo Kohl (1992) menciona que o aluno não nasce com o conteúdo internalizado na mente, o conteúdo deve ser transmitido pelo professor junto com a troca entre professor/aluno, como: debates, discussões e um ser ouvinte do outro, saber considerar opiniões diferentes em sala, trazendo a afetividade para a sala de aula, que deve ser para o aluno um lugar mágico e divertido e não maçante, trazendo benefícios como a fixação do conteúdo, melhorando o desempenho escolar.

Cada vez mais estudos mostram o valor de uma parceria entre escola e família no processo de aprendizagem. Nessa circunstância, Marturano (1999) salienta que em um ambiente familiar onde se tem recursos somados a experiência ativa de conhecimento, em um ambiente social promissor que promova a autoestima e a autoconfiança, há um impacto positivo sobre o desempenho do aluno enquanto em ambientes que apresentam conflitos conjugais e familiares encontra-se um desenvolvimento socioemocional negativo desse sujeito.

Uma pesquisa do Programa Internacional de Avaliação de Estudantes (Pisa) apontou que alunos que tiveram os pais bastante presentes na vida escolar tiveram desempenho melhor. A diferença foi avaliada pela média na disciplina de ciências e chegou a 414 pontos para alunos com acompanhamento familiar, enquanto a média alcançada pelos estudantes com menos influência da família na escola foi de 357 pontos.

Dessa maneira, o interesse pela vida escolar do filho e um ambiente familiar e escolar agradável cria crianças com um ótimo desenvolvimento intelectual e social. Para Piaget, segundo sua teoria construtivista, considera-se que há uma construção do conhecimento, e é preciso criar métodos que impulsione essa construção.

A relação família e escola se encaixa nessa teoria, quando a afetividade existente tanto em casa, como com o professor para com o aluno, gera um método impulsionador de aprendizado, trazendo autoestima e confiança para o aluno. Vygotsky (2001) cita a importância dos conhecimentos construídos a partir de vivências, no sentido de experiências no cotidiano. Diante disso, observamos que para uma boa formação integral

do ser humano, podemos inserir no cotidiano desse aluno experiências leves e com muitos aprendizados, através da afetividade existente em sala e escola, em casa e família.

3. A INTERAÇÃO PROFESSOR-ALUNO NO PROCESSO DE ENSINO APRENDIZAGEM COM AFETIVIDADE

Uma vez que o homem é um ser organicamente social e em permanente transformação por meio da interação com o meio. A tese de Wallon é focada na perspectiva afetiva, cognitiva e motora. Seu estudo era baseado no materialismo histórico-dialético (Ou seja, nosso desenvolvimento é marcado de descontinuidades, rupturas e conflitos) sendo assim, o pensamento infantil não é linear, e sim, marcado por crises e conflitos.

Para Wallon, isso é um processo cíclico normal da criança e não tinha que ser combatido pelos educadores, para ele, isso até auxilia no processo mental da criança, o que é discutível de fato, seria o ambiente social em que a criança está inserida, principalmente a escola. Para ele, a criança deve ter um convívio social com adultos e outras crianças, experimentando relações diferentes do convívio familiar, aprendendo a lidar com sentimentos relacionados, como por exemplo, a aceitação, o trabalho em grupo e superação de conflitos e frustrações.

Para o autor, além de considerar as emoções um agente essencial no desenvolvimento humano, ele também a considerava importante no processo de ensino aprendizagem, criando uma sinergia entre o ato pedagógico e o conhecimento da criança em seu sentido amplo: afetivo, cognitivo e motor, compondo um vínculo na relação - professor aluno e fortalecendo o papel social da escola. Henry Wallon acreditava que a inteligência se dá após a afetividade.

Para alimentar a inteligência se faz necessário mobilizar os afetos, assim o ser humano deve ser visto de forma integral, em todas as suas dimensões. Para Wallon (2010 p.34):

> [...] O surgimento de uma nova etapa do desenvolvimento implica na incorporação dinâmica das condições anteriores, ampliando-se e ressignificando as. A criança atravessa diferentes estágios que oscilam entre momentos de maior interiorização e outras mais voltadas para o exterior, sendo possível demarcar alguns deles ao longo do desenvolvimento infantil [...].

Os estágios do desenvolvimento infantil são caracterizados por uma alternância entre momentos de maior foco intero e outros mais direcionados ao mundo exterior. Essa alternância reflete a dinâmica inerente do processo de aprendizagem. Em determinados momentos, a criança pode se dedicar a explorar seu mundo interno, refletindo, desenvolvendo habilidades cognitivas e emocionais. Em outros, ela se concentra no mundo exterior, interagindo com o ambiente, socializando e aplicando o que aprendeu em situações práticas.

3.1. A RELAÇÃO DA FAMÍLIA COM A ESCOLA NO DESEMPENHO DA CRIANÇA

A relação da família com a escola permite com que haja um processo de aprendizado mais eficiente. No entendimento de Arcega (2018), a influência positiva da relação família e escola se apresenta como importante, mas pode-se pontuar que em alguns casos os responsáveis querem transferir para a escola a responsabilidade deles com a criança. Desse mesmo modo, Silva et al., (2021) que nos dias atuais existe um certo engano por parte da família ao pensar que a função da escola é de atuar como pais, esquecendo que a escola complementa a educação e o aprendizado que a criança passa a ter dentro de casa.

Estudos apontam consequências da falta de interação da família com a escola, principalmente quando aquela não frequenta o ambiente escolar e nem busca apoiar a criança porque está em processo de separação. Nesse caso, o que acontece no ambiente familiar afeta a forma como a criança vai se comportar dentro da sala de aula, desenvolvendo ansiedade e dificuldade na aprendizagem. Essa falta de afetividade decorrente desses momentos, para a criança apresenta um risco para o desenvolvimento infantil (BOER; RIBEIRO; ROAMA-ALVES, 2022).

Ribeiro et al., (2016) descrevem que as crianças que recebem estímulo em casa apresentam chances maiores de obterem um desempenho melhor na escola. Além disso, há uma relação positiva entre o desempenho escolar e alguns itens do ambiente familiar, como no caso de uso de brinquedos pedagógicos, passeios familiares, revistas. Diante a isso, compreende-se que a atuação da família afeta diretamente a forma como a criança percebe o ambiente escolar e suas atividades, passando a ter neste mais interesse que, por sua vez colabora para um melhor desempenho. Bardini e Rosa (2018, p. 21) afirmam sobre essa relação que:

> [...] torna-se fundamental importância a cumplicidade entre as duas instâncias, a fim de garantir uma educação de qualidade às futuras gerações. O contato com os entrevistados foi bastante proveitoso e satisfatório para que se percebesse a realidade da problemática estudada, o qual demonstrou uma relação bem próxima entre a família e a escola. A participação deve ser de forma ampla e consistente e que estejam todos ligados ao ambiente escolar, para que, assim, possam ter noção de suas próprias responsabilidades.

A cumplicidade entre a família e a escola é um fator crucial no processo educativo, essencial para garantir uma educação de qualidade às futuras gerações. No contexto da pedagogia, essa colaboração estreita entre as duas instâncias desempenha um papel fundamental na compreensão e resolução das problemáticas educacionais.

4. PROCEDIMENTO METODOLÓGICO

Para este trabalho foi utilizada a pesquisa bibliográfica baseada no autor Antônio Carlos Gil que é referência em projeto de pesquisa. Segundo Gil (1987, p. 17) define a pesquisa como o “procedimento racional e sistemático que tem como objetivo proporcionar respostas aos problemas que são propostos”. Para elaborar a pesquisa que concorde com o tema proposto, serão utilizados artigos e livros já publicados, além da própria experiência praticada no estágio supervisionado em sala de aula.

Visamos explorar a relevância que a afetividade consegue ser indispensável no relacionamento do homem com o mundo, as relações e emoções, ainda que complexas, são elementos fundamentais na construção socioafetiva do indivíduo. Assim, escolhemos livros e autores que dissertam sobre afetividade e comunicação entre escola e família, e como este processo influencia no desenvolvimento educacional e afetivo no âmbito escolar.

Dessa forma, os livros utilizados nesta pesquisa serão "Emoção em sala de aula" da autora Ana Rita Silva Almeida, "Família e escola" da autora Maria Luiza Canedo e "Memórias afetivas" de Henri Wallon. Todos os autores acima escrevem sobre afetividade, relações familiares e a relação afetiva na escola. Além dos autores e livros citados, serão utilizados como base das pesquisas Paulo Freire e Vygotsky que aparecerão no decorrer da pesquisa.

5. RESULTADOS E DISCUSSÃO

De acordo com a pesquisa bibliográfica, Costa e Bittar (2016) descrevem que a comunicação entre a escola e a família enfrenta desafios por causa dos obstáculos que existem entre esses dois âmbitos. O excesso de trabalho das famílias permite com que elas se mantenham afastadas tanto das atividades realizadas nas escolas e da contribuição para o processo de ensino e aprendizado das crianças dentro de casa. O cansaço dos pais fazia com que eles não percebessem os bilhetes que estavam presos nas agendas ou cadernos dos alunos e com isso, eles permaneciam sem apoio para suas atividades, não obtendo o acompanhamento da família.

Umran (2019) no seu estudo evidenciou que os "pais de crianças com bom desempenho escolar" se envolvem nas suas atividades escolares, pois reservam um tempo dentro de casa para ajudar a criança nas dificuldades que ela apresenta perante uma atividade escolar. Esses pais também passam a controlar o tempo que as crianças permanecem na frente da televisão e administram as atividades que são realizadas fora da escola, isto é, de fato são pais que demonstram ter um interesse aprofundado pela vida das crianças, conversando com elas sobre os cotidianos escolares.

Costa, Silva e Souza (2019) descrevem que há uma melhora no rendimento escolar dos alunos, nos quais as famílias participam de forma mais ativa nas atividades da escola, considerando-se que a família e a escola são parceiras que atuam com ações que favorecem o sucesso escolar e social das crianças. Nesse sentido, a escola e família se apresentam como instrumentos interdependentes, que por sua vez atuam de forma conjunta para que haja sucesso no desenvolvimento cognitivo do educando.

Nos estudos realizados por Freitas, Freitas e Cavalcante (2021), as crianças que não tinham a presença ativa de um dos genitores, seja por motivo de divórcio ou por falecimento, apresentavam maiores dificuldades no aprendizado, principalmente em ler conteúdos e interpretar textos. Além disso, a falta de participação nos pais desenvolvia características violentas e de isolamento da maioria das crianças que tinham apenas um genitor no acompanhamento das atividades.

Nesse contexto, Arrais e Santos (2021) apontaram comportamentos de estresse entre alunos-filhos que não possuíam relação com seus pais. Isto é, famílias separadas, mas que a figura paterna se mantinha ausente em todos os momentos escolares da criança. Assim, é fundamental que os pais estejam presentes em diferentes momentos da vida dos filhos, especialmente na esfera educacional. O diálogo e o suporte emocional são

elementos importantes para o desenvolvimento saudável dos jovens, pois transmitem segurança e confiança para a busca do conhecimento.

Um pai/mãe presente pode ser um grande aliado no sucesso e desenvolvimento acadêmico dos filhos, trazendo benefícios para toda a família. Sendo assim, é fundamental que pais e filhos, mesmo que separados, construam uma relação de afeto e diálogo, nutrindo uma conexão que deve perdurar mesmo diante das adversidades.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do exposto, é possível concluir que a afetividade desempenha um papel fundamental no processo de aprendizagem, pois proporciona uma maior motivação, engajamento e bem-estar emocional, favorecendo o desenvolvimento educacional da criança. Através da parceria entre escola e família, é possível fortalecer os laços afetivos e criar um ambiente positivo e acolhedor para a criança.

Portanto, é importante que a escola e a família estejam alinhadas e trabalhem juntas, respeitando e valorizando as características e necessidades de cada criança. A comunicação aberta e o diálogo constante são fundamentais nesse processo, permitindo o compartilhamento de informações, troca de ideias e a construção de estratégias conjuntas para o desenvolvimento integral da criança.

Além disso, é preciso reconhecer que a família tem um papel essencial na formação da criança e, por isso, deve ser incluída no contexto educacional de forma ativa e participativa. A escola pode promover momentos de integração e envolvimento dos pais no ambiente escolar, como reuniões, encontros e atividades conjuntas, criando uma relação de confiança e parceria.

No entanto, é necessário destacar que a afetividade no processo de aprendizagem não deve ser confundida com superproteção ou permissividade. É importante encontrar um equilíbrio entre o afeto e a exigência, permitindo que a criança desenvolva sua autonomia e senso de responsabilidade.

Em relação às perspectivas futuras, é fundamental que as instituições de ensino ofereçam formação continuada para seus profissionais, a fim de que estes estejam preparados para lidar com questões emocionais e afetivas no ambiente escolar. Além disso, é necessário investir em estratégias que possibilitem uma maior integração entre a escola e a família, como a criação de programas e projetos que envolvam os pais nas atividades escolares.

Outro ponto importante a ser considerado é a valorização da diversidade e das individualidades dentro do espaço escolar. Cada criança é única e possui suas próprias características, necessidades e ritmos de aprendizagem. Por isso, é fundamental que a escola esteja atenta às diferenças e se adapte para atender às demandas de cada criança de forma respeitosa e inclusiva.

Por fim, é imprescindível destacar o papel do afeto não apenas no processo de aprendizagem, mas também no desenvolvimento humano como um todo. A construção de vínculos afetivos saudáveis desde a infância é fundamental para a formação de indivíduos emocionalmente equilibrados e capazes de estabelecer relações saudáveis ao longo da vida.

REFERÊNCIAS

[1] ARCEGA, P.F.V.W. Relação família e escola e sua influência na aprendizagem da criança: uma revisão de literatura integrativa. Revista PsicoFAE: Pluralidade em Saúde Mental, v.7, n.1, 2018.

[2] BARDINI, Adrian. Relação família e escola: a importância para o sucesso no processo ensino - aprendizagem. Santa Catarina. 2021.

[3] BOER, F.M.; RIBEIRO, R.; ROAMA-ALVES, R. A adaptação de crianças diante do divórcio dos pais: um estudo de revisão de literatura. J Manag Prim Health Care, v.14, 2022.

[4] COSTA, M.A.; SILVA, F.M.C.; SOUZA, D.S. Parceria entre escola e família na formação integral da criança. Práticas educativas, Memórias e Oralidades. Revista Pemo. V.1, n.1, 2019.

[5] COSTA, R.T.V.; BITTAR, K.R. Família e escola: uma relação necessária no processo de aprendizagem infantil. Anais do Congresso de Iniciação Científica, Estágio e Docência do Campus Formosa. 2016. Disponível em:<https://www.anais.ueg.br>. Acesso em 20 outubro 2023.

[6] FREITAS; M.C; FREITAS, B.M.; CAVALCANTE, G.F. A importância da escola para crianças em contexto familiar monoparental. Ensino em Perspectivas. V.2, n.1, 2021.

[7] MARISTA, G. Participação familiar na escola aumenta rendimento dos estudantes, dizem especialistas. 2022. Disponível em: <https://g1.globo.com>. Acesso em 20 outubro 2023.

[8] PIAGET, J. Psicologia e pedagogia. 9.ed. Rio de Janeiro: Forense, 1988.

[9] UMRAN, S. *Parent's Participation Types in School Education*. International Journal of Educational Methodology, v.5, n.3, 2019.

[10] RIBEIRO, R.; CIASCA, S.M.; CAPELATTO, I.V. Relação entre recursos familiares e desempenho escolar de escolar de alunos do 5 ano do ensino fundamental de escola pública. Revista Psicopedagogia, v.33, n.101, 2016.

[11] WALLON, H.P.H. Do ato ao pensamento: Ensaio de psicologia comparada. 2ª Edição.

Capítulo 4

Metodologias ativas e suas contribuições no processo de alfabetização e letramento

Ariele Costa Albuquerque [1]
Mágda Simas Oliveira [2]
Liziele Carvalho Vieira [3]
Silene dos Santos Almeida [4]
Klyssiane Uchôa Souza Lopes[5]

Resumo: O presente artigo tem como proposta apresentar as contribuições das metodologias ativas para uma aprendizagem dinâmica e significativa no processo de alfabetização e letramento. Este texto desenvolveu-se por meio da pesquisa bibliográfica sobre as metodologias ativas como práticas inovadoras no processo de alfabetização. Para o estudo utilizaram-se de várias fontes de materiais publicados como artigos, livros e revistas proporcionando assim, um diálogo entre metodologias ativas e o processo de alfabetização e letramento. O estudo sobre a temática identificou que existem diversas contribuições para o uso das metodologias ativas no processo de alfabetização e letramento. Pode-se destacar o protagonismo do aluno, sua participação ativa na aquisição do conhecimento, uma aprendizagem dinâmica e eficaz, desenvolvimento de competências e habilidades, agentes críticos e comprometidos com a aprendizagem, inclusão do professor como mediador e orientador, interação entre professor e aluno e por último a transformação das práticas pedagógicas de modo significativo, proporcionando assim uma aprendizagem dinâmica e inovadora.

Palavras-chave: Alfabetização. Aprendizagem. Letramento. Metodologias Ativas.

[1] Graduanda do curso de Pedagogia do Centro Universitário Fametro.
[2] Graduanda do curso de Pedagogia do Centro Universitário Fametro.
[3] Graduanda do curso de Pedagogia do Centro Universitário Fametro.
[4] Graduanda do curso de Pedagogia do Centro Universitário Fametro.
[5] Especialista em Psicopedagogia. Centro Universitário Nilton Lins.

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como objetivo apresentar um estudo sobre as metodologias ativas e suas contribuições no processo de alfabetização e letramento. Além disso, descrever a alfabetização e letramento na atualidade e citar aspectos históricos das metodologias ativas. Segundo Bacich e Moran (2018) as metodologias ativas são como "grandes diretrizes que orientam o processo de ensino e aprendizagem e se concretizam em estratégias, abordagens e técnicas concretas, específicas e diferenciadas".

Pode-se afirmar que apesar de elas estarem em evidências nas últimas décadas e o termo ser uma nomenclatura atual, sua prática já era aceita por alguns autores desde o século XX com Dewey (1930) e Decroly (1929), que defendiam uma educação fundamentada em uma aprendizagem por meio das metodologias ativas.

Sendo assim, a teoria dos autores supracitados foram ressignificadas e auxiliam na prática pedagógica nos estudos realizados por Bachich e Moran, os quais destacam que os modelos de aulas utilizadas atualmente, ao integrar práticas de ensino inovadoras por intermédio das metodologias ativas, têm se evidenciado cada vez mais no cenário educacional.

Sabe-se, que a alfabetização é um marco na vida escolar da criança, visto que é nessa fase que ela vai aprender a ler e a escrever, porém, no decorrer da história são perceptíveis os questionamentos sobre a ineficácia dos métodos utilizados no processo de alfabetização. De acordo com Soares (2017, p. 14), "Somos um país que vem reincidindo no fracasso em alfabetização".

Partindo desse princípio, buscou-se apresentar um estudo claro e compreensível iniciando da problemática: Como as metodologias ativas podem contribuir para melhoria da prática pedagógica no processo de alfabetização e letramento? Esta é de suma importância, porque contribuirá com um diálogo entre as metodologias ativas e o processo de alfabetização e letramento.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1. ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO NO BRASIL ATUALMENTE

É sabido que a educação é um direito dado a todos os cidadãos brasileiros e que estes devem fazer uso do mesmo, como previsto na Constituição Federal de 1988,

> A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho. (art.205º)

Entretanto, vale destacar que a educação não somente é "direito de todos" (BRASIL, 1988), como também, e principalmente, deve visar "o pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho" (BRASIL, 1988). Logo, percebe-se que não basta apenas ter acesso à escola, estar numa universidade ou em um curso técnico, é preciso que a pessoa esteja plenamente desenvolvida e preparada para exercer os seus direitos e bem viver em sociedade.

No Brasil, é notável o quanto as crianças não têm tido uma boa educação, já que elas chegam ao final do ensino fundamental sem ao menos terem aprendido o básico da

Língua Portuguesa, como relata Soares, mostrando os resultados das pesquisas de 2016, da Avaliação Nacional de Alfabetização.

> Mais da metade (54,7%) das crianças do 3° ano do ensino fundamental foram avaliados como estando em "nível insuficiente", quando já teriam pelo menos 3 anos de escolarização ("pelo menos", porque não estamos considerando a frequência à educação infantil, fase inicial do processo de alfabetização) e deveriam já estar alfabetizadas, capazes de ler e interpretar pequenos textos, habilidades avaliadas pela ANA. (Soares, 2020, p. 9).

Então, percebe-se que alfabetizar e letrar tem sido um grande desafio no Brasil. Mas, antes de tratar disso diretamente, reparemos no conceito dado à alfabetização e ao letramento. Segundo Soares (2020, p. 27) “Alfabetização e Letramento são processos cognitivos e linguísticos distintos” onde um se trata “do conjunto de técnicas, procedimentos e habilidades necessárias para a prática da leitura e da escrita” e outro das “capacidades de uso da escrita para inserir-se nas práticas sociais e pessoais que envolvem a língua escrita”.

De acordo com Soares (2020, p. 27) alfabetização se trata de ter “o domínio do sistema de representação que é a escrita alfabética e das normas ortográficas” e letramento da “capacidade de ler ou escrever para diferentes objetivos - para informar ou se informar, para interagir com outros, para imergir no imaginário”.

E para isso, segundo Soares,

> Não é preciso primero aprender a técnica para depois aprender a usá-la. E isso se fez durante muito tempo na escola: “primeiro você aprende a ler e a escrever, depois você vai ler aqueles livrinhos lá.” Esse é um engano sério, porque as duas aprendizagens se fazem ao mesmo tempo, uma não é pré-requisito da outra. (Soares, 2003, p. 1).

Desta forma, a alfabetização e o letramento caminham juntos, apesar de serem distintos. Ambos são aprendidos juntos e como visto anteriormente, é errado dizer que primeiro se aprende um para depois aprender o outro. Ademais, vale destacar que quase todo o aprendizado do aluno no ambiente escolar perpassa pela leitura (Trelease, 2023), com isso nota-se o grau de importância de se alfabetizar e letrar, com qualidade, às crianças que são postas em uma escola com a finalidade de aprender.

Mas, pode-se perceber que:

> sistema de escrita atual tem uma falha: ele não compreende a simples observação que Jacques Barzun fez: O palavreado entra pelo ouvido ou pelo olho e sai pela língua ou ponta de um lápis. É difícil escrever o bom e velho período simples, ou complexos períodos compostos, se não o vemos com frequência (Trelease, 2023, p. 194).

Com isso, o autor pontua que as crianças precisam, não simplesmente ser alguém passivo no processo de aquisição mas, alguém que escuta, que fala e que põe em prática as vivências que teve, na escola e fora dela, para então escrever orações simples e compostas sem nenhuma dificuldade.

Desta forma, conclui-se que, os cidadãos não possuem somente direito à educação, possuem também direito a uma educação de qualidade e que esta não deve ser negligenciada. Não basta apenas saber o que é educação, é preciso saber aplicar bons métodos para que a alfabetização e o letramento cheguem a todos.

2.2. ASPECTOS HISTÓRICOS DAS METODOLOGIAS ATIVAS

Sabe-se que desde o século XX alguns autores, como Dewey (1976) e Daros (2018), vêm trazendo a ideia de defesa das escolas inovadoras e quão necessário é ter essa inovação referente às práticas pedagógicas. As metodologias ativas apareceram em meados dos anos de 1990 e o precursor a disseminar essas metodologias foi o professor Eric Mazur. Descontente com os métodos tradicionais educativos ensinados naquele tempo, Mazur decidiu modernizar, gerando novas técnicas para um aprendizado eficiente. Esses recursos metodológicos designados de Metodologias Ativas têm como objetivo principal tornar o discente incumbido por essa aprendizagem. Conforme Borges e Alencar (2014**,** p.120):

> Podemos entender Metodologias Ativas como formas de desenvolver o processo do aprender que os professores utilizam na busca de conduzir a formação crítica de futuros profissionais nas mais diversas áreas. A utilização dessas metodologias pode favorecer a autonomia do educando, despertando a curiosidade, estimulando tomadas de decisões individuais e coletivas.

Embora as metodologias ativas consistam em uma terminologia recente, Daros (2018, p 08) "destaca a importância de autores, como Dewey e Kilpatrickin, que defendiam a educação pautada em aprendizagens, por meio de metodologias mais ativas que colocam o aluno no centro do processo". Nesse ponto de vista, Daros (2018) vai em busca de autores que defendem o mesmo pensamento como Dewey, Kilpatrick, Decroly e Ausubel, onde o professor/mediador expõe o conteúdo por meio de questionário ou problematização, baseado no que é importante ao aluno. Diante disso, um maior engajamento por parte deles é esperado, pois este método torna mais inclusivo e humanizado o aprendizado, com esse intuito:

> [...] de criar possibilidades de uma práxis pedagógica que forme um sujeito crítico, reflexivo, transformador e humanizado. Autores como Paulo Freire, Blonsky, Pinkevich, Krupskaia, Freinet, Claparède e Montessori, abordam suas teorias como alternativa necessária para a superação do modelo pedagógico tradicional vigente, o que continua sendo um dos grandes desafios que se colocam na contemporaneidade. (Daros, 2018, p. 12).

A concepção de tornar novo ou melhorar a forma de ensinar vem sendo questionada há muito tempo na trajetória da educação, sendo assim, podemos citar as contribuições de diversos pensadores, cada um com suas circunstâncias próprias, como John Dewey (1859-1952), que tinha como objetivo uma educação onde a criança é o centro e tem autonomia e Johann Heinrich Pestalozzi (1746-1827),criou inúmeras escolas usando diferentes práticas educacionais, das quais vê o aluno como uma "semente" que instigando, desenvolveria conhecimentos novos. Um exemplo disso é que Pestalozzi conduzia os alunos para o lado de fora da sala (jardins e bosques) para estimular e desenvolver suas habilidades de uma forma interessante.

> Sob essa perspectiva, o campo das metodologias ativas propõe transformações no modo como é compreendido o processo de ensino aprendizagem e as diferentes possibilidades de promover o desenvolvimento de competências, habilidades e conhecimentos junto aos/a estudantes, considerando o protagonismo e a personalização das trajetórias de aprendizagem. (Sefton,Galini, 2022, p. 08)

Na visão de Dewey, os educandos deveriam ser ensinados para a vida pelo próprio modo de viver, de modo a aprender pelo seu agir, partindo de vivências palpáveis e proveitosas. A "Escola Nova" tem como princípio a educação democrática, que vem sendo base na Europa e na América, mais especificamente no Brasil. Também conhecida como escola ativa ou escola progressiva, por forte influência de tais autores.

Deste modo, em 1932, o movimento Escolanovista no Brasil ganhou forças com a movimentação de Anísio Teixeira (1900 – 1971). Tinha também o apoio da Associação Brasileira de Educação (ABE), materializando o Manifesto dos pioneiros da Educação Nova *(*Azevedo, 1932). A Escolanovista era um movimento que se baseava em um ponto de vista mais humanizado e que a educação precisava estar em conjuntos com outras bases. Assim sendo, esse movimento sugeria que a escola assumisse uma função social, passando além de seus muros, e entendendo o aluno de forma integral e completa.

Atualmente, temos como base a LDB (Lei de Diretrizes e Bases) Nº 9394/96, reformulada em março de 2017, onde expressa a estruturação da educação escolar separada em duas partes. Em uma está a educação básica, cuja educação infantil faz parte, juntamente com ensino fundamental e ensino médio e, em contrapartida, está a educação superior (LDB Lei 9.394/96, art. 21).

Desta forma, as metodologias ativas têm como essência a cooperação de todos igualitariamente no processo de aprendizagem, conscientes das suas incumbências diante do que foi estipulado. Consequentemente, a utilização dessa metodologia está vinculada à evolução do pensamento crítico/reflexivo dos discentes sobre temas variados, tornando-os independentes e autores do conhecimento.

2.3. METODOLOGIAS ATIVAS E SUAS CONTRIBUIÇÕES NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO

As metodologias ativas são recursos inovadores que vêm favorecer tanto os alunos quanto os professores, colaborando com avanço e o sucesso no processo de alfaletrar. Segundo Bacich e Moran (2018), compreende-se que as metodologias ativas são como

"grandes diretrizes que orientam o processo de ensino e aprendizagem e se concretizam em estratégias, abordagens e técnicas concretas, específicas e diferenciadas". Por certo, as metodologias ativas servem para conduzir a criança de forma ativa e dinâmica. Ainda Moran (2019, p.7) afirma que elas "constituem-se como alternativas pedagógicas que colocam o foco do processo de ensino e de aprendizagem nos aprendizes".

Sabe-se, que a alfabetização é a fase em que a criança irá apropriar-se da leitura e da escrita, visto que, serão trabalhados técnicas, habilidades e procedimentos fundamentais para desenvolver no aluno a prática da leitura e da escrita. A saber, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) orienta que alfabetização é o foco principal da ação pedagógica nos anos iniciais do ensino fundamental.

Certamente, essa fase é importante para o desenvolvimento educacional da criança. No entanto, a realidade é outra, já que, no decorrer da história da educação é notório os questionamentos referentes a ineficácia dos métodos tradicionais utilizados na alfabetização.

Desta forma, é imprescindível a atualização do ensino com a implementação das metodologias ativas no processo de aprendizagem na alfabetização, porque elas proporcionam modelos diversificados e inovadores. As práticas dessas metodologias são atuais para os alfabetizadores e possibilitam a transformação dos métodos, tornando-os mais dinâmicos e diversificando a ação pedagógica, como afirma Moran:

> Trabalhar com modelos flexíveis com desafios, com projetos reais, com jogos e com informação contextualizada, equilibrando colaboração com a personalização é o caminho mais significativo hoje, mas pode ser planejado e desenvolvido de várias formas e em contextos diferentes (2015, p.25).

Estudos recentes nas áreas da educação, psicologia e neurociência mostram evidenciar que o processo de aprendizagem é ímpar e distinto para cada indivíduo, ou seja, cada um aprende de forma diferente. Segundo Relvas (apud Mansur e Farias, 2019, p. 99): "A Neurociência quando dialoga com a educação promove caminhos para o educador tornar-se um mediador do como ensinar com qualidade por meio de recursos pedagógicos que estimulem o estudante a pensar sobre o pensar".

Com as metodologias ativas os professores podem fazer uso de diversas ferramentas capazes de superar a educação tradicional e transformar sua forma de alfabetizar proporcionando aulas mais atraentes e dinâmicas. De acordo com Moreira (apud Silva, 2021, p. 14):

> As metodologias ativas de ensino trouxeram novas possibilidades de intervenção pedagógica, pois partem do princípio da experimentação e da interação entre os sujeitos para gerar a aprendizagem e, dentro dessa concepção, as metodologias ativas podem ser grandes aliadas no ciclo da alfabetização.

Nessa perspectiva, as estratégias são diversas e oferecem possibilidades para implementação de novas práticas no processo de alfabetização e letramento. Entre os tipos de metodologias que podem ser trabalhados na alfabetização destacam-se:

QUADRO: Metodologias ativas na alfabetização

METODOLOGIAS ATIVAS	DESCRIÇÃO	CONTRIBUIÇÃO
Maker (aprender fazendo)	O aluno aprende fazendo, colocando "a mão na massa".	• Promover o protagonismo do aluno em seu processo na aquisição do conhecimento.
Aprendizagem baseada em projetos	O aluno participa de tarefas e desafios para desenvolver projeto que esteja relacionado com sua vida em diferentes contextos.	• Desenvolver habilidades de pensamento crítico, criativo e a percepção; incentivar aprendizagem colaborativa baseada no trabalho coletivo e a autonomia.
Aprendizagem baseada em problema	É proposto ao aluno problemas sob orientação dos professores para os resolver através dos métodos dedutivos e indutivos.	• Favorecer a autonomia, criatividade, reflexão e investigação; desenvolver habilidade em levantar hipóteses; promover o trabalho em grupo e individual; desenvolver o senso crítico e reflexivo.
Gamificação	O aluno aprende por meio da aplicação de jogos, sendo estes jogos tradicionais (como tabuleiro) ou jogos atuais (como Kahoot e outros aplicativos).	• Promover o engajamento e motivação do aluno, desenvolver a proatividade, autonomia, disciplina, organização, curiosidade e competição saudável; estimular a memória; favorecer o processo de assimilação do conhecimento.
Storytelling	O aluno aprende através da contação de histórias por meio de recursos audiovisuais.	• Melhorar a linguagem oral e o pensamento crítico; favorecer aprendizagem em grupo, motivação, diversão, curiosidade, a leitura e a criatividade.
Rotação por estação de aprendizagem	Propõe que a turma seja dividida em grupo para a realização de um circuito dentro da sala de aula ou qualquer outro espaço para a realização da aprendizagem.	• Promover o comprometimento, a interação, habilidades de colaboração, comunicação e trabalho em grupo.

Fonte: Própria, 2023.

Conforme o quadro, fica evidente que as metodologias ativas são ferramentas fundamentais que apoiam diversas competências e habilidades aos alunos, garantindo assim, uma aprendizagem mais dinâmica e eficiente. Essas estratégias são inovadoras e contribuem de forma significativa com o aluno do século XXI, para se tornar agente mais ativo e participativo na construção de sua aprendizagem.

Diante do exposto, são diversas as contribuições proporcionadas pelas metodologias ativas quando inseridas no processo de alfabetização e letramento. Pode-se destacar o protagonismo do aluno, participação ativa na construção do conhecimento, uma aprendizagem dinâmica e eficaz, o desenvolvimento de competências e habilidades, atuação do professor como mediador e orientador no processo de alfabetização e a transformação das práticas pedagógicas de significativo e absoluto.

3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A metodologia utilizada para realização deste trabalho de conclusão de curso será uma pesquisa de cunho bibliográfico, uma vez que se utilizará de várias fontes de materiais já publicados para embasar os conceitos que serão utilizados. De acordo com Gil (2017, p. 33), a pesquisa bibliográfica:

> é elaborada com base em material já publicado. Tradicionalmente, esta modalidade de pesquisa inclui material impresso, como livros, revistas, jornais, teses, dissertações e anais de eventos científicos. Todavia, em virtude da propagação de novos formatos de informação, estas pesquisas passaram a incluir outros tipos de fontes, como discotecas, fitas magnéticas, CDs, bem como o material disponibilizado pela Internet.

Esse texto tem como finalidade pesquisar sobre as contribuições das metodologias ativas no processo de alfabetização e letramento. Para isso, serão utilizadas referências bibliográficas que favoreçam um diálogo entre metodologias ativas e o processo de alfabetização e letramento, onde buscará trazer conhecimentos teóricos embasados em autores como: José Moran, Mágda Soares, Lilian Bacich e Cristiane Soares.

4. RESULTADOS E DISCUSSÕES

Diante da pesquisa bibliográfica foi possível relacionar metodologias ativas no processo de alfabetização e apontar as contribuições a partir do uso dessas novas estratégias que transformam e atualizam o processo de alfabetizar e letrar para uma educação inovadora. Nesse contexto, fica claro que as práticas pedagógicas precisam ser atualizadas para garantir o sucesso do aluno no processo de alfabetização.

Com base no estudo foi possível identificar que as metodologias ativas associadas ao processo de alfabetização oferecem diversas contribuições através das suas práticas que são inovadoras. Elas favorecem o trabalho do professor e desenvolve no aluno habilidades e competências propostas pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC).

Sendo assim, a pesquisa identificou que existem diversos tipos de metodologias e cada uma dela apresenta maneiras para serem trabalhadas nas aulas, além de colocar o aluno como protagonista na aquisição do conhecimento, favorecendo o seu envolvimento, sua participação e reflexão em toda a fase do processo de ensino aprendizagem. Também contribui para o desenvolvimento integral do aluno para ser autônomo, crítico e comprometido com sua aprendizagem e transformando a prática educativa, de forma significativa e inovadora.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Julga-se que o desfecho da pesquisa mostra que as metodologias ativas contribuem de maneira direta na melhoria da prática no processo de alfabetização e letramento, uma vez que, por meio delas os professores conseguem fazer com que os alunos tenham interesse em estudar e se tornem protagonistas do seu próprio conhecimento. Demonstra também que a educação brasileira fez uso de diversos métodos e que estes foram ineficazes. Entretanto, por que não buscar inovar as práticas pedagógicas dentro e fora da sala de aula?

Para isso, faz-se necessário que gestores e professores tenham um olhar inovador mediante o avanço tecnológico da era digital. Apesar de que ocorram diversas mudanças nas metodologias usadas em sala é importante estar sempre em busca de melhores alternativas para se alcançar melhores resultados, principalmente no quesito

educacional, uma vez que estar alfabetizado e letrado é um direito que deve ser garantido a todos os cidadãos brasileiros.

Desta forma, espera-se que através deste trabalho, futuros pedagogos possam continuar com as pesquisas e até mesmo aderir às metodologias ativas dentro e fora de suas salas de aula, para que cheguem a todos e que enfim a erradicação do analfabetismo deixe de parecer algo tão distante.

REFERÊNCIAS

[1] BACICH, Lilian.; MORAN, José. Metodologias Ativas para uma Educação Inovadora: Uma abordagem teórico-prática. Porto Alegre: Penso, 2018.

[2] BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases, LDB 9394/96. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm. Acesso em: 30 out. 2023.

[3] BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília. 2018. Disponível em: < http://portal.mec.gov.br/conselho-nacional-de-educacao/base-nacional-comum-curricular-bncc. Acesso em 10 out. 2023.

[4] BRASIL. [Constituição (1988)]. Constituição da República Federativa do Brasil: promulgada em 5 de outubro de 1988. 4. ed. São Paulo: Saraiva, 1990. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm>. Acesso em 28 out. 2023.

[5] BORGES, T. S. ALENCAR, G. Metodologias ativas na promoção da formação crítica do estudante: O uso das metodologias ativas como recurso didático na formação crítica do estudante do ensino superior. Cairu em Revista. 2014. p.120. Disponível em: <https://www.cairu.br/revista/arquivos/artigos/2014_2/08_METODOLOGIAS_ATIVAS_PROMOCAO.doc >. Acesso em: 28 out. 2023.

[6] CAMARGO, F. DAROS, T. A sala de aula inovadora: estratégias pedagógicas para fomentar o aprendizado ativo. 2018. Porto Alegre. e-PUB. Disponível em: < https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=3K9SDwAAQBAJ&oi=fnd&pg=PP11&dq=daros+2018&ots=jdu0-IhdM4&sig=-a4GONCE4XtWtSU_enJBbw4v-Fw#v=onepage&q=daros%202018&f=false>. Acesso: 21 out. 2023.

[7] GIL, A. C. Como elaborar projetos de pesquisa. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2017.

[8] MANSUR, Raíssa Cyrino. FARIA, Elaine Leporate Barroso. As contribuições dos fundamentos neurocientíficos no processo de ensino-aprendizagem. Revista Mal-Estar e Sociedade, Minas Gerais, v. 10, n. 1, p. 84-99, 2020. Disponível em: < https://revista.uemg.br/index.php/gtic-malestar/article/view/6766/4170. Acesso em: 16 out. 2023.

[9] MORAN, José. Metodologias Ativas de Bolso: como os alunos podem aprender de forma ativa, simplificada e profunda. São Paulo: Do Brasil, 2019.

[10] MORAN, José. Mudando a educação com metodologias ativas. Coleção Mídias Contemporâneas. Convergências Midiáticas, Educação e Cidadania: aproximações jovens. Vol. II] 2015. Disponível em: < https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4941832/mod_resource/content/1/Artigo-Moran.pdf. Acesso em: 16 out. 2023.

[11] SEFTON, A.P. GALINI, M.E. Metodologias Ativas: Desenvolvendo Aulas Ativas para uma Aprendizagem Significativa. Freitas Bastos Editora. 2022 p. 08. Disponível em: < https://www.google.com.br/books/edition/Metodologias_Ativas/49iYEAAAQBAJ?hl=pt-BR&gbpv=1&dq=Metodologias+Ativas:+Desenvolvendo+Aulas+Ativas+para+uma+Aprendizagem+Significativa&printsec=frontcover>. Acesso em: 21 out. 2023.

[12] SILVA, Adriana Lemes. Contribuições teóricas para o uso das metodologias ativas no ciclo de alfabetização: caminhos e possibilidades. Disponível em:< https://repositorio.ifgoiano.edu.br/handle/prefix/2216 . Acesso: 27 set. 2023.

[13] SOARES, Magda. Alfabetização e Letramento. 7. ed. São Paulo: Contexto, 2017.

[14] SOARES, Magda. Alfaletrar: Toda criança pode aprender a ler e a escrever. 1. ed. São Paulo: Contexto, 2020.

[15] SOARES, Magda. A reinvenção da alfabetização. Gestão escolar dia a dia, 2003. Disponível em<: http://www.gestaoescolar.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/programa_aceleracao_estudos/reivencao_alfabetizacao.pdf. Acesso em: 28 out. 2023.

[16] TRELEASE, Jim. Manual da leitura em voz alta. 1. ed. São Paulo: Kírion, 2023.

Capítulo 5

A abordagem pedagógica no ambiente de saúde e suas aplicabilidades

Débora Cristina N. de Oliveira[1]
Janaina Firmo da Silva[2]
Luciana de Fátima da S. Lima[3]
Silvia Helena Silva Gomes[4]
Pollyane Pinheiro Martins[5]

Resumo A pedagogia hospitalar está presente no cotidiano atuando em unidades de saúde, pois, promove inúmeras possibilidades e práticas pedagógicas que atendam às necessidades do estudante/paciente, podendo assim, ser exercida no ambiente hospitalar. Toma-se como ponto de partida a continuação dos estudos e a prática que tem como objetivo melhorar o aprendizado dos pacientes, durante sua estadia no hospital. A seguinte pesquisa abordará a formação do pedagogo no ambiente hospitalar, o esclarecimento da importância do fazer pedagógico e as competências e habilidades exigidas do mesmo para uma prática profissional dentro do espaço. Deste modo, cabe ao pedagogo hospitalar ofertar ao estudante/paciente as condições para que ele possa apropriar-se dos conteúdos e também a compreensão no processo de aprendizagem. A pesquisa é do tipo qualitativa de revisão bibliográfica e foi pensada com base na observação da escassez da pedagogia hospitalar e isso instigou a necessidade de aprofundar o tema, justificando-se pela pouca compreensão do assunto visto ser pouco discutido entre os profissionais de pedagogia. Os resultados indicaram a grande relevância da pedagogia hospitalar para a recuperação dos pacientes em fase escolar e que o pedagogo possuindo habilidades específicas pode adaptar o ensino às necessidades dos alunos em condição de internamento hospitalar.

Palavras chaves: Pedagogia Hospitalar; Práticas Pedagógicas; Estudante Paciente.

[1] Graduanda do curso de pedagogia no Centro Universitário Fametro.
[2] Graduanda do curso de pedagogia no Centro Universitário Fametro.
[3] Graduanda do curso de pedagogia no Centro Universitário Fametro.
[4] Graduanda do curso de pedagogia no Centro Universitário Fametro
[5] Mestra em Sociologia

1. INTRODUÇÃO

A Pedagogia Hospitalar é uma área de estudo e prática que tem como objetivo melhorar os serviços de saúde hospitalar e a experiência dos pacientes durante sua estadia no hospital, levando o ensino e a aprendizagem a crianças e adolescentes que por algum motivo de saúde estão impedidos de freqüentar a escola. A Pedagogia Hospitalar tem comprovado ao longo do tempo que é um modo de ensino que possibilita a reabilitação dos mesmos, por meio da andragogia, favorecendo não somente a continuidade dos estudos, quanto proporcionar uma experiência educacional baseada em seus interesses e assim promover o bem-estar a autoestima, a dignidade, a saúde mental e preservação da cidadania.

O objetivo é garantir que eles não sejam prejudicados nos estudos, no qual o pedagogo inserido no ambiente hospitalar será um forte aliado para a equipe de saúde tendo em vista o seu papel determinante para a efetivação das práticas pedagógicas, contribuindo para a condição emocional, psíquica, física e social do aluno, pois permite ao mesmo o direito à educação em um estado tão delicado no qual o paciente se encontra, trazendo o aluno do modo paciente para estudante oportunizando que ele preserve o vínculo com a escola regular, e que mesmo vivenciando situações tão difíceis no âmbito hospitalar, a fim de contemplar as necessidades da criança e do adolescente que ainda não se encontra em situação favorável de receber alta hospitalar.

Este artigo tem como foco principal a abordagem pedagógica no ambiente de saúde e suas aplicabilidades no ambiente hospitalar, conforme a vivência e a experiência dentro deste espaço ao qual o profissional não está acostumado, diferente de como estar em uma sala de aula. O profissional que trabalha na área da saúde deve zelar pelo bem-estar do paciente, o pedagogo possui um papel muito importante que vem conquistando seu espaço e a classe hospitalar é um desses espaços. A pedagogia hospitalar é um desafio, nesta área o pedagogo desenvolve um trabalho solidário ajudando pacientes prejudicados na sua escolarização, proporcionando conhecimento e qualidade de vida ao paciente.

Sendo assim, o objetivo deste artigo é compreender qual abordagem pedagógica esse profissional utiliza em um ambiente de saúde e suas aplicabilidades tendo em vista os desafios que ele tem que enfrentar para atuar nesta área.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1. A HISTÓRIA DA PEDAGOGIA HOSPITALAR NO BRASIL

A Pedagogia hospitalar chegou ao Brasil na década de 50, onde há registros oficiais da ação pedagógica em hospitais. No entanto, existem apontamentos que indicam que havia atendimento para pessoas com deficiência física, na Santa Casa de Misericórdia em São Paulo, no período do Brasil, em 1600. Oliveira (2013) resgata o histórico do pavilhão da Escola Bourneville com o intuito de traçar uma linha cronológica da escolarização nos hospitais do Brasil. O Pavilhão foi direcionado para crianças anormais, que se encontravam no hospício Nacional de Alienados do Rio de Janeiro, que foi fundado em 1902 e extinto em 1942. Nesse mesmo hospital, foram encontrados relatórios do atendimento escolar, já no ano seguinte outra classe foi criada, no Pavilhão Fernandinho, com características mistas.

Apesar das manifestações que pronunciaram a classe hospitalar no Brasil, somente em 14 de agosto de 1950, através da portaria n° 634, atendendo aos pedidos do diretor

do Hospital Municipal Bom Jesus, no Rio de Janeiro, surge a primeira ação educativa que abrangeu duzentos leitos e atende oitenta crianças, em idade escolar hospitalizadas, em 1960 a Classe Hospitalar tinham três professoras. O Hospital Barata Ribeiro, contava com apenas uma professora direcionada para esse tipo de atuação. Entretanto para as discordâncias em relação aos marcos desse trabalho, Cardoso Silva e Santos (2012) afirmam ser no estado do Paraná, os primeiros registros de classe hospitalar, mas a ideia não se sustentou porque não havia estudos que comprovem o período e o local onde possa ter ocorrido, logo endossando a informação anterior, considera-se que a primeira classe hospitalar aconteceu no Rio de Janeiro, no Hospital Bom Jesus, por iniciativa da professora Lecy Rittmeyer, visando com isto o atendimento às crianças internadas, para que em seus retornos para as escolas pudessem continuar seus estudos normalmente.

Nesse período, a classe hospitalar, apresentando resultados positivos e uma franca expansão, não tinha vinculação a Secretária de Educação, portanto seu desenvolvimento aconteceu devido o interesse e compromisso dos profissionais que a idealizaram e buscaram o legítimo reconhecimento para o docente que executava tais atividades.

A partir do ano de 1961 que oficialmente, se institui o atendimento às crianças hospitalizadas, por meio da LDB, lei n° 4024/1961 de 20 de dezembro. Ainda em 1961, foram cedidas provisoriamente cinco salas para as práticas extracurriculares com atividades manuais de teatro e bandinha. Já em 1964 as salas foram tomadas e o atendimento passou a ser realizado nas enfermarias, causando desgaste tanto em professores, quanto para os alunos. Nos anos seguintes, os professores receberam diploma do curso de Especialização em Deficiência. Em 1993, a classe atendeu novecentas e quarenta e sete crianças e o atendimento foi se expandindo assim como as salas que passaram a ocupar duas enfermarias, e mais uma adaptada na área de recreação em 1996. Já em 1997, a ampliação do atendimento chegou à marca de 1.002, em 2004 o número multiplicou e passou a 2.585 atendimentos, por fim, no ano de 2005, as secretarias da Saúde da Educação, finalmente assinaram o convênio e publicaram em Diário Oficial.

2.2. A IMPORTÂNCIA DO FAZER PEDAGÓGICO NO AMBIENTE HOSPITALAR

A Pedagogia Hospitalar acontece em áreas de saúde, bem como em domicilio e instituições filantrópicas, e por isso difere-se da Pedagogia tradicional onde as práticas pedagógicas acontecem no âmbito escolar, e o conhecimento adquirido visa ajudar o educando a alcançar o bem-estar físico e mental, além do seu desenvolvimento acadêmico que auxilia no tratamento. Embora a formação do Pedagogo esteja associada mais com o ambiente escolar, sabemos que sua atuação pode ser bem mais ampla, conforme consta na Resolução CNE n° 01/2006 sobre Diretrizes Curriculares Nacionais para o curso de pedagogia.

> Art.4º - O curso de Licenciatura em Pedagogia destina-se à formação de professores para exercer funções de magistério na Educação Infantil e anos iniciais do Ensino Fundamental, nos cursos de Ensino Médio, na modalidade Normal, de Educação Profissional na área de serviços e apoio escolar e em outras áreas nas quais sejam previstos conhecimentos pedagógicos. At. 5º - O egresso do curso de Pedagogia deverá estar apto a: IV – trabalhar em espaços escolares e não escolares, na promoção da aprendizagem de sujeitos em diferentes fases do desenvolvimento

> humano, em diversos níveis e modalidades do processo educativo. (BRASIL, 2006, p.02)

Para ensinar em um ambiente hospitalar, o professor precisa ter uma compreensão profunda do processo de desenvolvimento humano, estar ciente do significado de relacionamentos emocionalmente saudáveis, desenvolver uma prática dinâmica que se adapte às condições do estudante/paciente e planejar cuidadosamente ambientes de ensino de acordo com a série e dificuldades.

O trabalho do professor no hospital é muito importante, dessa forma tem a articulação entre educação e saúde garantindo que a criança e o adolescente hospitalizados possam dar continuidade a sua educação, levando uma nova construção de desenvolvimento e superação de doenças e agravos relacionados à hospitalização.

A importância do fazer pedagógico no ambiente hospitalar pode contribuir para melhora do quadro clínico do aluno/paciente já que ao ter aulas, a criança e o adolescente, sente-se em um ambiente familiar ao seu cotidiano e pode manter contatos com conhecimentos indispensáveis para quando voltar à escola regular. O fator humano também é importante, pois a formação teórica e prática do pedagogo deve ser melhor trabalhada para que sua atuação seja efetiva e respeitada no meio hospitalar com mais rapidez.

Deve-se levar em conta que quando uma criança é internada, sua rotina muda radicalmente, além de se encontrar em um ambiente que, por vezes, mostra-se hostil, a mesma tende a ter um comportamento diferente. É neste sentido, que Matos e Muggiati (2001) falam em "pedagogia da vida" ao se referirem a Pedagogia Hospitalar, pois o pedagogo além de garantir um processo de ensino e aprendizagem, por meio da socialização e convívio com o aluno, deve contribuir, mesmo que de forma indireta com a eficácia do tratamento médico a que o aluno está submetido, para analisar a função da educação no ambiente escolar, bem como a melhor forma de sistematizar essa educação.

2.3. A FORMAÇÃO DO PEDAGOGO NO AMBIENTE HOSPITALAR

O ensino ao estudante/paciente em tratamento de saúde requisita uma educação baseada em práticas significativas, desempenhadas por pedagogos especialistas nessa área, que detenham na ação reflexiva as suas práticas profissionais. Partindo disso, é essencial o investimento na formação do pedagogo para atuar nesse contexto e, também, para o cumprimento da integração do estudante/paciente, prestando ajuda não só na escolaridade e na hospitalização, mas em todos os aspectos resultantes do afastamento necessário do seu cotidiano e do processo, por vez, pelo impacto da internação.

Assim sendo, a formação de pedagogo para atuar no ambiente hospitalar com aluno/paciente em tratamento de saúde é um desafio contínuo, porque em seu desenvolvimento existe o momento do conhecimento de si próprio, da compreensão dos laços que serão feitos, das mudanças que ocorrerão e da aprendizagem docente necessária, por isso, deve ser destaque por sua relevância e emergência em nosso país e no mundo.

Um ponto importante dessa realidade vai além da classificação do que vem em primeiro lugar na formação do profissional da educação. É fundamental que o professor, que atua no contexto hospitalar, compreenda a práxis deve se pautar em um cenário

adaptado que promova o desenvolvimento biopsicossocial do estudante/paciente em tratamento de saúde.

> O trabalho do professor hospitalar é muito importante, pois atende as necessidades psicológicas, sociais e pedagógicas das crianças e jovens. Ele precisa ter sensibilidade, compreensão, força de vontade, criatividade, persistência e muita paciência se quiser conseguir os seus objetivos (ESTEVES, 2012, p.6).

Em alguns hospitais professores começam a trabalhar com total despreparo para exercer a função, este tipo de trabalho não requer somente a formação acadêmica, mas habilidades específicas de uma práxis pedagógica relevante que envolve diferentes aspectos no trabalho cotidiano como: sensibilidade para atuar com crianças, adolescentes e famílias debilitadas, conhecimento da realidade hospitalar e das patologias, capacidade para lidar com diferentes grupos de alunos, pais e com equipes multidisciplinares, habilidade de elaboração e estratégias didáticas para atender alunos originários de diversas regiões e com diferentes conteúdos escolares.

Logo, a pedagogia hospitalar tem por objetivo a promoção da aprendizagem, em espaços diversificados como no ambiente hospitalar ou domiciliar, com o propósito de garantir a continuidade da formação pedagógica do estudante/paciente em tratamento de saúde, de modo que o mesmo continue a sua formação educacional.

2.4. AS COMPETÊNCIAS E HABILIDADES EXIGIDAS DO PEDAGOGO PARA UMA PRÁTICA PROFISSIONAL DENTRO DO ESPAÇO HOSPITALAR

O pedagogo hospitalar precisa realizar seu papel enquanto educador considerando suas competências e suas habilidades, referente às atividades adaptadas e adequadas aquele espaço e aquele momento para que o estudante/paciente continue em seu processo de construção de saberes sistematizados.

O profissional deve obter competências para trabalhar com a diversidade humana com diferentes vivências de valores culturais, identificando as necessidades específicas de cada estudante/paciente nesse estado de internação, deverá propor métodos didáticos e pedagógicos e práticas alternativas fundamentais.

A didática do pedagogo hospitalar envolve as habilidades criativas, lúdicas, afetivas e flexíveis, a habilidade e competência de imaginação, organização e o planejamento, sendo um agente de mudanças com metas pedagógicas em seu contexto educacional. O mesmo deve atentar-se para não atrapalhar os outros profissionais do meio clínico, respeitando horários e recomendações, lembrando de que ele não é enfermeiro, assistente social ou psicólogo.

O método deve ser diferenciado daquele dado em sala de aula com crianças saudáveis, sem enfermidades incuráveis. Em muitos momentos, o estudante/paciente irá estar sem vontade de sair da cama, sem ânimo, desejando apenas estar em casa, com seus amigos e com a própria escola que não faz mais parte da sua rotina.Sendo assim, se faz necessário o uso da escuta pedagógica, como uma abordagem educacional que se concentra em ter habilidade para ouvir o estudante/paciente com empatia e plena atenção, entender seus pontos de vista, suas emoções e suas necessidades. Através desse

método pode-se melhorar a comunicação, aumenta a aprendizagem, fortalece os laços entre os envolvidos e melhora a saúde mental.

> A escuta não se limita ao campo da fala ou do que é falado. A escuta pedagógica atenta e sensível podendo colaborar para o resgate da autoestima contribuindo para o bem estar e a saúde da criança hospitalizada, no momento da escuta, o professor se torna pesquisador, ele não julga, não mede, não compara, ele se relaciona com o outro e o conhece em sua totalidade sem dar opiniões no que é dito ou feito. (LOPES, 2010, p.16).

Nesse contexto, a escuta pedagógica pode apoiar a classe hospitalar para oportunizar alívio a essas crianças. A escuta é uma ferramenta para o trabalho da educação dos sujeitos e inclusive do pedagogo hospitalar. Proporciona um diálogo entre ambos, aliviando os medos e tensões e essas crianças acabam gostando das atividades preparadas pelo pedagogo hospitalar.

O objetivo é dar as condições em que eles se sintam inseridos no mundo, mostrando suas habilidades de aluno, por meio de atividades lúdicas, as quais apresentam habilidades. Isso pode garantir-lhe uma valorização de seu conhecimento prévio, evocadas em suas reflexões a este respeito, ao mesmo tempo, como a redução da evasão escolar e da exclusão social.

3. PROCEDIMENTO METODOLÓGICO

Ao longo desta pesquisa foi possível observar que a função do Pedagogo Hospitalar exige uma grande responsabilidade e comprometimento em relação ao estudante/paciente, pois o profissional que atua nessa área deve ser comprometido, criativo e se adaptar à realidade em que a criança se encontra no ambiente hospitalar.

Um aspecto muito relevante que foi observado na pesquisa, é a importância das competências e habilidades do profissional que atua nesta área, pois para exercer sua prática, ele deve estar qualificado, por meio de aperfeiçoamento com cursos e pós-graduação, para exercer dentro do ambiente hospitalar sua função, pois precisam trabalhar em conjunto para o bem estar do estudante/paciente que se encontra debilitado e necessitando de atenção emocional, psicológica e educacional.

Assim, podemos concluir que a Pedagogia Hospitalar tem uma importante relevância e contribui para a formação de uma sociedade mais humanizada e solidária, pela busca dos direitos das crianças e adolescentes, dando-lhes o devido apoio educacional enquanto os mesmos estejam acamados e enfermos, conforme garante a Lei 13.716, de 2018, que lhes concede esse direito.

4. RESULTADOS E DISCUSSÕES

Os resultados e discussões foram baseados a partir das constatações dos três objetivos propostos para a investigação desta pesquisa, e estes foram averiguados com base nos dados publicados por outros pesquisadores e corroborados com a discussão levantada, utilizando referências como Souza & Rolim (2019), Fonseca (1999) e Belancieri et al., (2018).

No primeiro objetivo buscou-se relatar os aspectos históricos da pedagogia hospitalar, neste foi possível constatar que a Pedagogia Hospitalar no Brasil embora não muito difundida, tem seu início desde 1.600 já nas Santas Casas de Misericórdia de São Paulo e isso ocorria em virtude das limitações de saúde das pessoas com deficiência que não podiam freqüentar as escolas devido ao estado de saúde e do internamento nestes ambientes hospitalares.

Com isso, percebe-se a estratégia de acessibilizar a educação às pessoas impossibilitadas de estar nas escolas regulares devido às condições de saúde e ao mesmo tempo de abrir uma oportunidade para ofertar uma modalidade de educação diferenciada para crianças que possuem algum comprometimento com a saúde.

Sobre isso, Souza e Rolim (2019) pontuam que,

> O espaço do hospital é um ambiente de desafios para o restabelecimento da saúde, mas é também local de desenvolvimento da infância quando tratamos da criança em internação. Pensar sobre o desenvolvimento infantil da criança em situação de internação é colocar em destaque a pedagogia hospitalar, atividade que abre espaço para uma educação diferenciada às crianças afastadas do contexto escolar devido a alguma doença. (SOUZA; ROLIM, 2019, p. 404).

Deste modo, foi possível verificar que historicamente a Pedagogia Hospitalar sempre atuou nesse viés de propor uma educação acessível e diferenciada para os alunos que não possuem condições de freqüentar a escola por motivos de saúde.

O segundo objetivo proposto foi relacionar a partir da pesquisa bibliográfica a formação do pedagogo. As referências pesquisadas indicaram que a formação do pedagogo hospitalar é extremamente necessária para a educação efetiva e para estimular a aprendizagem continuada. Porém, percebe-se que ainda é desconhecido o papel deste profissional devido ao foco de trabalho ser mais direcionada para ambientes escolares e não fora deles. Isso por sua vez ofusca a visibilidade da dimensão dos campos de atuação do pedagogo no seguimento da saúde.

Fonseca (1999) observa que essa dificuldade de reconhecimento desse campo de atuação é um fato que intriga os profissionais da área.

> A inexistência de teorias ou estudos desta natureza em território nacional gera, tanto na área educacional quanto na de saúde, o desconhecimento desta modalidade de ensino e integralização da atenção de saúde às crianças e aos jovens hospitalizados (FONSECA, 1999, p.117)

Então, fica claro que quanto menos a exploração desse tema, menos conhecido se torna a formação do pedagogo no ambiente hospitalar. É preciso ampliar o enfoque da profissão a fim de criar oportunidades de atuação.

Através do terceiro objetivo foi possível justificar a importância do fazer pedagógico no ambiente hospitalar, neste objetivo, a pesquisa esclareceu que embora a pedagogia tradicional e a hospitalar possuam diferenças devido até mesmo à estrutura para o ensino e aprendizagem, a modalidade de ensino dentro dos hospitais é de grande

relevância para a cura e tratamento do paciente uma vez que pela utilização de recursos didáticos adaptados é capaz de promover a melhoria do estado de saúde e continuidade do processo educacional sem prejuízos ao calendário letivo.

> A Pedagogia Hospitalar visa garantir a escolarização a estudantes em idade escolar, envolvidos por situações que os afastem da escola, como enfermidades temporárias ou permanentes e hospitalização, contribuindo para a criação de um ambiente de aprendizagem sistematizado e humanizado (BELANCIERI et al, 2018, p. 54)

Sendo assim, fica evidente que a educação pode ser estimulada também em ambiente hospitalar, desde que adequada às necessidades do aluno, considerando que muitos podem estar acometidos por doenças graves e já possuem limitações devido a isso, mas que precisam aprender de forma humanizada e inclusiva.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo desta pesquisa foi possível observar que a função do Pedagogo Hospitalar exige uma grande responsabilidade e comprometimento em relação ao estudante/paciente, pois o profissional que atua nessa área deve ser comprometido, criativo e se adaptar à realidade em que a criança se encontra no ambiente hospitalar.

Um aspecto muito relevante que foi observado na pesquisa é a importância das competências e habilidades do profissional que atua nesta área, pois para exercer sua prática, ele deve estar qualificado, por meio de aperfeiçoamento com cursos e pós-graduação, para exercer dentro do ambiente hospitalar sua função, pois precisam trabalhar em conjunto para o bem estar do estudante/paciente que se encontra debilitado e necessitando de atenção emocional, psicológica e educacional.

Assim, podemos concluir que a Pedagogia Hospitalar tem uma importante relevância e contribui para a formação de uma sociedade mais humanizada e solidária, pela busca dos direitos das crianças e adolescentes, dando-lhes o devido apoio educacional enquanto os mesmos estejam acamados e enfermos, conforme garante a Lei 13.716, de 2018, que lhes concede esse direito.

REFERÊNCIAS

[1] BELANCIERI, Maria Fátima et al. Pedagogia hospitalar: intervenções na unidade pediátrica a partir da contação de histórias. **Semin., Ciênc. Soc. Hum.**, Londrina, v. 39, n. 1, p. 53-64, jun. 2018. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1676-54432018000100005&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 31 de outubro de 2023.

[2] BRASIL, Ministério da Educação e do Desporto. Lei de Diretrizes e bases da Educação Brasileira. Brasília, MEC, 1996 BRASIL, Ministério da Educação e do Desporto. Política Nacional da Educação Especial. Brasília, MEC, 1994. BRASIL.

[3] BRASIL, RESOLUÇÃO N° 41/1995 **CONANDA**. Aprova em sua íntegra o texto oriundo da Sociedade Brasileira de Pediatria, relativo aos Direitos da Criança e do Adolescente hospitalizados. DIÁRIO OFICIAL DA UNIÃO, 17/10/95 - Seção I, p.163/9-16320

[4] BRASIL. Lei n° 13.716, de 24 de setembro de 2018. Assegura atendimento educacional ao aluno da educação básica internado para tratamento de saúde em regime hospitalar ou domiciliar por tempo

prolongado. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2015-2018/2018/Lei/L13716.htm#art1 Acesso em: 24 de setembro de 2023.

[5] Brasília - Distrito Federal. BRASIL. Constituição (1988). **Constituição** da República Federativa do Brasil. Brasília, DF, Senado, 1998.

[6] ESTEVES. Cláudia R. **Pedagogia Hospitalar**: um breve histórico. WOLF, Rosângela Abreu do Prado. Pedagogia Hospitalar: a prática do pedagogo em instituição não-escolar.

[7] Fonseca ES da. A situação brasileira do atendimento pedagógico-educacional hospitalar. EducPesqui [Internet]. 1999 Jan;25(1):117–29. Availablefrom: https://doi.org/10.1590/S1517-97021999000100009

[8] Ministério da Saúde, Lei nº 8.080, de 19 de setembro de 1990. Lei Orgânica da Saúde - Dispõe sobre as condições para a promoção, proteção e recuperação da saúde, a organização e o funcionamento dos serviços correspondentes e dá outras providências. Brasília, DF: Senado 1990

[9] Rodrigues, A. S. P., Sachinski, G. P., & Martins, P. L. O. (2022). Contribuições da revisão integrativa para a pesquisa qualitativa em Educação. *Linhas Críticas*, *28*, e40627. https://doi.org/10.26512/lc28202240627

[10] SALES, C. J.; LIMA, D. M., SOUZA, H. O. L. **Pedagogia Hospitalar**: Metas E Desafios Para O Pedagogo. 2016. Disponível em: <PEDAGOGIA HOSPITALAR: METAS E DESAFIOS PARA O PEDAGOG – Brasil Escola>>. Acesso em 25 de setembro de 2023.

[11] SILVA, Neilton e ANDRADE, Elane. **Pedagogia Hospitalar**: fundamentos e práticas de humanização e cuidado. Cruz das Almas/Bahia: UFRB 2013.

[12] SOUZA ZS, ROLIM CLA. As Vozes das Professoras na Pedagogia Hospitalar: Descortinando Possibilidades e Enfrentamentos. Revbraseducespec [Internet]. 2019Jul;25(3):403–20. Availablefrom: https://doi.org/10.1590/s1413-65382519000300004

Capítulo 6

A importância do lúdico para o desenvolvimento cognitivo e social nos anos iniciais

Débora Souza de Lima[1]
Regimar de Souza Rodrigues[2]
Tânia Maria Pereira de Aragão Cordeiro[3]
Pollyane Pinheiro Martins[4]

Resumo: O presente artigo tem como objetivos trazer visibilidade ao lúdico como ferramenta pedagógica utilizada na educação como base para desenvolver e aplicar melhores estratégias metodológicas que auxilie e contribua para o desenvolvimento criativo, cognitivo e social dos alunos, onde o lúdico é aplicado de forma intencional com metas e objetivos a serem alcançados e com isso proporcionando a ludicidade aos envolvidos. Desvelar que nos anos iniciais o lúdico pode ser trabalhado, já que não remete somente à educação infantil e pode ser utilizado em qualquer fase da educação básica, também é um dos objetivos desmistificar o sentido da brincadeira como, o antônimo de seriedade, já que o brincar faz parte de toda a fase da vida e é por meio das brincadeiras e jogos que os alunos conseguem socializar nos diversos ambientes, desenvolvendo suas habilidades e competências. Desta forma, o lúdico é um grande possibilitador de experiências que beneficia tanto o professor como o aluno, o professor possui um grande papel, o de facilitador de experiências e vivências que auxiliarão no processo de formação dos alunos nos anos iniciais.

Palavras-chave: Lúdico. Ludicidade. Jogos. Brincadeiras.

[1] Graduanda do curso de Pedagogia do Centro Universitário Fametro.
[2] Graduando do curso de Pedagogia do Centro Universitário Fametro
[3] Graduanda do curso de Pedagogia do Centro Universitário Fametro
[4] Mestra em Sociologia

1. INTRODUÇÃO

Os meios de aprendizagem são diversos e ao longo do tempo sofreram algumas mudanças na forma de trabalhar pedagogicamente com os alunos que estão inseridos no processo de formação básica. Deve-se buscar meios efetivos que auxiliem no processo de formação de cada indivíduo, onde cada um consiga alcançar seu desenvolvimento pessoal, cognitivo e social.

Nas mais variadas metodologias, surgiu o lúdico como ferramenta no fazer pedagógico de muitos professores, escolas e instituições, ele traz formas de desenvolvimento por meio de jogos e brincadeiras, as quais auxiliam na criatividade de cada indivíduo, tornando o ensino divertido e interativo. Apesar de ser bastante trabalhado na educação infantil não é algo que remete somente a essa etapa de formação, visto que a ludicidade perpassa por toda a fase da vida, está presente em muitas situações do dia a dia que muitas vezes não é percebida, ao executar uma tarefa com facilidade, por exemplo, gera-se um sentimento de satisfação ou na sala de aula quando se colocam as exigências de forma mais descontraída, desmistificando o sentido de seriedade.

A brincadeira muitas vezes é vista como o antônimo de sério, em que o mesmo deve ser sempre trabalhado de forma rígida e sem espaço para divertimento, o estudo tem que ser centralizado em métodos e metodologias que avancem no desenvolvimento e sem espaço parainterações, como se a brincadeira fosse uma perda de tempo e não trouxesse nenhum benefício, como apenas um passatempo, algo não sério, sem uma intencionalidade.

Com base nisso, a pesquisa tem o intuito de evidenciar o lúdico como ferramenta pedagógica nos anos iniciais, dando continuidade no que foi iniciado na educação infantil, com isso vem o processo de transição, o qual segundo a BNCC (Brasil, 2018, p. 57-58) diz que “é necessária a articulação com as experiências vivenciadas na Educação Infantil. Tal articulação precisa prever tanto a progressiva sistematização dessas experiências quanto o desenvolvimento, pelos alunos, de novas formas de relação com o mundo [...]”. Ocorrendo assim, um processo que auxilie os alunos a passarem por essas mudanças que pode afetá-los.

O trabalho foi realizado através de pesquisa bibliográfica e está dividido em capítulos, o primeiro refere-se ao lúdico no contexto escolar, trazendo a contextualização geral do conceito de lúdico, jogos e brincadeiras e sua importância para o desenvolvimento de habilidades e competências. O segundo capítulo retrata a importância de se trabalhar com jogos e brincadeiras em sala de aula nos anos iniciais, trazendo toda a contextualização das fases que existem e associando ao desenvolvimento cognitivo e social. O terceiro capítulo, retrata o papel do professor na perspectiva do lúdico, que possui um grande papel ao desenvolver propostas pedagógicas por meio do lúdico e promover a ludicidade a todos os envolvidos, uma vez que o professor é um grande facilitador e mediador de tais experiências.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1. O PAPEL DO LÚDICO NO CONTEXTO ESCOLAR

2.1.1. O CONCEITO DO LÚDICO

O brincar faz parte do cotidiano desde o período mais remoto, e tem sido vivenciado em todas as etapas da vida humana, por exemplo, em uma simples

brincadeira de amarelinha ou ao manusear um brinquedo, ou ainda ao se ouvir uma história onde se compartilhamexperiências com seus pares vivenciando momentos de alegria, prazer e de entretenimento.

Segundo Costa (2005, p. 45) "a palavra lúdica vem do latim *ludus* e significa brincar. O lúdico é a brincadeira, o jogo, o brinquedo e a diversão daquele que joga, brinca e que se diverte". Assim, tal aspecto está no fato de que brincar faz parte da cultura do indivíduo e contribui para a construção do conhecimento do mesmo na sociedade e no mundo. A partir desta percepção o lúdico, com o passar dos anos tem sido cada vez mais introduzido e utilizado como um recurso pedagógico no processo de ensino e aprendizagem visto que se percebeu que com a sua utilização, a criança desenvolve habilidades e competências, bem como pode proporcionar a ela experienciar momentos de lazer e satisfação, permitindo-lhe a resolução de problema e ampliação de sua percepção do mundo, no qual está inserida. Para Rau (2013, p. 37 *apud* Kishimoto, 2008, p. 63):

> [...] o lúdico é um instrumento de desenvolvimento da linguagem e do imaginário, vinculado aos tempos atuais como "um meio de expressão de qualidades espontânea ou naturais da criança, um momento adequado para desenvolver esse indivíduo, que expressa através dele sua natureza psicológica e inclinações.

Todavia, deve-se ter em mente a compreensão de que o uso do lúdico como um recurso pedagógico para o desenvolvimento da criança, seja de fato "lúdico", em face de quea ludicidade se refere ao estado interior do indivíduo e deve refletir como algo agradável, divertido e espontâneo. Luckesi (2022, p. 16) diz que:

> Todas essas atividades, em nosso cotidiano, recebem a denominação de "lúdicas", contudo, poderão ser "não lúdicas", a depender dos sentimentos e do estado de ânimo que se façam presentes na dinâmica psicológica de cada um dos seus participantes.

Ou seja, ao realizarem uma atividade coletiva, é necessário respeitar o tempo e a individualidade de cada participante envolvido. Assim, o respeito prevalece e a aprendizagem ocorre naturalmente com base nas experiências que essa atividade proporcionará, o qual os alunos expressarão seus próprios interesses.

Em suma, as brincadeiras, os jogos e a cultura intelectual são de extrema importânciae quando unidos com a finalidade de exercer atividades com o indivíduo, podem vir a setornar um grande método para a construção de caráter e personalidade no desenvolvimento dematuração dele.

2.1.2. BRINCADEIRA

A brincadeira se faz presente na vida das crianças no seu dia a dia. Elas são motivadas a brincar pelo simples prazer, do brincar afetivo que constrói as relações sociais em seu meio e em ambientes distintos. Desta forma, a criança através de uma simples brincadeira, consegue realizar imitação de vários papéis do seu cotidiano, como por exemplo: o brincar de boneca. Ao realizar esse tipo de brincadeira ela consegue lidar com situações de conflitos, extraindo assim, um resultado satisfatório para o seu

desenvolvimento. De acordo com Rau (2013, p. 50 *apud* Kishimoto, 1994, p. 50) a brincadeira é:

> [...] uma atividade espontânea da criança, sozinha ou em grupo. Ela constrói uma ponte entre a fantasia e a realidade, o que a leva a lidar com complexas dificuldades psicológicas, como a vivência de papéis e situações não bem compreendidas e aceitas em seu universo infantil. A brincadeira na infância leva a criança a solucionar conflitos por meio da imitação, ampliando suas possibilidades linguísticas, psicomotoras, afetivas, sociais e cognitivas.

Do ponto de vista de Almeida (2013, p. 18) "o termo brincadeira é compreendido como atividade recreativa". Para o autor, nem todas as brincadeiras possuem regras específicas predeterminadas, mas sim elaboradas rapidamente ou já existentes. Ou seja, uma atividade espontânea, remete a ideia do brincar por prazer. Podemos citar algumas brincadeiras mais comuns como: a brincadeira de faz de conta; de corrida; de rodas; de advinhas; de corda; amarelinha; de artes, de linguagem, entre outras. Dentro dessa perspectiva, pode ser usado no desenvolvimento de atividades escolares no dia a dia dos estudantes.

2.1.3. JOGO

O jogo é uma atividade lúdica que possui regras, sequência e complexidade. A diversidade dos jogos é muito grande, ela é determinada de acordo com sua particularidade. Para Almeida (2013, p. 18) "o jogo é algo mais complexo. É uma atividade lúdica regida por um sistema de regras, com uma estrutura sequencial que especifica sua natureza". Utilizar o jogo como recurso pedagógico viabiliza uma melhor aprendizagem em que os alunos conseguem assimilar diferentes conteúdos com maior facilidade, por ser regido de regras facilita a inserção de normas e o aluno consegue compreender de uma forma mais leve e simples, principalmente, componentes curriculares como, por exemplo, a matemática.

Já Piaget (1976 *apud* Rau 2013, p. 58) cita "que o jogo é fundamental para o desenvolvimento cognitivo, pois, ao representar situações imaginárias, a criança tem a possibilidade de desenvolver o pensamento abstrato". É evidente que o jogo proporciona o desenvolvimento da criança através de situações imaginárias, instigando a reflexão e a socialização.

2.2. OS JOGOS E BRINCADEIRAS NA SALA DE AULA NOS ANOS INICIAIS

Os jogos e brincadeiras atravessam o caminho de uma criança em seu primeiro contato de interações com seus pais e demais familiares, o que estimula o desenvolvimento social, como aborda Vygotsky, citado por Silva e Arce (2010, p. 122):

> um processo que se dá a partir e por meio de indivíduos com modos histórica e culturalmente determinados de agir, pensar e sentir, sendo inviável dissociar as dimensões cognitivas e afetivas dessas interações e os planos psíquico e fisiológico do desenvolvimento decorrente.

Sendo assim, por meio das interações sociais, a criança cria e aprimora seus laços afetivos, cria vínculos com as demais pessoas do seu convívio. Tem contato com brincadeiras que estimulem seu desenvolvimento motor e cognitivo que despertam nas crianças a curiosidade ao explorar os objetos e brinquedos no ato de brincar, sendo consideradas como uma linguagem utilizada para compreender o mundo à sua volta. Deste modo, a criança desenvolve uma inteligência prática de realizar tarefas básicas e cria soluções de problemas quando está brincando. De acordo com Vygotsky (1987, p. 35):

> O brincar é uma atividade humana criadora, na qual a imaginação, fantasia e realidade interagem na produção de novas possibilidades de interpretação, de expressão e de ação pelas crianças, assim como de novas formas de construir relações sociais com outros sujeitos, crianças e adultos.

Neste sentido, a criança adentra no mundo social por meio das brincadeiras quando interage com outras pessoas, sendo o lúdico responsável por esta interação, por isso, o brincar ludicamente permitirá aos envolvidos descontração e segurança emocional que favorecem condições de aprendizagem. À vista disso, a brincadeira é fundamental para o desenvolvimento da criança, na medida que aprende brincando, pode transformar e produzir novos significados.

Similarmente os jogos na sala de aula permitem que a criança analise e compreenda o mundo em que vive, formado por regras e deveres, no qual vai ser seguido aos longos passos de sua vida. Nas palavras de Piaget e Inhelder (2007, p. 56-57):

> O jogo simbólico assinala, sem dúvida, o apogeu do jogo infantil [...] corresponde à função essencial que o jogo exerce na vida da criança. Obrigada a adaptar-se, sem cessar, a um mundo social de mais velhos, cujos interesses e cujas regras lhe permanecem exteriores [...].

Em outros aspectos, os jogos trazem aprendizagem dentro da sala de aula como em casa que ajudam a entender como funciona a sociedade e a sua evolução cognitiva, a partir deste processo em desenvolvimento através da prática dos jogos, fazendo com que ela participe de situações que lhe faça aprender estratégias, métodos e ações que solucionem problemas comum de jogo. Sobre isso, afirma Fortuna (2003, p.19) que:

> [...] enquanto joga, o aluno desenvolve a iniciativa, a atenção, a imaginação, o raciocínio, a memória, a curiosidade e o interesse, concentrando-se por longo tempo em uma atividade.

Nesse sentido, o jogo com intencionalidade e adaptado para a aprendizagem traz muitos benefícios ao aluno, por meio dele, o conhecimento é construído de forma dinâmica e objetiva, tendo auxílio do professor e os alunos envolvidos fazendo uma análise dos erros eacertos, torna a aula lúdica e divertida.

Assim sendo, a prática de jogos e brincadeiras dentro da sala de aula mostra um significativo avanço e amadurecimento do cognitivo do aluno, não podemos deixar de citar o desenvolvimento socioemocional. Cria o sentimento de compartilhar, dividir e auxiliar, ou seja, a prática de jogos e brincadeiras nos anos iniciais traz para a vida da

criança um conjuntode elementos que contribuem para o seu desenvolvimento integral.

Um dos documentos oficiais sobre a educação a Base Nacional Comum Curricular (2018, p. 214) diz que jogos e brincadeiras exploram:

> [...] aquelas atividades voluntárias exercidas dentro de determinados limites de tempo e espaço, caracterizadas pela criação e alteração de regras, pela obediência de cada participante ao que foi combinado coletivamente, bem como pela apreciação do ato de brincar em si.

Para a BNCC (Brasil, 2018) os jogos e brincadeiras devem ser implementados dentro de uma sala de aula, sendo eles educativos ou adaptados para uma temática específica,abordando conteúdos referentes aquela determinada série de ensino, isso feito torna-se muito satisfatório, como também podem ser adaptados para uma aula, contemplando o plano de auladaquele dia, já que é comprovado que a criança aprende brincando, porque o lúdico trazleveza aos conteúdos mais complexos e facilita sua absorção.

Deste modo, é perceptível que a criança aprende por meio de jogos e brincadeiras, podendo o professor fazer uso nos anos iniciais, trazendo uma aula mais agradável e cativantedo que um método pedagógico tradicional, o que não significa que será deixado de lado a matriz curricular dos anos iniciais, mas que os jogos e brincadeiras serão um complemento da aula realizada.

2.3. O PAPEL DO PROFESSOR NA PERSPECTIVA DO LÚDICO

O docente é um grande facilitador no processo de formação educacional, o qual por meio de diversas metodologias possibilitam as diversas oportunidades de experiências e vivências que os alunos levarão para o resto da vida, são vivências que os auxiliarão na forma de ver o mundo e interagir com ele e, ocorre, assim, a construção de conhecimentos baseado no seu dia a dia valorizando o indivíduo criativo, flexível, crítico e que consiga dialogar e resolver situações diversas.

Para que o lúdico seja uma ferramenta pedagógica auxiliadora no desenvolvimento dasatividades diárias é necessário que o docente, possua uma postura de facilitador de aprendizagem respeitando a bagagem de vivências dos seus estudantes a fim de possibilitar a utilização de recursos como jogos e brincadeiras que contribuirão para a concepção de ludicidade. É necessário que esse educador detenha conhecimentos a respeito do lúdico e principalmente domínio acerca do que desenvolverá com seus alunos, não basta somente querer que o lúdico faça parte das rotinas diárias, se faz necessária a conexão entre conhecimento teórico e a didática produzida na prática. Baquero (2000. p. 27) diz que:

> [...] no processo de educação também cabe ao mestre um papel ativo: o de cortar, talhar e esculpir os elementos do meio, combiná-los pelos mais variados modos paraque eles realizem a tarefa de que ele, mestre, necessita. Deste modo, o processo educativo já se torna trilateralmente ativo: é ativo o aluno, é ativo o mestre, é ativo omeio criado entre eles.

Trabalhar com o lúdico vai além do uso apenas de jogos e brincadeiras, requer um cuidado na elaboração de atividades cotidianas que serão desenvolvidas ao longo das aulas. Apesar de serem tidas como atividades lúdicas, a utilização de jogos, brincadeiras e a realização de aulas com brinquedos nem sempre é considerada ''lúdica''. Vai além da utilização dos recursos citados, para ser considerado de fato lúdica é necessário que os envolvidos se sintam confortáveis, tenham prazer em aprender da forma em que está sendo trabalhada, sendo imprescindível o planejamento das aulas. Como diz Vasconcelos (2000, p. 79 *apud* Gama e Figueiredo, p. 3) sobre o planejamento:

> O planejamento enquanto construção-transformação de representações é uma mediação teórica metodológica para ação, que em função de tal mediação passa a serconsciente e intencional. Tem por finalidade procurar fazer algo vir à tona, fazer acontecer, concretizar, e para isto é necessário estabelecer as condições objetivas e subjetivas prevendo o desenvolvimento da ação no tempo.

Com base nisso, o educador precisa elaborar suas aulas de acordo com as necessidadesde seus alunos, não esquecendo suas individualidades e para isso precisa conhecer cada um e buscar meios que atendam a todos sem exceção, já que nem todas as brincadeiras agradam a todos, a brincadeira que um gosta pode não ser a brincadeira que o outro goste e lidar comesse tipo de situação é comum na sala de aula, saber contornar situações como essas é de suma importância. Para isso o professor precisa estar a par de tudo o que acontece e ter habilidade de reinventar as brincadeiras, adaptando-as para que todos possam executá-las e adquiram conhecimento com base nelas.

Rau (2013, p. 110) diz que:

> É importante perceber no aluno toda a sua singularidade, sua especificidade, para que seja possível atender às suas necessidades específicas. É a percepção dessas especificidades que organizará o processo, e não um modelo universal, com uma concepção preestabelecida do método de desenvolvimento do sujeito.

Não há uma fórmula específica de se trabalhar o lúdico, não existe um padrão que possa ser usado nas atividades que o docente possa seguir e desenvolver suas atividades, requer um aprimoramento no contexto de se pensar metodologicamente respeitando o tipo de jogo, a brincadeira que está sendo utilizado. Para isso, o planejamento das atividades precisa estar em concordância com a realidade vivida em sala de aula, como já dito anteriormente, se faz a necessidade da intencionalidade, não é um brincar por brincar, precisa de um foco específico e um objetivo a ser alcançado. Conforme Kishimoto (2008, p.95). defende que "o jogo não pode ser visto apenas como divertimento ou brincadeira para desgastar energia, pois ele favorece o desenvolvimento físico, cognitivo, afetivo, social e moral".

Portanto, nos anos iniciais o lúdico é um grande aliado para o desenvolvimento de atividades lúdicas e auxilia no desenvolvimento dos indivíduos envolvidos. Por meio dele, as aulas se tornam mais prazerosas e o aprendizado de qualidade. Utilizado de diversas formas como meio de solucionar problemas, aproximar a turma, promover interação social, facilitar acompreensão dos componentes curriculares e ajudar no universo criativo

dos alunos. E o grande facilitador nesse processo é o professor, por meio dele é que todas essas atividades sãorealizadas, visto que é o mediador de aprendizagem na perspectiva do lúdico.

3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Para a construção dessa pesquisa foram usados livros que retratam o tema abordado, tendo como base materiais meramente bibliográficos que foram analisados e escritos por autores que dedicaram seu tempo aos estudos do lúdico, da ludicidade e da educação. O mesmo seguiu uma abordagem de pesquisa bibliográfica que de acordo com Gil (2007, p.17) é um:

> [...] procedimento racional e sistemático que tem como objetivo proporcionar respostas aos problemas que são propostos. A pesquisa desenvolve-se por um processo constituído de várias fases, desde a formulação do problema até a apresentação e discussão dos resultados.

Portanto, o método de trabalho de pesquisa escolhido tem total embasamento dos materiais pesquisados e estudados, sendo analisados de acordo com o problema encontrado naconstrução do pré-projeto, comparando opiniões e teses de diferentes autores que contribuíram para a realização deste trabalho científico.

4. RESULTADOS E DISCUSSÕES

De acordo com os resultados obtidos por meio da pesquisa bibliográfica mostram quea ausência do lúdico nos anos iniciais pode afetar no desenvolvimento cognitivo e social dos alunos. Embora seja um importante recurso utilizado na educação infantil, não é exclusivo a essa etapa da educação, as demais etapas também requerem um olhar lúdico. Como Fortuna (2000, p.3), diz:

> [...] nos raros momentos em que são propostos, são separados rigidamente das atividades escolares, como o "canto" dos brinquedos ou o "dia do brinquedo" - e, assim mesmo, apenas nas escolas infantis, pois nas classes de ensino fundamental estas alternativas são abominadas, já que os alunos estão ali para "aprender, não parabrincar".

Ou seja, o brincar ainda deve fazer parte do dia a dia no ato de desenvolvimentos de atividades, principalmente como recursos de conteúdos programáticos. Por meio dos jogos e brincadeiras a criança aprende enquanto se brinca, o brincar não é antônimo de seriedade esim um momento de interação que auxiliam no processo de ensino aprendizagem nos anos iniciais.

Por essa razão, o lúdico faz toda a diferença na vida dos professores e dos alunos que estão em busca do desenvolvimento integral e, para que os estudantes consigam melhor desempenho na aprendizagem, tornando-os criativos, críticos e reflexivos requer um olhar diferenciado que visa uma educação baseada em práticas e vivências que possibilitem a participação de todos.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por meio da pesquisa foi possível adquirir uma visão extensa sobre o lúdico e a ludicidade no contexto pedagógico escolar. Muito se é falado e trabalhado, entretanto pouco entendido e executado com base nos princípios do lúdico como recurso pedagógico. Muitas vezes é visto de forma equívoca por falta de compreensão. Parece ser algo simples e fácil de se trabalhar, no entanto, requer um conhecimento a respeito e, principalmente, habilidades e competências que ajudem o docente a desenvolver tais atividades consideradas lúdicas.

É um recurso que auxilia no processo de ensino aprendizagem e pode ter continuidade nos anos iniciais, não se refere somente à educação infantil. Por meio do lúdico as interações sociais se tornam leves e simples, promovendo um ambiente fruitivo com uma aprendizagem aprazível, aproxima o educador dos seus educandos e, o aprendizado ocorre por meio de vivências cotidianas, com trocas de experiências por meio de jogos e brincadeiras.

O lúdico pode fazer toda a diferença na vida tanto dos alunos, quanto dos professores, por meio dele as experiências se tornam eficazes aos objetivos que devem ser alcançados, a brincadeira possui uma intencionalidade e um propósito, que auxilia no desenvolvimento cognitivo, criativo e social. Não é um brincar por brincar, não é um passatempo, são metodologias que auxiliam no desenvolvimento de atividades do dia a dia, uma forma de se trabalhar componentes curriculares de maneira leve e sucinta, tornando mais complexo ao mais simples.

Destarte, trabalhar com o lúdico é proporcionar inúmeras possibilidades de aprendizagem por meio dos jogos e das brincadeiras, visto que simplifica a sistematização de conteúdos nos anos iniciais e auxilia nas trocas de experiências dos alunos e professores, por meio deles é possível que os alunos consigam sua bagagem de experiências e condutas as quais serão levadas para o resto de sua vida, proporcionando a evolução integral do aluno.

REFERÊNCIAS

[1] ALMEIDA, P. N. Educação Lúdica: Teorias e práticas. 1. ed. São Paulo, SP: Edições Loyola, 2013.

[2] BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília: MEC, 2018.

[3] COSTA, S. A formação lúdica do professor e suas implicações éticas e estéticas. Psicopeda-gogia on line. Educação e saúde mental. 28 jun. 2005.

[4] BAQUERO, Ricardo. Vygotsky e a aprendizagem escolar. Porto Alegre: Artes Médicas, 2000.

[5] FORTUNA, T. R. Jogo em aula: recurso permite repensar as relações de ensino-aprendizagem. Revista do Professor, Porto Alegre, v. 19, n. 75, p. 15- 19, jul./set. 2003.

[6] Fortuna, Tânia Ramos. Sala de aula é lugar de brincar? Disponível em: <https://brincarbrincando.pbworks.com/f/texto_sala_de_aula.pdf>. Acesso em: 26 out. 2023.

[7] GAMA, Anailton de Souza; FIGUEIREDO, Sonner arfux de. A IMPORTÂNCIA DO PLANEJAMENTO ESCOLAR PARA A ATUAÇÃO EM SALA DE AULA. Disponível em: < https://editorarealize.com.br/editora/anais/conedu/2019/TRABALHO_EV127_MD1_SA2_ID4430_26092019175900.pdf>. Acesso em: 28 out. 2023

[8] GIL, A. C. Métodos e técnicas de pesquisa social. 4. ed. São Paulo: Atlas, 1994. Como elaborar projetos de pesquisa. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2007.

[9] KISHIMOTO, Tizuko Morchida. Froebel e a concepção de jogo infantil. O brincar e suas teorias. Tradução . São Paulo: Cengage Learning, 2008.

[10] LUCKESI, C. C. Ludicidade e Atividades Lúdicas na prática educativa: compreensões conceituais e proposições. 1. ed. São Paulo, SP: Editora Cortez, 2022.

[11] PIAGET, Jean; INHELDER, Bärbel. A Função Semiótica ou Simbólica. I: A Psicologia da criança. 3 ed. Rio de Janeiro: Difel, 2007.

[12] RAU, M. C. T. D. A ludicidade na educação: uma atitude pedagógica [livro eletrônico]. 1. ed. Curitiba, PR: Editora IBPEX, 2013.

[13] SILVA, J., ARCE, A. (2010). Infância, conhecimento e função docente nos documentos dos MEC destinados à educação infantil: Uma análise à luz da psicologia histórico-cultural. Revista HISTEDBR On-line, 39, 119-135.

[14] VYGOTSKY, L.S. Pensamento e linguagem. São Paulo: Martins Fontes, 1987.

Capítulo 7

O lúdico como ferramenta no processo de aprendizagem dos alunos com TDAH na educação infantil

Fabiane Silva de Castro Neves[1]
Fernanda Rodrigues Ferreira[2]
Wendy Vitória de Oliveira Batista[3]
Klyssiane Uchôa Souza Lopes[4]

Resumo: Este artigo tem como tema "O lúdico como ferramenta no processo de aprendizagem dos alunos com TDAH na Educação Infantil" desenvolvido para identificar formas lúdicas de melhorar o convívio e o aprendizado dos alunos com TDAH, o qual escolhido e trabalhado em conformidade com a metodologia de pesquisa bibliográfica, utilizamos ainda, artigos e revistas científicas, a partir das análises realizadas obteve-se de modo satisfatório o seguinte resultado: percebeu-se como o TDAH afeta a aprendizagem do aluno no ambiente escolar, desta forma pôde-se compreender que o lúdico traz inúmeros benefícios quando são aplicadas atividades que visam o pleno desenvolvimento dos alunos com Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade - TDAH.

Palavras-Chave: Aprendizagem. Criança. Lúdico. TDAH.

[1] Graduanda do curso de Pedagogia do Centro Universitário Fametro.
[2] Graduanda do curso de Pedagogia do Centro Universitário Fametro.
[3] Graduanda do curso de Pedagogia do Centro Universitário Fametro.
[4] Especialista em Psicopedagogia. Centro Universitário Nilton Lins

1. INTRODUÇÃO

O lúdico tem se revelado como uma ferramenta importante no processo de desenvolvimento infantil, no qual o brincar, simboliza um suporte para aprendizagem e educação, visto que, o mesmo pode apresentar as respostas para os obstáculos encontrados no que se refere às dificuldades que os alunos apresentam no ensino e aprendizagem, de certa forma, é importante salientar a incumbência que a brincadeira tem nesse processo, essa que por sua vez apresenta diversas maneiras que proporcionam o desenvolvimento dos indivíduos, seja por meio de jogos e dinâmicas nos quais as crianças podem experienciar alegrias e frustrações.

Desta maneira, a presente pesquisa se fez necessária, propondo-se entender a questão: como a ludicidade pode auxiliar no processo de aprendizagem das crianças com TDAH? As pesquisadoras identificaram formas lúdicas para melhorar o convívio dos alunos, e atingir um ensino e aprendizagem eficaz e consistente, destacando os benefícios do lúdico para o processo de aprendizagem.

Sob esse olhar, com as crianças com TDAH, ao utilizar a brincadeira, torna-se um excelente procedimento para o ensino, visto que o aluno aprende, na medida que brinca, permitindo que o seu processo cognitivo, assimile o que foi proposto. Contudo, os jogos devem ser pensados e adequados a cada indivíduo, possibilitando com que as crianças adentrem em universo que seja atrativo e simultaneamente pratiquem sobretudo suas dificuldades.

Outrossim, a autora Denise Pozas (2014. pág.39) reflete que:

> O brincar é uma atividade cotidiana da criança, na qual ela expressa a forma como pensa, ordena e constrói a realidade. Brincar é experimentar o novo. É criar com a experiência adquirida na relação com o mundo e ampliar essa experiência, interiorizando novas ordens e novas inter-relações entre objetos e entre sujeitos. Assim, não resta dúvida sobre sua influência no desenvolvimento cognitivo da criança.

Sendo assim, urge a necessidade de aplicar práticas lúdicas no decorrer das atividades e simulados em sala de aula, visto que é um método efetivo para o ensino e a aprendizagem destes alunos, aprendendo-brincando é um dos caminhos para o sucesso educacional das nossas crianças, aja visto que quando se aprende com prazer a absorção do conhecimento e maior**.**

Face ao exposto, e baseado nas pesquisas e fundamentações teóricas, verifica-se a relevância de trabalhar a criação de jogos e brincadeiras com o intuito de ser aplicado com crianças que apresentem Déficit de Atenção, já que é necessário um avanço nas práticas pedagógicas, visto que grande parte dos professores ainda utilizam metodologias tradicionais, nas quais a repetição é praticada continuamente, e para alunos com TDAH não favorece a sua aprendizagem.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1. O TDAH BASEADO NAS PESQUISAS DE GEORGE STILL.

Segundo a nossa pesquisa, os primeiros estudos sobre o TDAH ocorreram em 1902, pelo então médico pediatra inglês George Still, que nos trouxe os seguintes indagamentos: Still (1902) analisava os defeitos anormalidades do controle moral em crianças, resultantes de uma falha no desenvolvimento mental. O médico acreditava que o controle moral normal sempre estava em conformidade com a ideia de bom ou de bem de todos. (1902, Lecture I, p. 1008).

Nesse contexto, Still julgava que o domínio moral transformava-se de criança para criança, pois, não havia previsibilidade comportamental, tendo em vista que havia uma linha tênue entre o comportamento do que era considerado normal ou anormal, percebeu que a distância dos mesmos era extremamente exorbitante, desta maneira, Still definiu o TDAH como um defeito no controle moral e se apoiou na hipótese que essa condição poderia ser hereditária ou associada a encefalopatia obtida e não decorrente de uma má educação.

As pesquisas realizadas por Still foram desenvolvidas por meio de experimentos, nos quais observou um grupo de 20 crianças sendo 3 meninos para cada menina, neste grupo não havia indícios de maus tratos ou conflitos familiares o que poderia ser considerados uma das causas do desenvolvimento do TDAH, ele, viu que era mais uma questão biológica, pois, segundo suas observações: “ Still, notou que alguns membros dessas famílias das crianças eram portadores de problemas psiquiátricos como depressão, alcoolismo, problemas de conduta, dentre outros.” (HALLOWELL et al., 1994)”.

Apesar da sua ideia ter sido publicada no meio do ano de 1902, apenas anos depois ela foi validada e aceita pela comunidade científica, da época. Nesse período, o tratamento para as crianças com TDAH, era executado em forma de castigos e punições físicas, existindo cartilhas de pediatria ensinando como realizar esse tipo de punição, enfatizando ser um tratamento de alta necessidade. Porque de acordo com Still (1902):

> As crianças possuíam algo em comum: elas eram um perigo para si e para a sociedade e deveriam ser tratadas com seriedade e urgência. Still analisava a infância perigosa. Nos seus relatos, brincadeiras e atitudes violentas, envolvendo fogo, facas e garfos e casos de fúria violenta, eram comuns.

Daí em diante diversas designações surgiram como: Síndrome da Criança Hiperativa, Distúrbio Primário da Atenção, Lesão Cerebral Mínima, Disfunção Cerebral Mínima, Distúrbio do Déficit de Atenção com ou sem Hiperatividade (Barkley, 1998; Cabral, 1999). As constantes mudanças de nomenclatura revelavam as imprecisões dos pesquisadores a respeito da avaliação e diagnóstico preciso para esse transtorno.

2.1.2. A INCIDÊNCIA DE TDAH POR SEXO.

Estudos apontam que a prevalência de diagnósticos de TDAH em meninos é cinco vezes maior que em meninas, de acordo com o artigo “Sintomas de Hiperatividade e Déficit de Atenção, em uma amostra de crianças escolares Brasileiras”: Essa disparidade com relação ao sexo, pode ocorrer por conta da dificuldade em reconhecer o TDAH nelas (Sayal et al., 2018), visto que, o TDAH em meninas apresenta-se de uma forma diferente,

dois dos principais sintomas não exteriorizados são: impulsividade e hiperatividade, no entanto, os sinais mais recorrentes delas são: depressão, ansiedade e problemas de atenção.

Consequentemente, por ocorrer o atraso no diagnóstico de meninas o tratamento acontece de forma tardia, fazendo com que a intervenção transcorra de modo lento ou ainda não ocorra, afetando assim o processo farmacológico. Desta maneira, na vida acadêmica das meninas, o TDAH traz intercorrências como: a falta de organização, falta de foco e na maioria das vezes, manifestam um ritmo mais lento e sentimento de sobrecarga, segundo a Associação Brasileira do Déficit de Atenção - ABDA (2021):

> À medida que a vida escolar se torna mais exigente e complicada, nos níveis superiores, a dificuldade com a concentração, organização e conclusão tem maior probabilidade de aparecer. As disfunções executivas ficam mais visíveis à medida que as exigências sociais progridem."

Á vista disso, com o desenvolvimento acadêmico, quanto mais inteligentes e com altos QI, as meninas findam aumentando seu nível de cobrança e assim tendo crises de ansiedade e problemas de depressão, desta forma, é imprescindível ter um olhar voltado para as meninas em sua totalidade, tanto social, quanto acadêmica e médica.

Após pesquisas, detectamos que o TDAH em meninos é facilmente detectável por apresentarem a hiperatividade como um dos principais sintomas, sendo possível observar a inquietude tanto no âmbito familiar quanto escolar, deste modo, os garotos acabam sendo encaminhados com mais frequência para consultas clínicas, segundo a revista Crescer (2014): por estes fatores, o diagnóstico em meninos costuma a ser fechado por volta de 6 a 7 anos de idade.

No desempenho escolar, quanto aos meninos não diagnosticados são vistos como desorganizados, e indisciplinados, a sua vivência escolar se torna mais desafiadora, pois de acordo com Cellera Farma (2023):

> Sem o diagnóstico, o convívio da criança com gestores escolares, educadores e demais profissionais da escola, costuma ser conflituoso, já que ela "não obedece". Em algumas situações, o relacionamento com outros colegas de classe também fica prejudicado, seja pela impulsividade ou a desatenção, resultando no bullying escolar.

Diante disso, é necessário que o educador tenha conhecimento do diagnóstico e/ou um olhar atento para as crianças que apresentam algum sintoma atípico, dessa forma, o desenvolvimento delas nas atividades e práticas escolares podem ser melhores desenvolvidas, tornando-se uma aprendizagem efetiva e de qualidade.

2.1.3. O TDAH SEGUNDO O DSM-V.

O *Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders*, DSM-V ou manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais, é um documento norteador das doenças psíquicas, utilizado pelos profissionais da saúde para a identificação de diagnósticos

necessários ao que se refere à saúde mental. Nesse contexto, o DSM-V, descreve o Transtorno de Déficit de Atenção/Hiperatividade (2022) como:

> A característica essencial do transtorno de déficit de atenção/hiperatividade (TDAH) é um padrão persistente de desatenção e/ou hiperatividade-impulsividade que interfere no funcionamento ou no desenvolvimento dos aspectos sociais do indivíduo.

À vista disso, a desatenção é caracterizada por desviar-se do foco das atividades realizadas diariamente em diversas áreas da vida, no seu núcleo familiar. Ela se manifesta por meio da desorganização e concluir as tarefas domésticas. No âmbito escolar, a desatenção exterioriza-se no aluno, com as seguintes características: mudar repentinamente a atenção, deixar atividades inacabadas, etc.

A Hiperatividade é identificada quanto ao excesso de atividade motora em momentos indevidos, tais movimentos podem ser descritos como: batidas contínuas, agitação prolongadas, movimentação corporal constantes, em situações desapropriadas, como no momento da explicação de uma atividade escolar, ações estas que nesse contexto, necessitam de autocontrole.

Diante disso, ainda há Impulsividade, que se manifesta pelo desejo desordenado de realizar uma ação sem considerar os riscos e o espaço do outro, como nos seguintes exemplos: pegar uma panela quente do fogão, agir sem pensar, interromper a fala do outro, não esperar o comando final da atividade, entre outros.

3. O LÚDICO COMO FERRAMENTA PARA O ENSINO DOS ALUNOS COM TDAH

Segundo a Lei de Diretrizes e Bases (LDB) n° 9394/96 que foi promulgada no dia 20 de dezembro de 1996, a educação infantil estabelece-se como a primeira etapa da Educação Básica, concedendo ao brincar, um dos pilares principais para o processo de desenvolvimento cognitivo, social, emocional, visto que brincar além de ser um direito constitucional, é também responsável pela compreensão do mundo que cerca a criança, de modo que possa expressar o seu entendimento. Mediante a isso, é importante que o professor saiba guiar a brincadeira, não somente de forma espontânea, mas utilizar-se desta atividade como recurso pedagógico direcionado, sobre isso autora Denise Pozas (2014) cita:

> Na atividade lúdica, a criança ousa experimentar o mundo real - aquele que ela vem compreendendo com a ajuda do adulto e que está imenso no cultural, no social e no histórico. Ao acreditar ser a brincadeira uma aprendizagem social que pressupõe relações e encontros, esta seria, certamente, a forma mais interessante de se viabilizar o desenvolvimento cognitivo da criança.

Nessa conjuntura, o desenvolvimento cognitivo ocorre por meio do processo de transmissão cultural, progredindo pela interação compartilhada de dois sujeitos inseparáveis, sendo aquele que ensina e aquele que aprende. Portanto, o método lúdico apresenta o brincar, como ferramenta de aprendizagem significativa, a qual a criança

desenvolve-se por meio das suas vivências, enfrentando medos e solucionando problemas, fazendo com que aprenda acerca do meio em que convive.

Diante disso, ao empregarmos o lúdico nas vivências escolares, beneficiam não somente as crianças com TDAH, damos a todos a oportunidade de interagirem em conjunto, facilitando o processo de inclusão, melhorando a aprendizagem de todos os alunos e de suas potencialidades mentais, além de propiciar uma prática mais criativa que contribui no processo de ensino e aprendizagem.

Nesse sentido, o brincar oportuniza um aprendizado agradável e efetivo, o aluno aprende sem se dar conta e essa compreensão será mais difícil de desaprender, visto que elas aprendem por meio da vivência, ao experimentar a situação o conhecimento é melhor adquirido. Rolim, Guerra e Tassigny (2008, p.177) discorrem que "o brincar relaciona-se ainda com a aprendizagem". Brincar é aprender; na brincadeira, reside a base daquilo que, mais tarde, permitirá à criança aprendizagens mais elaboradas".

3.1. IDENTIFICANDO FORMAS LÚDICAS PARA MELHORAR O CONVÍVIO E O APRENDIZADO DOS ALUNOS COM TDAH

Atividades e jogos lúdicos além de contribuir em uma aprendizagem mais eficaz em alunos com Transtorno Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH), estimulam o convívio em vários momentos do cotidiano escolar. De acordo com o Referenciais Curriculares Nacionais para a Educação Infantil- RCNEI (1998):

> Vários tipos de brincadeiras e jogos que possam interessar à criança pequena constituem-se rico contexto em que ideias matemáticas podem ser evidenciadas pelo adulto por meio de perguntas, observações e formulação de propostas. São exemplos disso cantigas, brincadeiras como a dança das cadeiras, quebra-cabeças, labirintos, dominós, dados de diferentes tipos, jogos de encaixe, jogos de cartas etc. (Brasil, 1998, p. 235).

Desta forma, proporcionar jogos, atividades lúdicas e momentos lúdicos em sala de aula na educação infantil, é de suma importância para o desenvolvimento cognitivo, a aprendizagem e socialização desses alunos, além de auxiliar positivamente no TDAH, nas suas particularidades, como falta de atenção, hiperfoco, desorganização, entre outros. No qual, de acordo com Piaget (1967, apud Pretzel, 2012, p. 4): "os jogos são brincadeiras e ao mesmo tempo meios de aprendizagem".

3.2. JOGOS E ATIVIDADES LÚDICAS:

Segundo Kishimoto (2007) "a brincadeira é uma prática onde a criança desempenha e concretiza as regras do jogo, executando a ação lúdica. Podendo dizer que o lúdico é uma ação." Podemos citar como exemplos:

Quebra-cabeça, Jogo da memória e Jogos de tabuleiro: São recursos excelentes, no qual o sujeito desenvolve habilidades físicas, neurológicas, psicomotoras, concentração, noção espacial e ameniza os sintomas da impulsividade.

A ludicidade é uma prática muito importante no processo de ensino, neste ato as crianças conduzem objetos, nomeiam, exploram os espaços, podem criar, imaginar e agir,

tornando o ambiente no qual estão inserido atrativo e assim prazeroso para adquirirem os conhecimentos, portanto, a ludicidade tem papel fundamental no processo de aprendizagem na educação infantil, conforme Gomes (2004, apud Tavares; Borela, 2019) afirma que:

> à ludicidade é uma possibilidade e uma capacidade de se brincar com a realidade, ressignificando o mundo. [...] Como expressão de significados que têm o brincar como referência, o lúdico representa uma oportunidade de (re)organizar a vivência e (re)elaborar valores, os quais se comprometem com determinado projeto de sociedade. (Gomes, 2004, apud Tavares; Borela, 2019, p. 110).

Desse modo, a ludicidade se faz presente no cotidiano do aluno, não somente no âmbito escolar, faz parte também do ambiente social, do emocional, do familiar. De maneira, na qual consegue criar uma realidade, transformando assim no mundo ao seu redor.

Como ferramenta para auxiliar o processo de aprendizagem, listamos algumas atividades lúdicas, quais sejam:

- Circuitos motores: ajuda a amadurecer a estrutura corporal, o ato de correr, pular, descer, subir, melhora o controle do corpo. Podendo funcionar como regulador em momentos de crises.
- Os Blocos de montar: auxiliam na concentração, na criatividade, nos estímulos visuais e sensoriais. Com os blocos, as crianças com TDAH podem criar livremente e tornar a brincadeira mais prazerosa.

4. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Este estudo baseia-se em uma pesquisa qualitativa, de natureza exploratória e de cunho descritivo, realizada por meio de investigações bibliográficas, artigos e revistas científicas, pois, de acordo com Minayo (2011) “o enfoque da pesquisa qualitativa se objetiva em expressões humanas presentes nas relações, nos indivíduos e em suas representações”. Foi mediante da pesquisa bibliográfica que buscou uma análise crítica e reflexiva por meio de documentos publicados sobre o assunto escolhido e com o objetivo de desenvolver conhecimentos e contribuir com a execução da pesquisa.

Neste contexto, abordou-se a melhor maneira de utilizar o lúdico como ferramenta no processo de aprendizagem de crianças com TDAH, buscando entender como o TDAH afeta a aprendizagem do aluno no ambiente escolar e qual é o modo mais eficaz de mediar a criança no processo.

5. RESULTADOS E DISCUSSÕES

O presente artigo feito por meio de pesquisas bibliográficas buscou responder o seguinte indagamento: Como a ludicidade pode auxiliar no processo de aprendizagem das crianças com TDAH? Diversos filósofos e educadores perceberam a relevância educacional do jogo. De acordo com a psicóloga Denise Pozas (2014. pág. 17), onde cita no livro “Criança que brinca mais aprende mais”, diz que para Vygotsky, os elementos

culturais e sociais influenciam no desenvolvimento do indivíduo, modificando sua relação com o meio que o cerca e sua consciência sobre ele, esta é:

> Nos dias atuais, define-se criança como alguém que tem, além de especificidades infantis, uma história, uma família, vive em determinado tempo e em um espaço físico e social, produz e é produzida pela cultura, e é cidadã. Ela se constrói nas relações com os outros e com o mundo. Dessa maneira, o jogo e a brincadeira assumem papel relevante em seu crescimento.

Nesta perspectiva, o desenvolvimento da criança se dá por meio do processo multifatorial, não é um percurso reto, sem vida, é dinâmico, fluido, no qual o jogo entra como um facilitador no processo de socialização do aluno, de modo que há um avanço no seu crescimento cognitivo e social, visto que, os sujeitos com TDAH, apresentam dificuldade em manter amizades e facilmente desenvolvem conflitos comportamentais, sendo assim, o jogo e as atividades lúdicas entram como um mediador no processo de ensino e aprendizagem.

Denise Pozas (2014. pág. 93) afirma que Froebel, acreditava na brincadeira como fator essencial no âmbito educacional, sendo esta uma atividade inata, isto é, já pertencente ao meio escolar. Já para Vygotsky (1993) e Wallon (1979) que defendiam que a brincadeira está correlacionada às circunstâncias sociais, consideravam os benefícios afetivos, cognitivos e sociais.

Diante disso, com a finalidade e por meio dos discursos dos autores que alicerçaram a fundamentação teórica desta pesquisa bibliográfica, destaca-se a importância do lúdico e a necessidade da sua utilização, e o brincar nos processos pedagógicos na educação infantil para crianças com ou sem TDAH, visto que, suas competências e habilidades são desenvolvidas durante o brincar, aperfeiçoando sua concentração, e reduzindo a impulsividade.

6. CONCLUSÕES OU CONSIDERAÇÕES FINAIS

Acredita-se que os resultados colhidos por meio das questões indagadas foram respondidos, de acordo com a pesquisa bibliográfica, realizando o processo lúdico e o jogo são importantes meios de ensino e aprendizagem. Com foco nas crianças com TDAH, esses meios são ainda mais relevantes, visto que o processo cognitivo é alcançado de forma mais assertiva.

Observou-se diante da pesquisa que o ato de brincar na área da educação deixou a muito tempo de ser apenas uma forma de distração, foi perceptível ver o quanto o lúdico e o brincar se tornaram necessários para uma educação de qualidade e de valor, em vista disso, é imprescindível que o professor seja um professor pesquisador, busque materiais que deem base para aplicar atividades que supram as necessidades dos alunos com TDAH.

No decorrer da pesquisa verificou-se que existem várias abordagens lúdicas, as quais foram relatadas no presente trabalho, as quais contribuem para auxiliar na mudança de comportamento, assim, favorecendo um melhor convívio da criança com TDAH para com outras crianças e com sua família, até mesmo seu relacionamento pessoal melhora, diminuindo os sintomas como ansiedade e depressão.

Portanto, em frente do estudo realizado, percebe-se que o lúdico exerce um papel importante frente às dificuldades dos alunos com TDAH, em vista disso, identifica-se que o professor deve buscar mais conhecimento, para aplicar uma metodologia mais dinâmica, facilitando a aprendizagem e a interação de seus alunos, em razão da melhora significativa que é percebida quando são utilizados procedimentos lúdicos, visto que, a temática lúdica age como mediadora, da aprendizagem.

REFERÊNCIAS

[1] American Psychiatric Association: Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders, Fifth Edition, Text Revision. Washington, DC, Associação Psiquiátrica Americana, 2022.

[2] BRASIL, Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil. Brasília, DF: MEC/SEF, 1998. Acesso em 20 de out. 2023.

[3] CALIMAN, Luciana Vieira. Notas sobre a história oficial do transtorno do déficit de atenção/hiperatividade TDAH. Espírito Santo, ES. Universidade Federal do Espírito Santo. 2010. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932010000100005#:~:text=A%20hist%C3%B3ria%20oficial%20do%20TDA,Still%20%C3%A9%20%20 março%20 obrigatório%C3%B3rio. Acesso em: 02 de out de 2023.

[4] DIOGO, Millena Cardoso dos Santos; AKERMAN, Laila Pires Ferreira; BORSA, Juliane Callegaro. Sintomas de hiperatividade e déficit de atenção em uma amostra de crianças escolares Brasileiras. Rio de Janeiro, RJ: Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.2020. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1983-34822020000300007#:~:text=No%20 tocante%20a%20 preval%C3%AAncia%20 do,Bourke%20%26%20 Ansell%2C%202014. Acesso em: 29 de set. 2023.

[5] FONSECA, Vitor da. Desenvolvimento cognitivo e Processo de Ensino-Aprendizagem: abordagem psicopedagógica à luz de Vygotsky / Vitor da Fonseca. - Petrópolis, RJ: Vozes, 2018.

[6] MARCUCCI, Cíntia. TDAH: por que ele atinge mais os meninos? Rio de Janeiro, RJ. Revista Crescer O Globo. 2014. Disponível em: https://revistacrescer.globo.com/Mae-de-meninos/noticia/2014/04/tdah-por-que-ele-atinge-mais-os-meninos.html. Acesso em: 03 de out de 2023.

[7] MINAYO, Maria Cecília de. Souza. O Desafio do Conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde. 10. ed. rev. e aprim. São Paulo: Hucitec, 2006.

[8] NEUROSABER, Instituto Neurosaber de Ensino. O TDAH afeta meninos e meninas de formas diferentes? Paraná, PR. 2021. Disponível em: https://institutoneurosaber.com.br/o-tdah-afeta-meninos-e-meninas-de-formas-diferentes/. Acesso em 03 de out. 2023.

[9] O Brincar e suas teorias / organizadora Tizuko Morchida Kishimoto. São Paulo: Cengage Learning, 2023.Vários autores. 16. reimpr. da 1. ed. de 1998.

[10] POZAS, Denise. Criança que brinca mais aprende mais: a importância da atividade lúdica para o desenvolvimento cognitivo infantil / Denise Pozas. - I.ed. — Rio de Janeiro: Ed. Senac Rio de Janeiro, 2014.

[11] SILVA Kátia Beatriz Correia e. TDAH EM MENINAS E MULHERES. ABDA, Associação Brasileira de Déficit de Atenção. 2021. Disponível em: https://tdah.org.br/tdah-em-mulheres/. Acesso em 04 de out 2023.

[12] SOUSA, A. S. OLIVEIRA, S. O.; ALVES, L H. A PESQUISA BIBLIOGRÁFICA: PRINCÍPIOS E FUNDAMENTOS. Minas Gerais, MG: Editora da Universidade Federal de Uberlândia. 2021. Disponível em: file:///C:/Users/User/Downloads/2336Texto%20do%20Artigo-8432-1-10-20210308%20(1).pdf. Acesso em 28 de set. 2023.

Capítulo 8

O emprego das tecnologias educacionais na dinâmica do ensino- aprendizagem

Fabíola Mendes de Carvalho Pimenta[1]
Miriene de Souza Maciel[2]
Samara dos Santos Martins Branches[3]
Klyssiane Uchôa Souza Lopes[4]

Resumo: Esta pesquisa se propõe analisar o emprego das tecnologias educacionais na dinâmica do ensino-aprendizagem, enfatizando a atuação do docente quanto a implementação dos recursos tecnológicos no processo do aprender. O estudo se propões a apresentar uma verificação da literatura a respeito da temática. Após a análise do material pesquisado, destacamos que as novas tecnologias são capazes de ampliar oportunidades, sobretudo quando aliadas à educação. Mas a falta de acesso a elas pode transformar a oportunidade em exclusão e segregação, aumentando ainda mais as desigualdades entre as classes sociais e as diferenças entre nações desenvolvidas e as em desenvolvimento. A gradativa evolução de novos recursos tecnológicos nos permite adquirir formas cada vez mais diversas de comunicação e expressão de informação que estão a conduzir mudanças mais significativas em todos os aspectos do estilo de vida. Os resultados dessa revisão ressaltaram que a internet e a tecnologia estão cada vez mais intervindo e transformando a educação e principalmente expandindo a diversidade de informações.

Palavras-chave: Tecnologias. Educação digital. Ensino Aprendizagem. Educação à distância.

[1] Graduanda do curso de Pedagogia do Centro Universitário Fametro
[2] Graduanda do curso de Pedagogia do Centro Universitário Fametro
[3] Graduanda do curso de Pedagogia do Centro Universitário Fametro
[4] Especialista em Psicopedagogia. Centro Universitário Nilton Lins

1. INTRODUÇÃO

A tecnologia é uma forma inovadora de como recebemos, enviamos e usamos dados e informações diariamente. Os recursos online estão inseridos em quase todos os aspectos da vida moderna. Um dos campos com maior potencial de aplicação e expansão é, sem dúvida, o campo da educação.

Embora o progresso tenha sido lento no aproveitamento de todos os benefícios que a tecnologia tem a oferecer, o fato é que a invasão nas salas de aula por computadores, tablets e outros *gadgets*[1] tem sido um processo irreversível, e com esse avanço surgiram novas habilidades, metodologias e práticas do educar.

Com isso, o principal objetivo deste manuscrito é listar os benefícios mais evidentes que podem ser obtidos com o emprego da tecnologia na sala de aula, instituindo alguns desafios que os professores enfrentam diante esta modalidade. Além de relatar seu impacto sob os métodos educacionais tradicionais em relação a realidade da era digital e, destacando-se a necessidade das mudanças que a educação experiência e adota após a inserção dessa realidade tecnológica, bem como a forma como ela deve reagir e se adaptar.

Desta maneira, as bases e o restante deste artigo visam revelar os benefícios associados à tecnologia no sistema educativo, tanto para professores como para alunos, ao mesmo tempo em que se analisa as limitações que os docentes precisam de superar no seu exercício profissional.

Para concluir, nesta investigação exploramos as possíveis formas de aplicação de todos os recursos atualmente disponíveis, com foco no desenvolvimento dos profissionais, componente essencial para o sucesso deste projeto, nomeadamente o professor.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1. TECNOLOGIA NA EDUCAÇÃO E SUA CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA

A história da tecnologia educacional começou nos Estados Unidos na década de 1940 com o objetivo de treinar militares com o uso de recursos audiovisuais durante a II Guerra Mundial. No entanto, o primeiro marco no desenvolvimento da tecnologia que ocorreu na década de 1970 quando os computadores foram usados para fins educacionais, e os avanços tecnológicos que se expandiram ao longo do século XX alimentaram as revoluções técnico-científicas que envolveram a introdução destes meios de comunicação no campo da educação. Neste processo, as distâncias foram encurtadas e a transmissão de informações se aceleraram, tornando-se um processo cada vez mais integrado.

No Brasil, a difusão da Internet começou na década de 1980, permitindo a expansão dos sistemas de telecomunicações e proporcionando às pessoas acesso instantâneo a informações atualizadas. Entre eles, sob a influência da democracia política e da abertura, o campo da tecnologia educacional emergiu conforme os tempos exigem. A aplicação de rádio, televisão, computadores e outras tecnologias no ensino integrou gradualmente a tecnologia á educação, e otimizou dinamicamente os métodos de ensino e aprendizagem.

No final de 1990, com a popularidade da Internet, e com o uso dos computadores foi possível através de programas de ensino aliar as tecnologias no eixo educacional. No

entanto, só em 1993 é que a Internet começou a ser utilizada para a informatização das atividades administrativas escolares, como as admissões e o controle académico.

Vale considerar que os recursos tecnológicos tem facilitado muito a educação, no formato presencial ou virtual. Portanto, a educação presencial utiliza com prudência os recursos científicos e tecnológicos para melhorar a qualidade da interação professor-aluno, dá novo impulso aos suplementos de conteúdo e tenta utilizar recursos metodológicos como slides, imagens, vídeos, entrevistas, mapas e tabelas, em vistas a enriquecer informações e melhorar o processo educacional.

2.2. TECNOLOGIAS EDUCACIONAIS E SUAS LEGISLAÇÕES

No âmbito do tema abordado, foi feita uma análise documental das políticas públicas para a compreensão das legislações que amparam a educação tecnológica, pois no esteio educacional, as normas, decretos e leis são essenciais para dar parâmetros a serem obedecidos quanto a importância do acesso a educação, independente das suas modalidades.

Nesta esfera, se pode citar como base fundamental, dentre as principais legislações aplicáveis no âmbito educacional, o art.5º da Constituição Federal de 1988 que prediz:

> **Art.5** – A educação é um direito de todos e dever do Estado e da família,será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho.

Com efeito, a educação é direito fundamental e universal de todos, que deve ser de cunho obrigatório do Estado e da família, sendo promovido e incentivado com a cooperação da sociedade e visando o desenvolvimento integral das pessoas, independentemente de cor, situação socioeconômica e faixa etária, para a sua preparação aos exercícios da cidadania e suas qualificações ao mercado de trabalho.

Neste viés, diante a eminente expansão da educação digital, surge a lei de número 14.533, de 11 de janeiro de 2023, instituída na Política Nacional de Educação Digital (PNED), que embasa tecnicamente e financeiramente os programas, projetos e ações destinados às práticas inovadoras, tecnológicas e pedagógicas, a casa civil na referida, em seu art.3º relata que:

> **Art.3** – O eixo Educação Digital Escolar tem como objetivo garantir a inserção da educação digital nos ambientes escolares, em todos os níveis e modalidades, a partir do estímulo ao letramento digital e informacional e à aprendizagem de computação, de programação, de robótica e de outras competências digitais, englobando: o pensamento computacional, mundo digital, cultura digital, direitos digitais e as tecnologias assistivas (BRASIL, 2023).

É mister esclarecer, que é de extrema importância a relevância da normativa supradita, pois esta é dedicada ao aperfeiçoamento do docente, o profissional que conduz o caminho do processo de aprendizagem, a adotar e envolver os recursos tecnológicos

como estratégia pedagógica, e principalmente a permitir um pensamento ativo e inovador, em sua respectiva modalidade de ensino.

A luz dos artigos e incisos descritos, observa-se que a legislação possui atribuições a todos aqueles que buscam a educação digital como método de ensino-aprendizagem, pois tanto docentes quanto discentes envolvidos neste eixo, devem compreender esta modalidade como ferramenta de conhecimento, permitindo a perpetuação da educação digital em todas as esferas sociais, sendo utilizada também como método didático inclusive no processo de inclusão.

2.3. RECURSOS TECNOLÓGICOS NO PROCESSO EDUCATIVO NAS ESCOLAS

Nosso dia a dia é caracterizado pela utilização de recursos tecnológicos que melhoram nosso ritmo na produtividade, sistematização e interlocução das atividades laborais. Essa transformação digital tem grande relevância em muitas profissões, incluindo os profissionais atuantes na área da educação.

A inclusão digital das escolas discutida anteriormente traz vários benefícios para os alunos durante o processo de aprendizagem. Um aspecto significativo é o aumento da participação destes durante as aulas. Pois, aliar a tecnologia frequentemente utilizada pelos discentes do seu cotidiano, como recurso de aprendizagem pode ser altamente motivador.

Outro benefício advindo da inclusão computacional no ambiente escolar é a sua inserção com o aprimoramento e fortalecimento de competências relacionadas à inovação. Por exemplo, trabalhos que envolvem a elaboração de textos ou materiais audiovisuais com recursos tecnológicos podem inspirar novas e diferentes ideias.

Sendo assim, o acesso as inovações tecnológicas, pode quebrar barreiras geográficas, permitindo que alunos se envolvam com outras culturas, realidades e vertentes. Sendo alcançado através da conexão com outros indivíduos via redes sociais ou mesmo através de obras cinematográficas sobre temas relacionados ao assunto explanado, indo além da sala de aula.

2.4. EDUCAÇÃO TECNOLÓGICA AO REDOR DO MUNDO

O mundo está cada vez mais globalizado e conectado, e a tecnologia está desempenhando um papel cada vez mais importante com todas as faixas etárias. Como podemos situar a educação tecnológica que está sendo usada para melhorar o acesso à educação em países em desenvolvimento? Por exemplo, o governo do Quênia está usando tablets para fornecer educação a crianças em áreas rurais. A tecnologia tem o potencial de transformar as vidas das pessoas nestes países em desenvolvimento, à medida que eles continuam a investir em tecnologia, pode-se esperar um aumento nos setores econômico e social.

As tecnologias mais utilizadas são os computadores, os tablets e as lousas interativas, sendo ferramentas versáteis usadas para apresentações, atividades interativas e colaboração entre alunos. Elas são uma ótima maneira de tornar as aulas mais dinâmicas e envolventes (GICE, 2021).

Por conseguinte, os computadores e tablets são usados pelos alunos para acessar conteúdos online, para realizar pesquisas, criar projetos e participar de atividades

colaborativas. As tecnologias visam promover a integração entre alunos, facilitando a troca de ideias e a resolução de problemas. Mantendo o aprendizado ativo, através das tecnologias como aprendizagem ativa, em que os alunos são incentivados a participar e interagir com os conteúdos propostos.

Diante este cenário, observa-se algumas vantagens do uso de tecnologias no contexto educacional, pois além de proporcionar o acesso ao ensino a todas as faixas etárias, a não se limitar a presencialidade, as salas de aula física e ao eixo geográfico, torna o processo do aprender mais dinâmico e envolvente.

2.5. CENÁRIO DOS RECURSOS TECNOLÓGICOS COM FINS EDUCACIONAIS NO BRASIL

Atualmente, o Brasil enfrenta uma série de desafios, como a desigualdade social, a pobreza, a violência e a crise econômica. O uso de tecnologias na educação pode contribuir para melhorar a situação do país de diversas maneiras, por exemplo, auxiliando a qualidade do ensino nas escolas.

No Brasil, a falta de recursos tecnológicos nas escolas é um problema que afeta principalmente as escolas públicas, os quais são na maioria de baixa renda, isso significa que "têm menos oportunidades de acessar os benefícios das tecnologias educacionais" (MORIN, 2011).

É certo enfatizar que o uso de plataformas de ensino online pode ajudar a melhorar a situação da desigualdade educacional dos alunos em sala de aula, pois a mesma permite que os alunos de áreas remotas ou de baixa renda tenham acesso a um ensino de qualidade. Também o uso de jogos educativos que podem ajudar a melhorar o aprendizado dos discentes de todas as idades, inclusive dos com deficiência.

Apesar desses desafios, o uso de tecnologias na educação tem o potencial de contribuir para a melhoria da situação do Brasil. Com plano adequado e um investimento na formação de professores e na melhoria de conteúdos educacionais, as tecnologias. Assim, as TICs podem ajudar a tornar a educação brasileira ainda mais inclusiva, equitativa e eficiente tanto para os professores quanto para os alunos.

Personalizando o aprendizado dos alunos com seus professores, as tecnologias podem ser usadas para adaptar o ensino às necessidades individuais nas escolas rurais, o que pode ajudar a reduzir as desigualdades de aprendizagem, para isso é necessário investir na infraestrutura tecnológica.

3. PROCEDIMENTO METODOLÓGICO

Trata-se de uma revisão da literatura, onde foram coletadas informações no período de outubro a novembro de 2023 por meio da busca nas plataformas de dados SciELO (*Scientific Electronic Library Online*), sites da internet e livros. Empregou-se, para busca, a terminologia tecnologias educacionais no ensino dispostas nos descritores: Tecnologias; Educação digital; Ensino Aprendizagem; Educação a distância.

A pesquisa apresentada neste estudo tem o método o levantamento bibliográfico, que conforme Gil (2002) define ser "elaborada com base em material já pré-existente, constituído em sua maioria por livros e periódicos científicos". De cunho qualitativo e exploratório, como prediz Zanella (2013) em que "permite conhecer a realidade, segundo

a perspectiva dos sujeitos participantes da pesquisa, por meio de significados, opiniões e percepções dos sujeitos participantes da pesquisa".

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A partir da pesquisa realizada neste trabalho, podemos ver a falta de valorização da tecnologia no âmbito da educação é uma deficiência quanto ao investimento de plataformas eficazes para auxiliar os professores e estudantes. Por mais que o ambiente escolar mantenha os utensílios necessários, mesmo que básicos, é concernente que existe uma lacuna nos recursos midiáticos, tais como os softwares educacionais e, para isso é necessário uma maior infraestrutura e investimento digital aos estudantes para com todos os aparatos necessários a inclusão.

Esta é a maior formadora de cidadãos, capacitando e preparando estudantes para a sociedade, e ainda mais para uma geração imersa na tecnologia. Durante o trabalho mostram-se as precariedades das TICs nas escolas e o longo caminho a prosseguir para alcançar um objetivo, aliando tecnologia e educação, tornando o estudante e professor seus maiores aliados.

Desta forma, quando utilizada corretamente, a tecnologia para fins educativos pode ser uma ferramenta essencial para o avanço da aprendizagem no público infanto-juvenil. Com isso, os discentes podem acessar conteúdos significativos e se aprofundarem nos mesmos.

Diante disso, o papel das escolas é enfatizar que a tecnologia pode ser uma ferramenta eficaz no processo de educar os alunos, os ajudando a se prepararem melhor para o futuro. Isso porque a tecnologia está se afastando da ideia de puro entretenimento e passando a ser vista como fonte de conhecimento, aprendizado, instrução e indagação.

5. CONCLUSÕES OU CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa se objetivou analisar o emprego das tecnologias educacionais na dinâmica do ensino-aprendizagem. Com base na análise dos resultados encontrados no desenvolvimento da pesquisa, pode-se indicar que o objetivo geral proposto inicialmente fora alcançado.

O presente estudo, se deu por meio de uma pesquisa bibliográfica almejando, reconhecer a importância do uso dos recursos tecnológicos nas salas de aulas, tendo em vista ser uma prática inovadora possibilitando, facilitando e potencializando a tecnologia educacional, já que essa tecnologia pode oferecer novas possibilidades para o processo de ensino e aprendizagem dos estudantes.

É neste sentido que confirmamos que, a utilização das tecnologias digitais permite que os alunos se sintam mais ativos e responsáveis pelo seu próprio processo de aprendizagem, ganhando assim espaço nas salas de aula, uma vez que o conhecimento é apresentado de forma dinâmica, interativa e dialógica que, se aplicadas corretamente, podem permitir o desenvolvimento e efetividade do processo educativo e do conhecimento.

Por esses motivos, é necessário defender seu uso para que cada vez mais escolas sejam motivadas a investir nelas e para que os governos em suas esferas municipais,

estaduais ou federal incentivem seu uso, para que tenhamos um espaço socioeducativo de qualidade e de acesso gratuito ao conhecimento aos indivíduos em processo formativo.

REFERÊNCIAS

[1] ANDERSEN, E. M. L. Multimídia Digital na Escola. 1. ed. São Paulo: Paulinas, 2013. Benefícios da tecnologia na educação.

[2] BNCC. Base Nacional Comum Curricular. Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação no contexto escolar: possibilidades. 2021. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/implementacao/praticas/caderno-de-praticas/aprofundamentos/193-tecnologias-digitais-da-informacao-e-comunicacao-no-contexto-escolar-possibilidades>. Acesso em: 09 out 2023.

[3] BRASIL. Lei nº 14.180, de 01 de julho de 2021.Institui a Política de Inovação Educação Conectada.

[4] CIEB. Centro de Inovação para a Educação Brasileira. Referências para construção do seu currículo em tecnologia e computação da educação básica, 2023.

[5] DA SILVEIRA, Sérgio Amadeu. Convergência digital, diversidade cultural e esfera pública. Além das redes de colaboração: internet, diversidade cultural e tecnologias do poder, p. 31, 2008.

[6] FAVA, Rui. Educação para o Século XXI: a era do indivíduo digital. São Paulo: Saraiva, 2016.

[7] GIL, Antônio Carlos. Como elaborar projetos de pesquisa. 4.ed. - São Paulo: Atlas, 2002.

[8] GRUPO INTERINSTITUCIONAL DE CONECTIVIDADE NA EDUCAÇÃO - GICE. Guia conectividade na educação: passo a passo para a conectividade das escolas públicas brasileiras. São Paulo: GICE, 2021.

[9] KENSKI, V. M. Educação e Tecnologias: o novo ritmo da informação. 8ª ed. Campinas, SP: Papirus, 2012.

[10] __. Lei nº 14.533, de 11 de janeiro de 2023. Institui a Política Nacional de Educação Digital e altera as Leis nºs 9.394, de 20 de dezembro de 1996 (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional), 9.448, de 14 de março de 1997, 10.260, de 12 de julho de 2001, e 10.753, de 30 de outubro de 2003.

[11] __. Ministério de Educação e Cultura. LDB - Lei nº 9394/96, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da Educação Nacional. Brasília: MEC, 1996.

[12] ___. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular: Educação é a Base. Brasília, DF, MEC, 2017.

[13] MORAES; M. C. O Paradigma Educacional Emergente. Campinas: papiros,1999.

[14] MOREIRA, Lucivaldo Costa. INCLUSÃO DIGITAL EM ESCOLAS PÚBLICAS: TENDÊNCIAS PEDAGÓGICAS NAS SÉRIES INICIAIS. Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação, v. 8, n. 1, p. 344-366, 2022.

[15] MORIN, Edgar. Os sete saberes necessários à educação do futuro. 2ª Ed. Revisada. São Paulo: Cortez; Brasília; DF: UNESCO, 2011.

[16] SANTOS, Marcelino Oliveira. Políticas públicas e controle social: Descentralização após Constituição de 1988. In: XI Seminário Nacional Demandas Sociais e Políticas Públicas na Sociedade Contemporânea - UNISC, 2014.

[17] ZANELLA, Liane Carly Hermes. Metodologia de Pesquisa. 2. ed. reimp. –Florianópolis: Departamento de Ciências da Administração/ UFSC, 2013.

Capítulo 9

Dificuldades de desenvolvimento e aprendizagem de crianças portadoras do Transtorno Opositor Desafiador (TOD) nos anos iniciais do ensino fundamental

Gleice Kelly do Nascimento Casimiro[1]
Manoel Gustavo dos Santos Rocha[2]
Mirlena Rubem Andrade Cortez[3]
Klyssiane Uchôa Souza Lopes[4]

Resumo: Diante disso, o referido artigo trata de discutir as dificuldades de desenvolvimento e aprendizagem de crianças portadoras do transtorno opositor desafiador (tod) nos anos iniciais do ensino fundamental. Justifica-se pela necessidade de aprofundamento do tema e tem como objetivo examinar o trabalho do pedagogo frente aos alunos com TOD. Possui metodologia de revisão bibliográfica do tipo qualitativa e teve como resultados o apontamento de que o pedagogo apesar dos desafios com os alunos com TOD, podendo criar estratégias a partir de metodologias ativas para o ensino ser mais flexível e interessante e assim estimular a criança a mudar a rotina e desenvolver melhor sua regulação emocional. A pesquisa possui dois capítulos, onde o primeiro aborda sobre o transtorno de oposição desafiante em crianças nos anos iniciais e o segundo discute sobre o papel do pedagogo frente à demanda de alunos com TOD.

Palavras-chaves: TOD. Criança. Pedagogo. Dificuldades

[1]Graduanda do Curso de Licenciatura em Pedagogia no Centro Universitário Fametro.
[2] Graduando do Curso de Licenciatura em Pedagogia no Centro Universitário Fametro.
[3]Graduanda do Curso de Licenciatura em Pedagogia no Centro Universitário Fametro.
[4]Especialista em Psicopedagogia. Centro Universitário Nilton Lins.

1. INTRODUÇÃO

O Transtorno de oposição desafiante (TOD) é identificado em crianças com comportamentos agressivos, violentos, impulsividade, com tendências vingativas, teimosia extrema e desafio a autoridade de adultos. Geralmente, esse transtorno está relacionado a abusos sofridos, ambientes hostis, e necessidade de atenção.

A criança em anos iniciais com TOD tende a ter mau desempenho escolar, pois não consegue concentrar-se nas aulas, e por ter uma conduta antissocial, não consegue se relacionar bem com professores, funcionários e colegas de sala. Sendo necessário, portanto, acompanhamento médico especializado e exige com isso que o pedagogo seja habilidoso nos tratos com este aluno.

Diante desse contexto, a referida pesquisa pretende abordar sobre dificuldades de desenvolvimento e aprendizagem de crianças portadoras do transtorno opositor desafiador (tod) nos anos iniciais do ensino fundamental e parte do problema de como o pedagogo atua frente a demanda de alunos com transtorno opositor desafiador e quais os mecanismos utilizados. A pesquisa pauta-se metodologia de revisão bibliográfica do tipo qualitativa, traz como objetivo examinar o trabalho do pedagogo frente aos alunos com TOD e justifica-se pela necessidade de aprofundamento do tema tendo em vista a identificação com o assunto que intriga os profissionais da educação fazendo disso um desafio ao trabalho pedagógico.

A pesquisa possui dois capítulos, onde o primeiro aborda sobre o transtorno de oposição desafiante em crianças nos anos iniciais e o segundo discute sobre o papel do pedagogo frente à demanda de alunos com TOD. Os resultados apontaram que o pedagogo apesar dos desafios com os alunos com TOD, pode criar estratégias a partir de metodologias ativas para o ensino ser mais flexível e interessante e assim estimular a criança a mudar a rotina e desenvolver melhor sua regulação emocional.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1. O TRANSTORNO DE OPOSIÇÃO DESAFIANTE EM CRIANÇAS NOS ANOS INICIAIS

Muitas dessas manifestações são concretizadas através de transtornos mentais e comportamentais que afetam o desempenho escolar e as relações interpessoais, como é o caso do Transtorno de Oposição Desafiante (TOD). Esse transtorno caracteriza-se por distúrbios no controle dos impulsos e da conduta agressiva e explosiva. Segundo o livro; O Reizinho da Casa (2023, p.18) “O transtorno desafiador opositivo é uma condição comportamental comum entre crianças de idade escolar e pode ser definido como um padrão persistente de comportamentos negativistas, hostis, desafiadores e desobedientes observado nas interações sociais da criança com adultos e figuras de autoridade de uma forma geral, como pais, tios, avós e professores, podendo estar presente também em seus relacionamentos com amigos e colegas de escola”.

De acordo com a Classificação Internacional de Doenças – CID 10, publicado pela Organização Mundial da Saúde, o TOD é codificado pelo cid-10 F.91.3 (Transtorno desafiador e de oposição). E esse distúrbio infantil está relacionado a comportamento desafiador e desobediente a pessoas com autoridade, que envolve fatores genéticos e ambientais para o seu manifesto.

O TOD pode afetar todo o desempenho da criança e o seu rendimento escolar, além de comprometer a sua convivência social, já que nas interações com professores,

funcionários e colegas de classe o aluno com TOD apresenta tais dificuldades em aceitar regras e desafia aqueles que lhes impõem limites.

> o aluno tende a desafiar professores e demais funcionários que tentam lhe impor limites, persistem na violação de normas sociais, rotineiramente brigam com os colegas, não realizam tarefas extraclasse, culpam aos outros por seu comportamento hostil e apresentam baixo rendimento escolar trazendo limitações acadêmicas e sociais às crianças ou aos adolescentes. Quanto ao baixo rendimento escolar que estes alunos podem apresentar, diferentes autores abordam que esses transtornos psiquiátricos não apresentam ligação direta com dificuldade de aprendizagem. No entanto, o transtorno pode potencializar prejuízos na atenção dos seus portadores no processamento de linguagem e na aquisição de novas informações, o que pode causar repetência e evasão escolar. Além disso, o transtorno pode incidir no trabalho do professor com os demais alunos individual e coletivamente, uma vez que pode promover agressões verbais e físicas aluno-aluno e aluno-professor (OLIVEIRA & COSTA, 2021, p.362).

Diante disso, torna-se essencial a criação de estratégias de apoio e intervenções para o enfrentamento voltado para a redução desse comportamento destrutivo e prejudicial.

Esse comportamento nos anos iniciais da criança chama atenção para a possibilidade de diversas causas que se atrelam aos abusos sofridos, necessidade de atenção, criação em ambiente hostil e violento que repercutem nas respostas comportamentais negativas. Sendo possível diagnosticar a partir de alguns critérios de comportamento conforme descrevem Grevet et al., (2007):

> Para o diagnóstico de TOD são necessários pelo menos quatro dos seguintes sintomas: 1) encoleriza-se freqüentemente; 2) discute com adultos ou figuras de autoridade; 3) costuma desafiar as regras dos adultos; 4) faz coisas deliberadamente para aborrecer a terceiros; 5) culpa os outros pelos seus próprios erros; 6) se sente ofendido com facilidade; 7) tem respostas coléricas quando contrariado; e 8) é rancoroso e vingativo quando desafiado ou contrariado (GREVET et al., 2007, p.35)

Logo, a fim de evitar rótulos e prognósticos precipitados, a criança precisa ser atendida por um médico especialista da psiquiatra ou neurologista infantil para obter uma avaliação mais precisa do quadro clínico e eliminar suspeitas não relacionadas ao diagnóstico mais preciso. E a partir das queixas iniciais dos pais acerca dos comportamentos dos filhos, o médico irá avaliar se estes destoam do comportamento considerado normal.

E neste caso de confirmação diagnóstica mediante laudo médico, é preciso intervenção terapêutica visto que é transtorno disruptivo de ordem psiquiátrica muito mais frequente na infância e que se relaciona a personalidade antissocial.

> De acordo com o extremismo, a duração e a consistência dos comportamentos antissociais são pontos importantes para diferenciar crianças que podem ser diagnosticadas com transtorno da conduta de crianças em desenvolvimento normal (BARLETTA, 2011, p. 26)

Diante disso, é preciso cautela para concluir a suspeita do diagnóstico, pois pode ocorrer dos sintomas do comportamento ser confundido com outros transtornos de conduta e o tratamento sugerido não ser o mais adequado, desta forma, recomenda-se que mais de um especialista esteja envolvido no processo de acompanhamento, proporcionando assim, uma conclusão mais precisa.

2.2. O PAPEL DO PEDAGOGO FRENTE À DEMANDA DE ALUNOS COM TOD

A escola e o professor têm o papel fundamental em direcionar a educação em sala de aula de modo a garantir o entusiasmo do aluno, mesmo que este apresente limitações. E quando se trata de alunos com comportamentos disfuncionais como é o caso dos que apresentam o diagnóstico de TOD ou mesmo dos que não apresentam o diagnóstico, mas, que apresentam os sintomas já que, é possível sim percebê-los em sala de aula, pode afetar a aprendizagem e as relações interpessoais na escola. Conforme afirma o livro: O Reizinho da Casa (2023, p.19) “Os sintomas aparecem em vários ambientes, mas é na sala de aula e em casa que estes podem ser mais bem-observados”. Inclusive, o aluno com TOD precisa de tratamento especializado a fim de não se agravar o quadro e conduzir para um grau de periculosidade atrelado à criminalidade na vida adulta.

Sobre esse assunto, é possível concordar com Oliveira & Costa (2021) que entendem esses comportamentos agressivos, imperativos, de intolerância à frustração presentes no TOD quando agravados levam a conduta antissocial como o transtorno de conduta (TC) e atos criminosos com o decorrer do tempo, quando não tratados.

> Quando não tratado o TOD pode evoluir para o TC, que, caracterizado como um transtorno mais grave, apresenta padrões persistentes de conduta dissocial, agressiva ou desafiante. Crianças e adolescentes com TC expressam comportamentos vingativos, rancorosos, explosivos, com perda rápida de temperamento, reagindo de maneira agressiva às pessoas e animais, destruindo propriedade e apresentando um padrão de roubo ou de falsidade. (OLIVEIRA; COSTA, 2021, p.361)

Visto que os alunos com TOD apresentam suas particularidades e necessidades, isso para o pedagogo em algumas situações pode ser desafiador ao ter que lidar com as diversidades de personalidades e reações de alunos. Pois o profissional nem sempre tem o preparo e as habilidades necessárias para lidar com alunos com transtornos ou deficiências, o que requer especialização e educação continuada para o aprimoramento do conhecimento que vai além da didática da sala de aula.

No entanto, é preciso que o professor estimule habilidades pedagógicas em sala de aula para que por meio de diversas práticas incentive o apreço pela leitura e escrita de modo que isso se torne um hábito e desperte o interesse para a participação das

atividades desenvolvidas. E a partir daí pode-se pensar, por exemplo, na produção de um repertório de habilidades discriminativa e manipulativa para desenvolver a consciência fonológica.

> a noção de que as relações entre o desenvolvimento de consciência fonológica e a aquisição de leitura e escrita são de reciprocidade e interdependência: a consciência fonológica facilita a aquisição de leitura e de soletração, mas a aquisição de leitura e escrita, por sua vez, favorece o pleno desenvolvimento e o refinamento das habilidades de consciência fonológica, especialmente a consciência fonêmica. (BERNARDINO, 2006, p. 426)

Assim, não basta apresentar um repertório sofisticado na exposição da língua escrita e falada, pois o aluno precisa ser capaz de identificar os fonemas de forma individual sendo bem instruído para diferenciar os elementos fonêmicos dos gráficos em um determinado texto.

> o foco no conhecimento fonológico não exclui a ideia de que as crianças operam desde muito cedo com informações advindas do seu trânsito por práticas de letramento, posto que vivem em uma sociedade grafocêntrica e estão expostas às formas escritas de sua língua, visualizando-as e experimentando-as, em maior ou menor escala, constituindo assim seu léxico ortográfico inicial. Tampouco se exclui a ideia de que a criança precisa dominar conhecimentos relacionados ao alfabeto, os quais englobam o traçado e o nome das letras, bem como aqueles relacionados à grafostática. MIRANDA, 2020, p. 3)

Então, é preciso considerar o que a criança sabe, que hipótese formula, a natureza do erro que a criança produz quando está no início da escolarização, além de ponderar o sistema de escrita e fonologia do idioma português brasileiro.

No caso do alunos com TOD, essa aprendizagem pode ficar comprometida visto que podem ocorrer episódios de mudança de comportamento durante a aula como irritação, intolerância a obedecer ordens, atrasos no desenvolvimento cognitivo, dificuldades de socialização e comunicação, além de condutas agressivas e explosivas que podem desestabilizar a condução das aulas e pôr em risco a vida da comunidade escolar.

> No âmbito escolar, esse círculo não afeta só o desempenho escolar do portador, mas também de toda a turma, que passa a questionar a autoridade do professor, e caso a criança com TOD seja líder entre os outros alunos, este pode dar maus exemplos. Quando não há presença de outros transtornos associados, possuem inteligência suficiente para um bom desempenho escolar. Porém, se recusam a interagir com os colegas e professores, resistem às tarefas escolares determinadas e insistem em resolver seus problemas sozinhos (SILVA, et al., 2022, p.3)

E no processo de ensino-aprendizagem em sala de aula, o pedagogo normalmente

utiliza como metodologia para as práticas estimuladoras os conteúdos da leitura silenciosa, narrativa de histórias, produção textual com viés argumentativo, socialização de textos, leitura oral ritmada e com entonação, a identificação do usos de sinais gráficos para produção de sentidos das palavras, identificação de temas textuais e utilização de recursos audiovisuais como vídeos, músicas que de forma educativa e didática poderão ajudar os alunos em fase de alfabetização a produzirem pensamentos críticos e culturais também.

Dentre as diversas práticas estimuladoras pode-se incluir atividades que envolvam a diversificação de livros, repetição da leitura de diferentes formas, encenação teatral onde a criança é um dos personagens, utilização de tecnologias como vídeos de contação de histórias e jogos com historinhas infantis, saraus, e criação de um cantinho de leitura e de biblioteca infantil.

> As aprendizagens da leitura e da escrita parecem não ocorrer ao mesmo tempo na fase de consolidação da alfabetização. Habilidades de decodificação tendem a ser aprendidas antes de habilidades de codificação, o que indica uma maior complexidade da escrita em relação à leitura nesse período de aprendizagem da língua. (ROCHA; MARTINS, 2014 p.997)

Logo, o professor deve atentar que esse aprendizado considera a necessidade de o aluno lidar com frustrações, conquista de autonomia, autoconfiança, adaptação a regras sociais e convivência e isso, muitas vezes, acaba se tornando complexo para aqueles alunos que possuem transtornos como o TOD, por exemplo.

Desta forma, quando é possível localizar a origem dos obstáculos e identificar motivos que impossibilitam o aluno de aprender de modo satisfatório torna-se muito mais viável orientar a equipe pedagógica e a família destes alunos para que estes recebam o atendimento especializado e adequado. Vale ressaltar que, o pedagogo não decide sozinho o plano de aula ou o tratamento dispensado para os alunos. É preciso que a tomada de decisões passe pelo crivo da gestão pedagógica que junto com a equipe pedagógica alinham as ações educativas.

> Considerar o que os pais/responsáveis têm a declarar permite conhecer a visão do lugar ocupado pela escola em suas vidas e, ainda, observar como os diferentes grupos de pais/responsáveis percebem e demandam esta instituição em dependência de sua posição social. Chamá-los ao diálogo possibilita, também, identificar os grupos que muitas vezes são considerados, equivocadamente, como despreocupados e pouco valorosos da escola (ALMEIDA; FERRAROTTO; MALAVASI, 2017, p.651)

Com isso, entende-se que a escola só consegue atender melhor às necessidades dos alunos com a participação das famílias destes, visto que a família é a ponte para as informações referentes a situação do aluno com relação a saúde, limitações, restrições e comportamentos.

No entanto, para o pedagogo e para gestão escolar é complexo lidar com as questões de saúde mental e comportamental dos alunos que acabam interferindo no

processo de ensino-aprendizagem, pois para diagnosticar problemas e resolvê-los requer expertise visto que alguns alunos com transtornos, por exemplo, são mais difíceis de lidar como é o caso dos que possuem TOD e a estrutura da escola nem sempre é adaptada para o atendimento especializado, o que exige mais dos professores por exemplo, para dar conta das demandas em sala de aula.

A este respeito, Nascimento et al., (2022) pontua que a interação das famílias com a escola é uma chave para o bom desempenho do trabalho da escola com os alunos com TOD e por isso é preciso se apropriar do conhecimento das famílias e da influência dela sobre os filhos que acabam repercutindo em sala de aula.

> É importante que os trabalhos desenvolvidos através da comunidade escolar, contribuam para o crescer e desenvolver de todos, oferecendo oportunidades de aprendizados significativos. Entendemos que existe uma necessidade de mais conhecimento dos pais e professores acerca do transtorno e das especificidades que as crianças carregam, vale salientar que enxergar as especificidades nota aqui não uma atitude estigmatizante, mas sim, uma consideração de que todos os sujeitos possuem especificidades e é necessário entender quais são as das pessoas com o TOD. Além do desenvolvimento em conjunto de atividades formativas, com base na conceituação dos transtornos e das necessidades por trás dos mesmos, para os pais assim como trabalhos que fortaleçam os vínculos entre essas famílias e a escola (NASCIMENTO et al., 2022, p. 9)

Por isso, é importante pontuar o conflito existente entre manter o equilíbrio ao tentar dar conta de todo um arcabouço de ditames legais que valorizam a educação participativa e ter que aceitar uma administração com viés mais empresarial que vai de encontro a valorização do profissional. Questiona-se diante disso, como um gestor por exemplo, poderá manter as equipes motivadas e engajadas para desempenharem seus papéis sem que isso comprometa as estruturas da organização.

Gerenciar equipes é complexo devido a necessidade de lidar com as subjetividades dos colaboradores, compreender as necessidades deles e ainda fazer as manobras cabíveis para conseguir aliar essas demandas com o cumprimento dos objetivos institucionais.

> Os indivíduos ao trabalharem em equipe se comportam de maneira diversa do trabalho individual, pois são direcionados por um líder para atuar em cooperação exercitando a troca de experiências e informações. Neste sentido, os gerentes ou líderes precisam não só promover a interação entre os membros da equipe, mas também identificar padrões de comunicação entre eles para desenvolver elementos chave que melhoram o desempenho da equipe (LIBOREIRO; BORGES, 2018, p. 6)

Desta forma, gerir uma equipe de educação requer planejamento, organização, responsabilidade e compromisso com os resultados esperados. É preciso inteligência emocional para buscar resolver questões burocráticas, desenvolver a aprendizagem

recíproca e construir uma rede de compartilhamento para um ambiente saudável para promover conhecimento.

Sendo assim, a partir do momento em que a escola e o professor conhecem a história de vida do aluno, a rotina familiar, inclui a família do educando no cotidiano escolar e adota metodologias pedagógicas ativas que se encaixam no perfil de cada aluno, inclusive, utilizando atividades lúdicas, ferramentas tecnológicas de modo a promover a inclusão social nas escolas, torna-se mais viável contornar as dificuldades de aprendizagem.

Mas quando essas possibilidades de enfrentamento são ignoradas, não tentando nem mesmo experimentar a diversidade de metodologias ativas no processo educacional para os alunos com TOD, muitas das vezes, tende-se a culpar tanto o aluno como a família por não haver a contrapartida na educação compartilhada. Deste modo, é quase impossível se promover a educação de qualidade e atender as necessidades específicas dos alunos, haja vista que o processo de aprendizagem ocorre em parceria. Entende-se que família e escola trabalham juntas para alcançarem bons resultados no desempenho escolar dos alunos, mesmo aqueles que possuam o TOD, visto que o acompanhamento desses alunos é mais especializado e necessita de uma equipe multidisciplinar.

3. PROCEDIMENTO METODOLÓGICO

A pesquisa foi pautada na metodologia de verificação bibliográfica do tipo qualitativa que tem por característica a verificação de dados que não se pode mensurar apenas por números ou coletas de dados, mas busca entender aspectos mais subjetivos que neste caso iremos usar como base as opiniões de autores, pois como explica Minayo (2001)

> A pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ela se preocupa, nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo de significados (MINAYO, 2001, p. 21)

Desta forma, a pesquisa partiu da revisão de obras publicadas de autores que nortearam a discussão deste artigo acadêmico, apoiando assim, os argumentos produzidos.

Vale dizer que esses métodos foram indispensáveis para a construção do pensamento crítico, o qual sem o um pressuposto teórico não seria possível. Os dados levantados foram criteriosamente analisados e interpretados à luz do conhecimento científico na tentativa de explorar a peculiaridade do ponto de vista dos autores.

4. RESULTADOS E DISCUSSÕES

Os dados levantados foram analisados conforme os objetivos especificados na pesquisa e corroborados com outras pesquisas de autores que investigaram o mesmo tema.

A respeito de um dos objetivos, constatou-se que as crianças que desenvolvem o transtorno têm relação a fatores ambientais embora possam ter alguma relação com as mudanças neuroquímicas do cérebro que afetam a personalidade e consequentemente o

comportamento. As pesquisas apontaram que é comum que estas crianças diagnosticadas tenham sido criadas sem limites por pais agressivos, hostis, abusadores e violentos. Isto implica no reflexo da conduta da criança que emite comportamentos explosivos, imponente gerando emoções e sentimentos negativos.

Em outro dos objetivos abordados, evidenciou-se que os pedagogos encontram desafios ao lidar com alunos com TOD visto que estes não conseguem bom desempenho escolar e devido a agressividade e impulsividade não se relacionam bem com a comunidade escolar. Desta forma, o pedagogo, juntamente com a gestão pedagógica precisam criar estratégias para evitar que essa conduta antissocial do aluno com TOD interfira nas ações pedagógicas e afete a saúde mental e física dos outros alunos e demais funcionários.

Como estratégia de enfrentamento, pode-se adotar as metodologias ativas a fim de motivar e estimular os alunos de forma criativa e interativa, e além disso a participação da família se faz necessária nesse processo de aprendizagem dos filhos com TOD.

Silva, Santos e Alencar (2021), confirmam que diante dessas dificuldades dos alunos com transtornos mentais, é essencial a aplicação de estratégias de inclusão.

> A fim de solucionar tais dificuldades, é importante que, inicialmente, elas sejam identificadas, para que, posteriormente, ações futuras possam ser pensadas e colocadas em prática. É preciso estabelecer estratégias que atendam as práticas inclusivas, de modo que se desenvolva um sistema educacional unificado que seja flexível e que tenha recursos necessários para atender às necessidades dos alunos (SANTOS; SILVA; ALENCAR, 2021 p.437)

Desta forma, fica claro que o pedagogo, os pais e os gestores escolares precisam criar rotinas estimulantes para o fortalecimento da regulação emocional das crianças que apresentam o transtorno opositor desafiador, pois estes necessitam de adequações ideais no ambiente favorecendo assim uma melhor oportunidade de aprendizagem da criança.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do que foi pesquisado e analisado, sobre o transtorno opositor desafiador, pode-se concluir que as crianças que apresentam esse diagnóstico, precisam de atendimento humanizado e especializado nas escolas. Não se deve prognosticar como um comportamento rebelde rotulando o aluno, mas sim, junto com a família buscar compreender os fatores que levam a conduta antissocial e juntamente com profissionais qualificados, proceder o tratamento adequado.

Na escola, o pedagogo apesar de enfrentar as imposições da gestão que nem sempre é democrática, precisa também lidar com as pressões das famílias dos alunos e isso muita das vezes compromete a produtividade do profissional. E como mecanismo de enfrentamento aos desafios trazidos pelos alunos com TOD, a utilização de metodologias ativas tem sido uma excelente ferramenta para flexibilizar o ensino e melhorar o desempenho dos alunos.

Sendo assim, a pesquisa mostrou-se de grande valia para o conhecimento acadêmico, para a universidade e para sociedade em geral, visto que foi possível esclarecer o contexto de trabalho do pedagogo que atua com alunos com transtornos

mentais, trazendo uma reflexão acerca das possibilidades de melhorias no ensino de crianças com transtorno opositor desafiador.

REFERÊNCIAS

[1] Almeida, L. C., Ferrarotto, L., & Malavasi, M. M. S. (2017). Escola Vista de Fora: o que dizem as famílias? Educação & Realidade, 42(2), 649–671. https://doi.org/10.1590/2175-623656159

[2] BARLETTA, Janaína Bianca. Avaliação e intervenção psicoterapêutica nos transtornos disruptivos: algumas reflexões. Rev. bras. ter. cogn., Rio de Janeiro, v. 7, n. 2, p. 25-31, dez. 2011. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1808-56872011000200005&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 06 nov. 2023.

[3] Bernardino Júnior JA, Freitas FR, Souza DG de, Maranhe EA, Bandini HHM. Aquisição de leitura e escrita como resultado do ensino de habilidades de consciência fonológica. Rev bras educ espec [Internet]. 2006 Sep;12(3):423–50. Available from: https://doi.org/10.1590/S1413-65382006000300009

[4] Grevet EH, Salgado CAI, Zeni G, Belmonte-de-Abreu P. Transtorno de oposição e desafio e transtorno de conduta: os desfechos no TDAH em adultos. J bras psiquiatra [Internet]. 2007; 56:34–8. Available from: https://doi.org/10.1590/S0047-20852007000500008

[5] Liboreiro, K. R., & Borges, R. S. G. e. (2018). GESTÃO DE EQUIPES DE ALTO DESEMPENHO: ABORDAGENS E DISCUSSÕES RECENTES. *Gestão & Regionalidade*, *34*(102). https://doi.org/10.13037/gr.vol34n102.4316

[6] Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais [recurso eletrônico]: DSM-5 / [American Psychiatric Association ; tradução: Maria Inês Corrêa Nascimento ... et al.]; revisão técnica: Aristides Volpato Cordioli ... [et al.]. – 5. ed. – Dados eletrônicos. – Porto Alegre: Artmed, 2014.

[7] MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). Pesquisa Social. Teoria, método e criatividade. 18 ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

[8] MIRANDA, A.R.M. ARTIGO - UM ESTUDO SOBRE A NATUREZA DOS ERROS (ORTO) GRÁFICOS PRODUZIDOS POR CRIANÇAS DOS ANOS INICIAIS. Educ rev [Internet]. 2020;36:e221615. Available from: https://doi.org/10.1590/0102-4698221615

[9] NASCIMENTO, Emanuely Cristina De Souza et al. Transtorno opositivo desafiador e educação: aproximações na produção acadêmica brasileira. Anais VIII CONEDU. Campina Grande: Realize Editora, 2022. Disponível em: <https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/88508>. Acesso em: 05/11/2023 11:31

[10] Oliveira, D. C. B. & Costa, D. R. M. da. (2021). Revisão da literatura sobre Transtorno Opositivo Desafiador e Transtorno de Conduta: causas/proteção, estratégia escolar e relação com a criminalidade. *Ciências & Cognição*, *26*(2).Recuperado de http://www.cienciasecognicao.org/revista/index.php/cec/article/view/1651

[11] Rocha, G., & Martins, R. F. (2014). A apropriação de habilidades de leitura e escrita na alfabetização: estudo exploratório de dados de uma avaliação externa. *Ensaio: Avaliação E Políticas Públicas Em Educação*, *22*(85), 977–1000. https://doi.org/10.1590/S0104-40362014000400006

[12] SANTOS, B. T. do A. dos; SILVA, J. C. de F. da; ALENCAR, G. P. de. Desafios e Práticas Inclusivas ao Aluno com Transtorno Opositor Desafiador na Educação Física Escolar: um Estudo de Revisão Integrativa. Revista de Ensino, Educação e Ciências Humanas, *[S. l.]*, v. 22, n. 3, p. 433–439, 2021. DOI: 10.17921/2447-8733.2021v22n3p433-439. Disponível em: https://revistaensinoeeducacao.pgsscogna.com.br/ensino/article/view/9090. Acesso em: 6 nov. 2023.

[13] Silva TS, Fontoura JS, Carvalho VAeS, Maia GA. TOD: perspectivas comportamentais e sua associação ao TDAH e à TC. Resid Pediatr. 2022;12(1):1-4 DOI: 10.25060/residpediatr-2022.v12n1-433

[14] TEIXEIRA, G. O reizinho da casa: Manual para pais de crianças opositivas, desafiadoras e desobedientes. / Gustavo Teixeira. – 13. ed. - Rio de Janeiro: *BestSeller*, 2023.